

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ANDRÉ GONÇALVES MELLAGI**

***Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento**

**São Paulo  
2016**

ANDRÉ GONÇALVES MELLAGI

***Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento**

(Versão Original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Área de Concentração:

Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Geraldo José de Paiva

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Mellagi, André Gonçalves.

*Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento / André Gonçalves Mellagi; orientador Geraldo José de Paiva. -- São Paulo, 2016.

155 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Psicologia da religião 3. Estresse 4. Estilo de enfrentamento 5. Força de paz I. Título.

BL53

Nome: André Gonçalves Mellagi

Título: *Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
Doutor em Psicologia

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

***Ao Cassio,  
que me faz reaprender o mundo***

## **AGRADECIMENTOS**

À minha esposa Mariana, pela compreensão e o apoio sem o qual não teria sido possível concluir este trabalho. Pelas conquistas e pelo esforço – e mesmo sacrifício – durante essa jornada;

Ao Prof. Dr. Geraldo José de Paiva, pela orientação, disponibilidade e contribuição inestimável ao estudo da Psicologia da Religião no Brasil;

Ao General de Brigada David Anísio de Oliveira Júnior, pela liderança desempenhada no BRABAT 19 e pelo apoio e confiança em meus trabalhos;

Ao General de Brigada Arno Ribeiro Jardim Júnior, quando diretor do HMASP, por autorizar minha ida à Missão de Paz;

Ao Tenente-Coronel Marcos Vinicius Serrenho de Carvalho, por apoiar minha seleção e coordenar as atividades do G1, seção à qual eu pertencia;

Aos companheiros de trabalho do BRABAT 19, especialmente a toda equipe do Destacamento de Operações Psicológicas e ao Tenente Juliano Borges Machado, por terem me acompanhado em todas companhias do batalhão e fases da missão, exercendo o imprescindível compartilhamento de informações e situações que exigiam nossa pronta intervenção;

Aos demais companheiros do BRABAT 19, aos soldados, cabos, sargentos, subtenentes e oficiais que cumpriram a missão e forneceram-me todo apoio quando necessário. Especialmente ao Major Augusto, Major Campos Mota, Major Gabriel, Major Gondim, Capitão Pádua, Capitão Eric Lessa, Capitão Campos, Capitão Hanada, Tenente Roberto, Tenente Madureira, Tenente Filinto, Tenente Nunes, Tenente Marcos Leite, Tenente Thales, Tenente Zaqueu e tantos outros que estiveram comigo nos seis meses de missão;

À 3ª Companhia de Fuzileiros de Força de Paz, especialmente ao Capitão Jeremias e ao Capitão Roberto Júnior, pelas atividades e apoio prestado ao trabalho realizado em acampamento de IDP em Parc Isidor;

À equipe do Centro de Estudos de Pessoal que me recebeu antes da missão para orientação do trabalho do psicólogo nas Missões de Paz, além de prestar auxílio aos meus trabalhos por ocasião das avaliações realizadas em solo haitiano;

A Pierre Philippe Cajou, pelas aulas de *créole* e de cultura haitiana em Campinas, além de seu estudo sobre o processo de democratização do Haiti realizado na pós-graduação da UNICAMP;

À equipe do HMASP de saúde mental, especialmente ao Major Saraiva, às Tenentes Gislaine Tupinambá, Mariana Resener, Marina Castro e à psicóloga Mara Lígia, por prestarem apoio às necessidades do Serviço de Psicologia do HMASP e pela disponibilidade de auxílio à minha família na minha ausência;

Aos colegas do Laboratório de Psicologia Social da Religião, pelo crescimento mútuo nas diversas áreas do tema e pelo interesse demonstrado por esta pesquisa;

Aos meus pais Americo e Ana Maria, às minhas irmãs Ana Paula e Ana Beatriz, por estarem sempre presentes nas atribuições e nas conquistas;

A todos amigos que puderam acompanhar esta trajetória, mesmo à distância, e que estiveram de alguma forma presentes acompanhando as notícias de minha experiência no Haiti;

A todos, meus sinceros agradecimentos.

***Nèg di san fè, Bondye fè san di***  
***(O homem diz mas não faz, Deus faz mas não diz)***

Provérbio Haitiano

***“O segredo da existência humana consiste não somente em viver,  
mas ainda em encontrar um motivo de viver”***

Dostoiévski



## RESUMO

Mellagi, A. G. (2016). *Peacekeepers e controle do estresse nas missões de paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente estudo propôs investigar os modos de enfrentamento dos guardiões da paz (*peacekeepers*), militares do Exército Brasileiro que participaram do contingente 15 (entre 2011 e 2012) e do contingente 19 (entre 2013 e 2014), sendo que neste último o pesquisador participou na função de psicólogo do batalhão brasileiro. Desde 2004, o Brasil tem enviado tropas e liderado o componente militar supranacional da MINUSTAH, a missão da ONU para estabilização do Haiti. Nos seis meses que cada contingente é mobilizado para a missão de paz, os militares enfrentam diversos desafios: o risco das operações, a distância da família, o confinamento e outros estressores inerentes a este tipo de missão. O estudo concentrou-se na análise do enfrentamento e na construção do sentido. Em particular, investigou de maneira mais aprofundada o modo de enfrentamento religioso. Para a análise quantitativa, utilizou um formulário geral para coleta de dados do perfil e da vida religiosa de cada participante nos dois contingentes; aplicou uma Escala de Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP) e outra escala de *coping* religioso/espiritual na versão breve (CRE-Breve). Na parte qualitativa, coletou o relato de oito capelães militares que participaram da missão de paz no Haiti em diferentes contingentes, cujos depoimentos puderam descrever as relações da religião institucionalizada praticada nas bases militares com o enfrentamento religioso e estressores da missão. As análises dos dados, juntamente com o depoimento dos capelães e a experiência do pesquisador na missão *in loco*, revelaram que os modos de enfrentamento são em geral mais focados no problema. As estratégias de *coping* religioso apresentaram similaridade entre os contingentes tomados separadamente, mas variavam conforme grupos categorizados em cada contingente, a saber, entre oficiais e praças e entre grupos de católicos e evangélicos pentecostais. A análise mostrou maior uso de *coping* religioso positivo em geral em todas as amostras, maior uso significativo de *coping* religioso negativo entre praças e evangélicos em comparação com oficiais e católicos, além de maior uso de determinados fatores de *coping* religioso, tanto positivos quanto negativos, em evangélicos. Os relatos dos capelães militares, juntamente com os dados analisados, salientaram a característica situacional do enfrentamento enquanto processo, contextualizado no momento da missão, nos grupos específicos e nos estressores que os *peacekeepers* se deparam ao longo da missão. A revisão da literatura sobre estressores, enfrentamento e *coping* religioso em ambientes de combate e missões de paz, indica que as situações de crise suscitam percepções de incerteza e desamparo, e o papel da religião pode tanto amenizar a instabilidade e beneficiar o indivíduo na criação de sentido e resiliência, quanto prejudicar ao se tornar mais um evento gerador de estresse. Considerar a miríade de formas que a religião desempenha no processo de enfrentamento, capacitará aos profissionais de saúde e aos capelães militares uma melhor compreensão sobre os sentidos resilientes ou vulneráveis que os militares levam à missão.

Palavras-chave: Psicologia Social. Psicologia da religião. Estresse. Estilo de enfrentamento. Força de paz

## ABSTRACT

Mellagi, A. G. (2016). *Peacekeepers and stress management in peacekeeping operations: a study of the roles of religion in the coping process*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This study aims to investigate the coping strategies of peacekeepers, Brazilian Army's soldiers who participated in the contingent 15 (between 2011 and 2012) and contingent 19 (between 2013 and 2014), and in the latter the researcher participated as the psychologist of the Brazilian battalion. Since 2004, Brazil has sent troops and led the military supranational component of MINUSTAH, the UN mission to stabilize Haiti. Within six months of each contingent mobilized for the peacekeeping mission, the military face several challenges: the risk of operations, the distance from the family, the containment and other stressors inherent from this type of mission. The study focused on the analysis of coping and the meaning-making. In particular, it investigated more deeply on religious coping styles. For quantitative analysis, we used a general form for profile data collection and religious life of each participant in both continents; applied a Combat Modes Problems Scale (EMEP) and a scale of religious/spiritual coping in the short version (CRE-Brief). In the qualitative part, we collected reports of eight military chaplains who participated in the peacekeeping mission in Haiti in different contingents, whose testimony could describe the relationships of institutionalized religion practiced in military installations with religious coping and mission stressors. The analysis of the data, along with the testimony of chaplains and the experience of the researcher in the mission on the spot, revealed that coping strategies are more problem-focused. The religious coping strategies showed similarity between the contingent taken separately, but varied according categorized groups in each contingent, namely, between officers and enlisted ranks and between groups of Catholics and Pentecostals. The analysis showed greater use of positive religious coping in general in all samples, most significant use of negative religious coping among enlisted ranks and evangelical compared with officers and Catholics, as well as greater use of certain factors of religious coping, both positive and negative, in Pentecostals. Reports of military chaplains, along with the data analyzed, pointed situational characteristic of coping as a process, contextualized in the emplacement of the mission, in specific groups and in the stressors that peacekeepers face throughout the mission. The literature on stress, coping and religious coping in combat environments and peacekeeping missions indicates that the crisis raises uncertainty and helplessness perceptions, and the role of religion can both mitigate instability and benefit the individual creating sense and resilience, or harm as a stressor. Considering the myriad ways that religion plays in the coping process, enable health professionals and military chaplains a better understanding of the resilient or vulnerable senses that the military bring to mission.

**Keywords:** Social Psychology, Psychology of Religion, Stress, Coping Styles, Peacekeeping Operations.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos militares do EB do BRABAT 19 por posto e graduação	34
Gráfico 2: Estado civil dos militares do EB do BRABAT 19	34
Gráfico 3: Motivações	39
Gráfico 4: Expectativas	39
Gráfico 5: Distribuição de “Escolaridade” por Contingente	72
Gráfico 6: Distribuição de “Patente” por Contingente	73
Gráfico 7: Distribuição do contingente 19 por subunidade	74
Gráfico 8: Distribuição de filiação religiosa por Contingente	76
Gráfico 9: Distribuição de “Freq. Templo” por Contingente	78
Gráfico 10: Distribuição de “Capelania Militar no Brasil” por Contingente	79
Gráfico 11: Distribuição de “Capelania Militar na MINUSTAH” por Contingente	79
Gráfico 12: Compara Contingentes para EMEP	84
Gráfico 13: Compara Contingentes para CRE	85
Gráfico 14: Compara Contingentes para CRE Fatores	85
Gráfico 15: Compara Patentes do Contingente 15 para EMEP	86
Gráfico 16: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE	87
Gráfico 17: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE Fatores	88
Gráfico 18: Compara Patentes do Contingente 19 para EMEP	89
Gráfico 19: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE	90
Gráfico 20: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE Fatores	91
Gráfico 21: Compara Patentes para EMEP	92
Gráfico 22: Compara Patentes para CRE	93
Gráfico 23: Compara Patentes para CRE Fatores	94
Gráfico 24: Compara Religião do Contingente 15 para EMEP	95
Gráfico 25: Compara Religião do Contingente 15 para CRE	96
Gráfico 26: Compara Religião do Contingente 15 para CRE Fatores	97
Gráfico 27: Compara Religião do Contingente 19 para EMEP	98
Gráfico 28: Compara Religião do Contingente 19 para CRE	99

Gráfico 29: Compara Religião do Contingente 19 para CRE Fatores	100
Gráfico 30: Compara Religião para EMEP	101
Gráfico 31: Compara Religião para CRE	102
Gráfico 32: Compara Religião para CRE Fatores	103

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição do Efetivo por Companhia	32
Tabela 2: Religião dos militares do EB do BRABAT 19	35
Tabela 3: Nível de escolaridade dos militares do EB do BRABAT	35
Tabela 4: Descritiva Completa da Idade por Contingente	70
Tabela 5: Distribuição de “Estado Civil” por Contingente	71
Tabela 6: Distribuição de “Localidade” por Contingente	71
Tabela 7: Distribuição de “Escolaridade” por Contingente	72
Tabela 8: Distribuição de “Patente” por Contingente	73
Tabela 9: Distribuição do contingente 19 por subunidade	74
Tabela 10: Distribuição de “Estresse Afastamento” no Contingente 19	75
Tabela 11: Distribuição de “Estresse Convívio” no Contingente 19	75
Tabela 12: Distribuição de “Estresse Missão” no Contingente 19	75
Tabela 13: Distribuição de filiação religiosa por Contingente	76
Tabela 14: Distribuição de filiação religiosa	76
Tabela 15: Distribuição de “Freq. Templo” por Contingente	77
Tabela 16: Distribuição de “Capelania Militar no Brasil” por Contingente	78
Tabela 17: Distribuição de “Capelania Militar na MINUSTAH” por Contingente	79
Tabela 18: Distribuição de “IMP REL Dia-Dia” no Contingente 19	80
Tabela 19: Distribuição de “IMP REL Graves” no Contingente 19	80
Tabela 20: Descritiva Completa para os Escores de EMEP	81
Tabela 21: Descritiva Completa para os Escores de CRE	81
Tabela 22: Descritiva Completa para os Escores de Fatores	81
Tabela 23: Compara Contingentes para EMEP	83
Tabela 24: Compara Contingentes para CRE	83
Tabela 25: Compara Contingentes para CRE Fatores	83
Tabela 26: Compara Patentes do Contingente 15 para EMEP	86
Tabela 27: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE	87
Tabela 28: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE Fatores	87
Tabela 29: Compara Patentes do Contingente 19 para EMEP	89
Tabela 30: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE	89

Tabela 31: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE Fatores	90
Tabela 32: Compara Patentes para EMEP	92
Tabela 33: Compara Patentes para CRE	92
Tabela 34: Compara Patentes para CRE Fatores	93
Tabela 35: Compara Religião do Contingente 15 para EMEP	95
Tabela 36: Compara Religião do Contingente 15 para CRE	95
Tabela 37: Compara Religião do Contingente 15 para CRE Fatores	96
Tabela 38: Compara Religião do Contingente 19 para EMEP	98
Tabela 39: Compara Religião do Contingente 19 para CRE	98
Tabela 40: Compara Religião do Contingente 19 para CRE Fatores	99
Tabela 41: Compara Religião para EMEP	100
Tabela 42: Compara Religião para CRE	101
Tabela 43: Compara Religião para CRE Fatores	102
Tabela 44: Capelães Militares	104
Tabela 45: Distribuição de filiação religiosa por patente	115
Tabela 46: Coeficientes do Modelo de Regressão Logística para Católica	117
Tabela 47: Testes de Aderência do Modelo de Regressão Logística (Católico)	117
Tabela 48: Testes de Aplicação do Modelo de Regressão Logística (Católico)	118
Tabela 49: Coeficientes do Modelo de Regressão Logística para Evangélica	119
Tabela 50: Testes de Aderência do Modelo de Regressão Logística (Evangélico)	119
Tabela 51: Testes de Aplicação do Modelo de Regressão Logística (Evangélico)	119

## LISTA DE SIGLAS

11 Bda Inf L	11ª Brigada de Infantaria Leve
BRABAT	<i>Brazilian Battalion</i>
BRAENGCOY	Brazilian Engineering Company
C1, C2, C3...C8	Capelão 1, 2, 3...8
CCAp	Companhia de Comando e Apoio
CCFEx	Centro de Capacitação Física do Exército
CCOPAB	Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil
CEP	Centro de Estudos de Pessoa
Cia Fuz F Paz	Companhia de Fuzileiros de Força de Paz
CIMIC	<i>Civil-Military Coordination</i>
CMA	Comando Militar da Amazônia
CML	Comando Militar do Leste
CMP	Comando Militar do Planalto
CMS	Comando Militar do Sul
CMSE	Comando Militar do Sudeste
CRE	<i>Coping</i> Religioso-Espiritual
CRE-Breve	Escala de <i>Coping</i> Religioso-Espiritual versão Breve
CREN	<i>Coping</i> Religioso Espiritual Negativo
CREP	<i>Coping</i> Religioso Espiritual Positivo
CRETOT	<i>Coping</i> Religioso Espiritual Total
CSF2	<i>Comprehensive Soldier and Family Fitness</i>
DFS	<i>Department of Field Support</i>
DPKO	<i>Department of Peacekeeping Operations</i>
DOP	Destacamento de Operações Psicológicas
DOPAZ	Destacamento de Operações de Paz
EAOP	Exercício Avançado de Operações de Paz
EB	Exército Brasileiro
EBOP	Exercício Básico de Operações de Paz
EMEP	Escala Modos de Enfrentamento de Problemas
Esqd Fuz Mec	Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado
FPU	<i>Formed Police Unity</i>

GC	Grupo de Combate
Gpto Op FN	Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais
HMASP	Hospital Militar de Área de São Paulo
IDP	<i>Internally Displaced Persons</i>
MINUSTAH	<i>Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti</i>
N1	Fator de reavaliação negativa de Deus
N2	Fator de posicionamento negativo frente a Deus
N3	Fator de insatisfação com o outro institucional
N4	Fator de reavaliação negativa do significado
OM	Organização Militar
OMP	Operações de Manutenção da Paz
ONU	Organização das Nações Unidas
P1	Fator de transformação de si e/ou de sua vida
P2	Fator de ações em busca de ajuda espiritual
P3	Fator de oferta de ajuda ao outro
P4	Fator de posicionamento positivo frente a Deus
P5	Fator de ações em busca do outro institucional
P6	Fator de afastamento através de Deus/religião/espiritualidade
P7	Fator de busca pessoal de conhecimento espiritual
PNH	Polícia Nacional do Haiti
RazCRENP	Razão CREN/CREP
SAREx	Serviço de Assistência Religiosa do Exército
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático



## SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Características das Missões de Paz	20
a. Fundamentos e objetivos das missões de paz	20
i. Fundamentos e características	20
ii. Objetivos	21
iii. Princípios	22
b. O Haiti e a implantação da MINUSTAH	23
i. Formação da sociedade haitiana e história recente do Haiti	23
ii. A MINUSTAH	26
iii. Panorama numérico da MINUSTAH	30
c. O BRABAT 19	30
i. Características do batalhão brasileiro	30
ii. Atividades psicológicas	36
iii. A Capelania Militar	44
3. Estresse e <i>Coping</i>	46
a. Conceito de <i>Coping</i>	46
b. <i>Coping</i> religioso	49
c. Estressores e <i>coping</i> na guerra e nas missões de paz	53
4. Objetivos	65
5. Método	66
6. Resultados	69
a. Perfil das Amostras	69
b. Vida Religiosa	75
c. Resultados das Escalas EMEP e CRE-Breve	80
d. Capelães Militares	104
7. Discussão dos Dados	111
a. Perfil das amostras, EMEP e CRE-Breve	111
b. Capelães Militares	120
8. Considerações Finais	123

Referências	133
ANEXO A	138
ANEXO B	141
ANEXO C	142
ANEXO D	146
ANEXO E	153

## 1. INTRODUÇÃO

A profissão militar possui características próprias que a distinguem de outras profissões do meio civil. O ingresso na carreira militar exige um comprometimento com a hierarquia e a disciplina (pilares institucionais das Forças Armadas) e o risco constante de lesões e de morte. A formação do militar prevê o uso de armamentos e treinamentos que simulem uma situação de guerra e confronto, além de movimentações em diferentes organizações militares espalhadas pelo país, o que leva a família do militar a enfrentar desafios próprios referentes ao enraizamento e ao convívio social.

As relações internacionais do Brasil seguem em um de seus princípios a solução pacífica dos conflitos. Almejando uma visibilidade de destaque frente à comunidade internacional e guiando-se pela Política de Defesa Nacional (Decreto nº 5.484 de 30 de junho de 2005), o Brasil engaja-se em missões de paz para gerenciar crises em países estrangeiros. Esta diretriz estratégica faz com que se mobilizem batalhões em diversos continentes e atualmente o Brasil está ativo em 12 missões de paz coordenadas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O Brasil recebeu o papel de liderar o componente militar da MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*) a partir da Resolução 1542 da ONU, em 1º de junho de 2004, tornando-se seu maior desafio na história de participação em missões de paz. Além das tropas brasileiras, o *Force Commander* (líder militar da missão cuja função é ocupada por um general brasileiro) tem a incumbência de comandar e coordenar tropas de outros países participantes. Os militares brasileiros desde então compõem o maior efetivo militar entre as forças armadas de todos os países da missão, formando o Batalhão Brasileiro BRABAT (*Brazilian Battalion*), cuja área de operação concentra-se na cidade de Porto Príncipe, a capital haitiana.

Desde o início da missão de paz no Haiti, o contingente brasileiro enfrentou diversas etapas no processo de manutenção da paz, combatendo milícias armadas, lidando com a precária infraestrutura do país, convivendo com as difíceis condições socioeconômicas do povo haitiano e enfrentando até mesmo o insondável, como no caso do terremoto em 2010 que devastou o Haiti. O risco da missão, o abatimento no moral da tropa – principalmente quando perdas de companheiros são

repercutidas no grupo –, a distância de familiares e amigos, o embate com as diferenças culturais locais e estrangeiras de militares de outras nacionalidades, fazem com que a missão seja um desafio constante para o soldado brasileiro.

Diante das dificuldades com que o militar se depara durante essas missões de paz, que reúnem o afastamento do local de origem no período mínimo de seis meses, a inserção em situações conflitantes de alto risco, o choque cultural em outros países, o convívio com tropas estrangeiras e outras adversidades, faz-se necessário investigar as estratégias de enfrentamento a que os soldados recorrem diante de desafios inéditos à maioria que até então exercia suas atividades em solo brasileiro em tempos de paz.

Além do apoio de saúde enviado às missões de paz, formado por médicos e enfermeiros, o Serviço de Assistência Religiosa presta auxílio espiritual através das capelarias militares, cujos ministros religiosos são de denominação católica ou evangélica. O enfrentamento religioso dos militares em situações de crise durante a missão de paz lança perguntas sobre como este enfrentamento é realizado, e em que circunstâncias o recurso religioso é acionado, em meio a outras formas de enfrentamento. Os contingentes mais recentes do batalhão brasileiro também contaram com a participação de militares psicólogos, para auxiliar na avaliação e aprimoramento do clima organizacional e atender as necessidades daqueles que se encontravam em maior sofrimento vivencial, contribuindo para esclarecer e incentivar os recursos de enfrentamento ao estresse.

O enfrentamento (*coping*) diante das adversidades em uma missão de paz será o principal tema de estudo desta pesquisa, particularmente o enfrentamento religioso. Considerando que a religião fornece um repertório de ações que promove a busca e preservação do sentido, principalmente quando a espiritualidade preenche a fundação onde se constrói esse sentido ao indivíduo, ela já estará desempenhando seu papel de *coping*. Para atingir a compreensão do enfrentamento e da religiosidade no processo de *coping* nas missões de paz, utilizaremos escalas quantitativas e relatos de vivências de capelães militares que participaram dessas missões. Dois contingentes de militares do Exército Brasileiro que foram ao Haiti em diferentes anos serão estudados, sendo que em um deles houve a participação do pesquisador como psicólogo do batalhão. Também fará parte da pesquisa a vivência

do pesquisador, enquanto esteve exercendo suas atividades de psicólogo, para discussão do processo de enfrentamento e dos principais agentes estressores que acometeram o contingente no qual serviu.

O elemento central das operações de manutenção da paz são os militares de países participantes, tanto das Forças Armadas quanto de forças policiais, conhecidos como *peacekeepers* ou capacetes/boinas azuis. Serão os *peacekeepers*, guardiães da paz, o fundamento e propósito deste estudo.

## 2. CARACTERÍSTICAS DAS MISSÕES DE PAZ

### A. FUNDAMENTOS E OBJETIVOS DAS MISSÕES DE PAZ

#### i. Fundamentos e características

As OMP – operações de manutenção da paz (*peacekeeping operations*) – são uma entre tantas atividades da ONU e de outros agentes internacionais para manter a paz internacional e segurança pelo mundo. Fundamentam-se na Declaração Universal dos Direitos do Homem e no Direito Internacional Humanitário (ONU, 2008). Estas operações de manutenção da paz relacionam-se com outras atividades de segurança: prevenção de conflitos (*conflict prevention*), pacificação (*peacemaking*), aplicação da paz (*peace enforcement*) e construção da paz (*peacebuilding*). Em termos gerais podemos definir estas medidas de segurança da seguinte maneira:

Prevenção de conflitos: medidas diplomáticas que visam evitar a escalada das tensões e disputas intra ou interestados à violência. Abrange a coleta de informações e análise dos fatores que geram os conflitos.

Pacificação: após o conflito deflagrado, são medidas que envolvem ações diplomáticas para trazer as facções hostis à negociação. O Secretário Geral da ONU, a pedido do Conselho de Segurança ou da Assembleia Geral pode facilitar a resolução de conflitos com apoio de emissários, governos, grupos de Estados, organizações regionais ou não-governamentais.

Manutenção da paz: abordagem designada a preservar a paz, mesmo que frágil, quando o combate foi interrompido, e a dar assistência na implementação de acordos alcançados pelos pacificadores. As operações de manutenção da paz evoluíram de um modelo militar primário de observadores de cessar-fogo a um conjunto mais complexo de elementos militares, policiais e civis que cooperam para sustentar as fundações de uma paz prolongada.

Aplicação da paz: envolve a aplicação autorizada pelo Conselho de Segurança de medidas coercivas, inclusive força militar, para a restauração da paz quando ela é violada pelas partes hostis que ameaçam a segurança regional ou internacional.

Construção da paz: série de medidas com intuito de diminuir o risco de recidivas de conflitos ao fortalecer as capacidades nacionais de todos os níveis que possam gerenciar conflitos. É um processo complexo de longo prazo de criar condições necessárias para uma paz sustentada. Busca atuar nas causas estruturais dos conflitos violentos de uma maneira abrangente, aprimorando a capacidade do Estado e da sociedade em executar suas funções primordiais.

## ii. Objetivos

O caráter multidimensional das operações de manutenção da paz envolve a coordenação de elementos civis, militares e policiais, após os desdobramentos de um conflito, para um acordo abrangente de paz. O grande desafio que essas operações enfrentam é prover segurança e manter a ordem pública num ambiente onde o Estado e as instituições são muito frágeis. A violência ainda é latente ou explícita em algumas localidades do país e a infraestrutura básica pode estar em ruínas, além de parte considerável da população ficar deslocada e sem moradia em decorrência dos conflitos. Segregações étnicas ou religiosas dificultam os esforços de reconciliação numa sociedade dividida e aumentam a complexidade em atingir os objetivos das missões de paz.

Em termos gerais, as metas das operações de manutenção da paz são:

- Criar um ambiente seguro e estável enquanto fortalece as capacidades do Estado em prover segurança, com amplo respeito ao Estado de Direito e aos Direitos Humanos;
- Facilitar o processo político ao promover diálogo, reconciliação e suporte à implementação de instituições legítimas e efetivas de governança;
- Prover uma estrutura que assegure que as Nações Unidas e outros agentes internacionais executem suas atividades no país de maneira coordenada e coerente com seus propósitos (ONU, 2008).

As OMP também são mobilizadas para dar apoio operacional a agências que buscam aplicar as leis nacionais, prover segurança a instalações-chave do governo, portos e outros pontos vitais, possibilitar o trânsito livre de pessoas, bens e assistência humanitária e remover minas terrestres. Como a população civil é a mais vulnerável nas situações de conflitos internos, as OMP multidimensionais têm a

função de protegê-la diante das ameaças iminentes, o que exige coordenação de seus diversos componentes (militares, policiais e civis da ONU além de parcerias de membros de organizações não-governamentais).

### iii. Princípios

Os princípios que norteiam as operações de manutenção da paz são o consentimento das partes, a imparcialidade e o não uso da força, exceto em auto-defesa e na defesa do mandato (ONU, 2008). São assim definidas:

Consentimento das partes: as partes envolvidas no conflito que se comprometem com o processo de paz aceitam a atuação das OMP para darem suporte a este processo. O consentimento das principais facções de um país possibilita que as OMP da ONU cumpram os objetivos de seu mandato. Do contrário, estariam sujeitas a tomar partido dos interesses de apenas um segmento político do país, o que ameaçaria sua função de estabilização. Requer que o pessoal das OMP tenha uma ampla compreensão da cultura, costumes e história do país onde as missões de paz operam, assim como a capacidade em avaliar as motivações dos diversos segmentos políticos da sociedade. A falta de confiança entre as partes num ambiente pós-conflito pode tornar esse consentimento incerto, principalmente quando um dos lados não está totalmente comprometido com o processo de paz. Quando as partes também não obtêm controle amplo de outras facções locais, principalmente de grupos armados, as OMP devem analisar continuamente o ambiente de operações para detectar e agir previamente sobre qualquer declínio do consentimento, podendo fazer uso da força como último recurso.

Imparcialidade: as operações de manutenção da paz da ONU irão cumprir seu mandato sem favorecer ou prejudicar qualquer partido ou segmento político do país. A “imparcialidade é crucial para manter o consentimento e cooperação das principais partes, mas não deve ser confundida com neutralidade ou inatividade” (ONU, 2008, p. 33). O foco no processo de manutenção da paz não deve ser desviado pela falta de ações que possam desagradar a alguma parte envolvida, o que exige que as atividades das OMP sejam transparentes e comunicadas a todos, sob risco de desmoralizar a credibilidade e legitimidade das operações de paz.



Não uso da força, exceto em auto-defesa e defesa do mandato: embora as OMP não se configurem como operações de aplicação da força para a pacificação, elas podem utilizar de força militar no nível tático, com autorização do Conselho de Segurança, caso seja empregada para auto-defesa ou defesa do mandato. A presença de milícias e gangues criminosas armadas nos ambientes onde acontecem as OMP ameaça o processo de paz e coloca a população civil em risco. As regras de engajamento do ONU estipulam o uso da força como último recurso quando outros métodos de persuasão foram ineficazes para dissuadir alguma hostilidade, utilizando a proporção adequada de força e o mínimo necessário para atingir seu objetivo específico. O uso de força numa OMP sempre tem implicações políticas e podem trazer consequências imprevisíveis, exigindo um julgamento de sua aplicação que leve em consideração fatores como percepção do público, impacto humanitário, proteção e segurança de pessoas e o efeito que tal ação terá no acordo nacional e local para com a missão.

## B. O HAITI E A IMPLANTAÇÃO DA MINUSTAH

### i. Formação da sociedade haitiana e história recente do Haiti

Localizado na porção oeste da Ilha Hispaniola no Caribe, o Haiti é um país cuja história remonta à época do descobrimento das Américas em 1492, quando a ilha era povoada pelos tainos. Após a presença espanhola passar a se concentrar na parte leste da ilha, que formou posteriormente a República Dominicana – país fronteiriço com o Haiti –, os franceses ocuparam o território a partir do século XVII até 1804, quando é concluída a independência do Haiti, após intenso processo de lutas iniciado com a Revolução Francesa de 1789. Durante a colonização francesa, africanos escravizados foram trazidos à ilha para trabalhar numa colônia próspera (chamada então de Saint-Domingue) e sob um regime de monopólio exclusivo da França, que controlava o comércio de açúcar, café, índigo e de escravos. As instituições econômicas e políticas eram fortemente extrativistas, onde os colonos tinham que comprar produtos manufaturados franceses e eram impelidos a abastecer o comércio europeu com as matérias-primas caribenhas, sob o sistema conhecido como mercantilismo e que os franceses chamavam de *l'Exclusif*. Rivalizando com a metrópole inglesa, a intensificação da França na produção de Saint-Domingue tornou-a a colônia mais lucrativa na época, que coincidiu com a

Revolução Francesa e cujos acontecimentos posteriores retalharam a estrutura da sociedade em pedaços que nunca mais foram reagrupados (James, 1989). Além dos colonos franceses e negros africanos, um segmento substancial da sociedade era formado por mulatos (*gens de couleur*) que eram livres, podiam possuir propriedades e escravos, mas eram alijados de participação política e sujeitos a uma legislação específica que os mantinha subjugados aos colonos brancos. A Revolução Francesa repercutiu na sociedade de Saint-Domingue, mobilizando conflitos entre os diversos segmentos internos e as metrópoles britânica e francesa. Enfim, a revolta dos negros liderados inicialmente por Toussaint l'Ouverture culminou na independência do Haiti, proclamada pelo ex-escravo e coroado imperador, Jean-Jacques Dessalines, em 1804.

A partir de então, para o Haiti ser reconhecido como Estado soberano e ter a extinção do bloqueio comercial imposto pelos países europeus e pelos Estados Unidos (que procuraram impedir que a inspiração de sua independência se alastrasse a outras localidades cujas economias ainda dependiam do trabalho escravo), a França exigiu uma indenização de 150 milhões de francos. Os franceses reconheceram o Haiti em 1825 e a indenização por perda de sua propriedade colonial só conseguiu ser paga em 1947.

Ao longo de sua história até o presente, o Haiti não abandonou suas estruturas extrativistas que atendiam agora não mais a uma metrópole, mas às elites que disputavam o poder. O fortalecimento e estabilidade de suas instituições políticas e econômicas não puderam ser concluídos ao longo de um trajeto permeado por ditaduras e golpes de Estado.

Para Lundahl (1989), o subdesenvolvimento do Haiti se deve a três fatores: a relação entre o crescimento populacional e a erosão do solo, a estagnação tecnológica na agricultura e a natureza predatória dos governos que comandaram o país por mais de um século e meio. A classe política dirige o país sob o pressuposto de que a nação existe para servir ao governo e não o contrário. Após o esfacelamento do sistema de *plantation* do período colonial, “a política, ou melhor, a politicagem, tornou-se simplesmente a melhor maneira de assegurar renda, e o país foi sujeito à pior espécie de cleptocracia, cujos maiores objetivos foram taxar a

agricultura e o comércio externo para renda própria e permanecer no poder” (Lundahl, 1989, p. 10).

No século XX o Haiti passou por uma ocupação norte-americana entre 1915 e 1934, período em que os EUA buscaram aumentar sua influência na região. A dinastia dos Duvalier (François Duvalier, conhecido como Papa Doc e sucedido pelo seu filho Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc) marcou uma das mais opressoras ditaduras. Uma guarda paramilitar especial cujos milicianos eram apelidados de *tonton macoutes*, em referência a um ser monstruoso da mitologia vodu, espalhavam terror aos cidadãos e serviam aos planos do Papa Doc de enfraquecer o poder do exército, anular a influência da Igreja Católica e fortalecer a permanência no poder dos Duvalier. A continuidade do Estado predatório, independente de quem assumia o controle do Haiti mesmo após o término da ditadura dos Duvalier, contribuiu para a ruína econômica do país e conseqüentemente sua tragédia social.

A história subsequente do Haiti caracteriza-se por um longo período de “transição interminável” da ditadura à democracia (Cajou, 2013). A instabilidade política continuou com intervenções militares, golpes de Estado e uma corrupção sistêmica, fragilizando ainda mais a garantia dos direitos e liberdades dos cidadãos. As eleições eram frequentemente acusadas de fraude e muitos governantes tinham sua legitimidade posta em xeque pela oposição. Um dos provérbios haitianos que resume a fragilidade das instituições do país é “*Konstitisyon se papie, bayonet se fè*” (Constituição é papel, baioneta é ferro).

Com a posse de Jean Bertrand Aristide em 1991, um clima de desconfiança por parte de outras forças políticas fez com que um golpe militar derrubasse seu incipiente governo no mesmo ano, levando-o ao exílio e iniciando outra temporada de perseguições e mortes. Após pressão da comunidade internacional, Aristide retornou ao Haiti em 1994 e em 1995 dissolveu o exército e conseguiu eleger seu sucessor René Préval no ano seguinte. Durante seu governo, Aristide rompeu com Préval e criou seu partido *Fanmi Lavalas*, pelo qual correu na disputa presidencial de 2000 e venceu seu segundo mandato que assumiria em 2001. Porém, as eleições legislativas foram marcadas pelo boicote da oposição e tinham sua credibilidade contestada. A instabilidade política e econômica prevaleceram e grupos armados desestabilizavam a segurança no país. Em 2004 os protestos expressam-se

violentemente e Aristide é novamente forçado a deixar o Haiti. O presidente interino Boniface Alexandre clama pela intervenção da ONU e em 1 de junho de 2004 é ativada a força militar de paz da MINUSTAH, liderada pelo Brasil.

O desafio que a MINUSTAH vem enfrentando desde então é justamente estabilizar uma nação cuja história foi marcada pelo colapso social devido aos embates políticos, pois “desde a queda da ditadura em 1986, o Haiti teve 13 chefes de Estado, e os detentores dos cargos ministeriais se sucederam a um ritmo tal que eles não conseguiram empreender programas de reforma” (Cajou, 2013, pp. 59-60). Nenhum programa de desenvolvimento foi possível de ser implementado e o Haiti continua com desempenho deplorável nos indicadores sociais e econômicos. A interminável transição democrática ainda convive com resquícios dos métodos empregados no período da ditadura dos Duvalier, onde as instituições do Estado predatório em subseqüentes governos autoritários serviam aos interesses de quem assumia o poder. As instituições políticas e econômicas extrativistas que caracterizam a estrutura que o Haiti forjou em sua história combinam-se pela maneira em que “as instituições políticas extrativistas concentram poder nas mãos de uma pequena elite e impõem poucas restrições ao exercício de seu poder. As instituições econômicas extrativistas são então, em geral, estruturadas por essa elite, de modo a extorquir recursos do restante da sociedade” (Acemoglu & Robinson, 2012, p. 63).

## ii. A MINUSTAH

A MINUSTAH foi estabelecida pela resolução 1542 de 30 de abril de 2004 da ONU, e ativada em 1º de junho. Seus objetivos elencados pela resolução aglomeram-se nas seguintes vertentes (ONU, 2004):

### Ambiente seguro e estável:

- Auxiliar o governo de transição para que o processo político e constitucional do Haiti possa ser implementado;
- Monitorar, reestruturar e assistir a Polícia Nacional Haitiana, consistente com os princípios democráticos, prestar consultoria para treinamento inclusive em questões de gênero;

- Apoiar os programas de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR) de grupos armados, incluindo mulheres e crianças ligados a esses grupos;
- Auxiliar na restauração e manutenção do Estado de Direito, segurança pública e ordem pública no Haiti;
- Proteger o pessoal, instalações e equipamentos da ONU e assegurar a movimentação de seus profissionais;
- Proteger civis diante de ameaça iminente de violência física.

#### Processo político:

- Apoiar a governança democrática e o desenvolvimento institucional;
- Auxiliar o governo de transição em seus esforços de levar adiante o processo de diálogo nacional e reconciliação;
- Apoiar a organização, monitoria e execução de eleições livres, além de prover assistência logística, técnica e administrativa;
- Estender a autoridade do Estado pelo país e apoiar a boa governança nos níveis locais.

#### Direitos Humanos

- Apoiar o governo de transição, assim como as instituições de direitos humanos haitianas em seu empenho de garantir a promoção e proteção dos direitos humanos, particularmente de mulheres e crianças;
- Monitorar e reportar a situação dos direitos humanos em cooperação com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, inclusive sobre a situação de refugiados que retornaram e de pessoas deslocadas.

A MINUSTAH em 2014 completou 10 anos de continuidade e com redução progressiva de seu contingente militar nos últimos anos. Nas sucessivas fases pelas quais passou desde o início de suas operações no Haiti, adquiriu diversos contornos ao longo desta década. Num primeiro momento teve que confrontar grupos armados para conquistar a estabilização. Na área de operações era comum encontrar corpos

estendidos em via pública para intimidar os capacetes azuis além de entrar em combate com milícias armadas. A ocupação paulatina de regiões em Porto Príncipe e no restante do Haiti, que antes eram dominadas por milícias paramilitares, evitou o esfacelamento do tecido social do país e se esforça, num processo que ainda está em curso, para a recuperação gradual da integridade suas instituições. Porém, mesmo a manutenção dessas conquistas que justifiquem a presença de tropas estrangeiras sob coordenação da ONU em solo haitiano, não está isenta das mais variadas críticas. Os esforços que garantem um ambiente seguro e estável – condição *sine qua non* para que outras atividades humanitárias, econômicas e de infraestrutura possam acontecer – não impediram que parcelas da sociedade haitiana e da comunidade internacional questionassem a permanência da MINUSTAH. O desafio da MINUSTAH, já apontado desde sua implementação pela Resolução 1542, é que a consolidação da paz é interdependente de três pilares (segurança, desenvolvimento e reconciliação), sem os quais não haverá estabilidade e a consequente desmilitarização da operação de paz (Neves, 2009).

Levando em consideração as características históricas do Haiti, onde ao mesmo tempo uma identidade libertária e heroica convive com inúmeras intervenções estrangeiras, tão importante quanto reconhecer o poder de fogo das forças inimigas é compreender a intenção dos atores políticos em relação à estabilização (Valdés, 2008). O desafio não era somente analisar a adequação ou não das estratégias militares, pois “o nó do problema da violência radicava essencialmente no contexto político em que estas estratégias podiam ou não podiam ser levadas a cabo” (Valdés, 2008, p. 134). O objetivo de eliminar grupos armados não surtia efeito se permanecesse um vínculo forte desses grupos com a população dos bairros mais pobres. A fragilidade das instituições não garantiu o vínculo do Estado com os setores mais vulneráveis da sociedade haitiana, o que abriu espaço para que os grupos armados ocupassem esse lugar. Para a consecução dos objetivos de pacificação e estabilização no Haiti pela MINUSTAH, reconstituir a Polícia Nacional do Haiti (PNH) é tarefa urgente para reestabelecer esse vínculo da população com as instituições do Estado, que por sua vez organizaria eleições legítimas, participativas e com resultados aceitos por todos. Foi necessário que a MINUSTAH garantisse a realização de eleições e a participação de grupos vencidos – notadamente o *Fanmi Lavalas* – após a queda de Aristide, para legitimar a

transição de governos, além de assegurar que as pessoas de regiões metropolitanas como Cité Soleil, antes dominadas por grupos armados, pudessem exercer o direito ao voto. Importante considerar que as forças de paz, em vez de estarem direcionadas para ações de combate, empenham-se em outro tipo de tarefa, para a qual se exige uma postura imparcial. É necessário não considerar “as partes envolvidas como inimigas, mas sim como entidades interessadas na busca da paz. Entretanto, não pode ser descartada a hipótese de a situação vir a sofrer uma escalada, obrigando essa força a entrar em combate” (Ministério da Defesa, 2013, p.13).

Com o terremoto de 12 de janeiro de 2010, que devastou principalmente a capital Porto Príncipe ceifando centenas de milhares de vidas, o imponderável impôs outros desafios à sociedade haitiana, ao governo e à MINUSTAH. Foram 18 as vítimas fatais entre militares brasileiros. O que era para ser uma intervenção político-militar focada na segurança e na transição democrática entre governos, houve uma mudança nas ações que tiveram que ser tragicamente redirecionadas à ajuda humanitária urgente. Além de resgate de corpos e de feridos, cerca de um milhão e 500 mil pessoas tiveram que ser realocadas em acampamentos de IDP (*Internally Displaced Persons*). No mesmo ano, em outubro, iniciou-se um surto de cólera que matou mais de 8 mil haitianos até 2013. As origens para o surto epidêmico, segundo alguns estudos sobre a proliferação e características do vibrião, vieram a partir da contaminação vinda de parte das tropas nepalesas da ONU, fomentando críticas à MINUSTAH.

Este foi o percurso histórico e trágico do país que recebeu as tropas brasileiras junto com as demais forças estrangeiras. A missão militar, coordenada concomitantemente com as exigências basilares de táticas de ocupação de terreno e neutralização de forças hostis, teve também que se deparar com a contextualização sócio-política do Haiti cujas instituições permanecem no seu legado extrativista. O militar que se lança a esta missão, sejam quais forem as motivações que o fizeram escolher por participar, não está alheio à realidade na qual os haitianos vivem e sofrem, salvo os casos onde a percepção ao mundo fora do quartel é obliterada por demandas pessoais e institucionais. De qualquer maneira, as relações do militar com as inúmeras instâncias de poder – internas do país onde acontece o teatro de operações, internacionais sob a supervisão e diretriz da ONU, organizacionais

inerentes ao meio militar – completam a teia multipolar de vetores dentro da qual o indivíduo também tece seu sentido.

### iii. Panorama numérico da MINUSTAH (janeiro de 2014)

Para esclarecer o emprego do pessoal envolvido na OMP da MINUSTAH em termos quantitativos, foram tomadas por base as informações do banco de dados do DPKO/DFS (*Department of Peacekeeping Operations/Department of Field Support*) da ONU (2015) do mês de janeiro de 2014, quando o BRABAT 19 já estava com todo seu contingente em operação no Haiti.

Em janeiro de 2014, a MINUSTAH contou com a participação de 53 países, num efetivo total de 10.568 pessoas, dentre as quais 6.355 são militares empregados em tropas, 2.420 policiais (847 oficiais de polícia individual e 1.573 da *Formed Police Unit* – FPU), 379 civis estrangeiros, 1.250 civis haitianos e 164 voluntários da ONU. O Brasil participou com o maior contingente de tropa, com 1.433 militares (dentre os quais apenas 14 são mulheres), seguido por Uruguai (939) e Sri Lanka (861).

Dentre todas as missões de paz em atividade, o Brasil em janeiro de 2014 ocupou o 18º lugar no ranking de países que mais contribuíram com pessoal nas operações da ONU, totalizando 1.755 militares e civis (os três primeiros foram Paquistão, com 8.232 pessoas, Bangladesh com 7.933 e Índia com 7.837). Dentre os países da América do Sul, só ficava atrás do Uruguai, que ocupava o 15º lugar no ranking colaborando com 2.164 pessoas.

## C. O BRABAT 19

### i. Características do Batalhão Brasileiro

O 19º Batalhão Brasileiro foi ativado em novembro de 2013 e encerrou suas atividades em junho de 2014. Os meses que antecederam sua ativação foram dedicados à seleção do pessoal que comporia o batalhão e à preparação da tropa que substituiu o 18º contingente. As principais lideranças do Estado-Maior do BRABAT 19 também fizeram viagens prévias de reconhecimento ao Haiti para



ambientação nas instalações militares do BRABAT e da MINUSTAH e na área de operações.

Para ingressar em uma missão de paz, o militar deve ser voluntário e contar com autorização de seu comandante de OM (Organização Militar) para se candidatar ao contingente pelo período de seis meses, podendo se estender em até um ano. Após avaliações físicas, clínicas e psicológicas os militares selecionados partem para a missão e além da remuneração que recebem do Brasil, paga em reais, ganham uma indenização financeira mensal para tropa no exterior, em moeda estrangeira (no BRABAT 19, em dólares).

Para compor cada contingente, há um rodízio entre os Comandos Militares de Área, grandes regiões territoriais que compõem a Força Terrestre, para determinar quais guarnições irão enviar suas tropas. O BRABAT 19 contou com militares oriundos em sua maioria da 11ª Brigada de Infantaria Leve (11 Bda Inf L), localizada na cidade de Campinas, do Comando Militar do Sudeste (CMSE). De acordo com a necessidade de cargos a serem preenchidos, militares voluntários de outros estados do país também compuseram o batalhão. A seleção dos militares incluiu exames clínicos, físicos e entrevista com testagem psicológica. A coleta de material e análises clínicas ficaram a cargo dos postos médicos de guarnição ou das OMS (Organizações Militares de Saúde). A avaliação física, estipulada por índices de corrida, flexão de braço, abdominais e barra esteve sob coordenação de instrutores do CCFEx (Centro de Capacitação Física do Exército, localizado no Rio de Janeiro) enquanto que a seleção psicológica foi realizada por profissionais do CEP (Centro de Estudos de Pessoal, também localizado na capital fluminense). Ao longo do processo seletivo também há um programa de vacinação que visa a imunização dos militares contra febre amarela, hepatite, cólera, entre outras doenças.

Os militares selecionados foram convocados para a 11 Bda Inf L em outubro para realização de estágios preparatórios: EBOP (Exercício Básico de Operações de Paz) e EAOP (Exercício Avançado de Operações de Paz) ao longo de duas semanas. Nesses estágios buscou-se simular situações e procedimentos que a tropa encontraria no Haiti, como por exemplo lidar com manifestações, realizar patrulhas, *check-points*, segurança de autoridades, apoio a eleições, envolvendo todas as instâncias operacionais, administrativas e logísticas do batalhão. Os

estágios e exercícios estenderam-se pelas cidades de Campinas, Sumaré e Nova Odessa.

O CCOPAB (Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil), OM situada na cidade do Rio de Janeiro, enviou observadores com larga experiência em missões de paz para monitorar e orientar os estágios do BRABAT 19, participando ativamente dos estágios preparatórios.

O 19º contingente brasileiro contou com 1200 militares, dentre os quais 888 são do Exército Brasileiro, 244 da Marinha do Brasil, 34 da Força Aérea Brasileira, 31 militares do Paraguai, dois oficiais do Canadá e um oficial do Peru. Além da força operacional dedicada exclusivamente ao patrulhamento e segurança, uma companhia de engenheiros militares (BRAENGCOY) também participa na construção e reparação de estradas, instalações de postes de iluminação, remoção de escombros, perfuração de poços artesianos, execução de terraplenagem.

A distribuição do efetivo entre as companhias que compõem o contingente brasileiro se dá pelas seguintes sub-unidades (TABELA 1):

Tabela 1: Distribuição do Efetivo por Companhia

<b>SUB-UNIDADE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>EFETIVO (militares)</b>
<b>Estado-Maior BRABAT</b>	Campo Charlie	49
<b>CCAp</b>	Campo Charlie	208
<b>1ª Cia Fuz F Paz</b>	Forte Nacional	141
<b>2ª Cia Fuz F Paz</b>	Cité Soleil	141
<b>3ª Cia Fuz F Paz</b>	Campo Charlie	142
<b>4ª Cia Fuz F Paz</b>	Campo Charlie	142
<b>Esqd Fuz Mec</b>	Campo Charlie	143
<b>Gpto Op FN</b>	Campo Charlie	234
<b>BRAENGCOY</b>	Campo Charlie	250

Fonte: dados fornecidos pelo G1 do BRABAT 19

O BRABAT é composto por todas as sub-unidades com exceção do BRAENGCOY e do Grupamento Operacional de Fuzileiros Navais (Gpto Op FN), este formado exclusivamente por militares da Marinha do Brasil. O campo Charlie é a maior área militar da MINUSTAH, localizada no bairro de Tabarre em Porto Príncipe, onde além do BRABAT, do Gpto Op FN e do BRAENGCOY, há

companhias de outros países, como Nepal (desativada no início do 2014), Paraguai, Bolívia, Chile, Peru e a FPU da Índia.

Além do comandante e do subcomandante do BRABAT, o Estado-Maior é composto pelas seguintes seções:

G1- Seção de pessoal

G2- Inteligência e informação

G3- Instrução e operações

G4- Logística, suprimentos e patrimônio

G6- Comunicações (telefonía e informática)

G9- Cooperação civil-miliar (CIMIC)

G10- Comunicação Social (Relações Públicas)

DOP- Destacamento de Operações Psicológicas

DOPAZ- Destacamento de Operações de Paz

O DOP tem por função coletar informações sobre a tropa e a população haitiana referentes à percepção da missão e divulgar campanhas voltadas ao público interno e externo sobre determinadas atividades que o BRABAT desenvolve. O DOP realiza pesquisas de clima organizacional e confecciona material audiovisual para motivação da tropa e informação à população. O DOPAZ é composto por militares que se formaram em cursos de Comandos e Forças Especiais, a “tropa de elite” que desempenha atividades operacionais específicas de acordo com a necessidade da missão.

A Companhia de Comando e Apoio (CCAp) fornece todas as atividades de suporte logístico, manutenção, transporte, manuseio e confecção de alimentos, apoio de saúde médica, odontológica e fisioterápica.

Cada companhia operacional (1ª, 2ª, 3ª, 4ª Cia Fuz F Paz e Esqd Fuz Mec) possui uma área específica de atuação na cidade de Porto Príncipe. Os demais

batalhões de outros países da MINUSTAH monitoram outras áreas de operações na capital haitiana e também no interior do país.

Segundo dados fornecidos pela seção G1 do BRABAT, o perfil do pessoal do Exército Brasileiro que compõe o batalhão do 19º contingente é descrito nos gráficos abaixo conforme o posto e graduação (GRÁFICO 1), estado civil (GRÁFICO 2), religião (TABELA 2) e escolaridade (TABELA 3):

Gráfico 1: Distribuição dos militares do EB do BRABAT 19 por posto e graduação

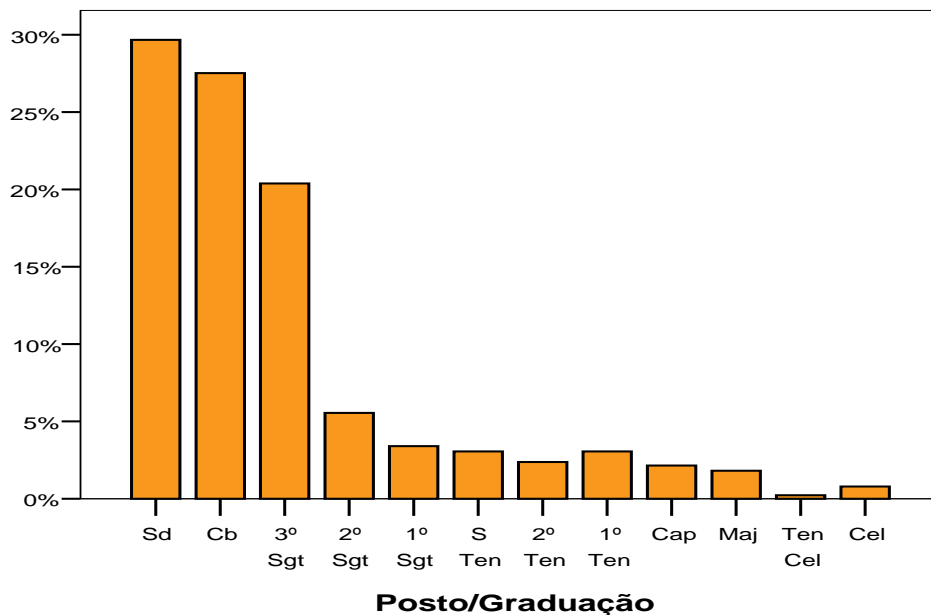


Gráfico 2: Estado civil dos militares do EB do BRABAT 19

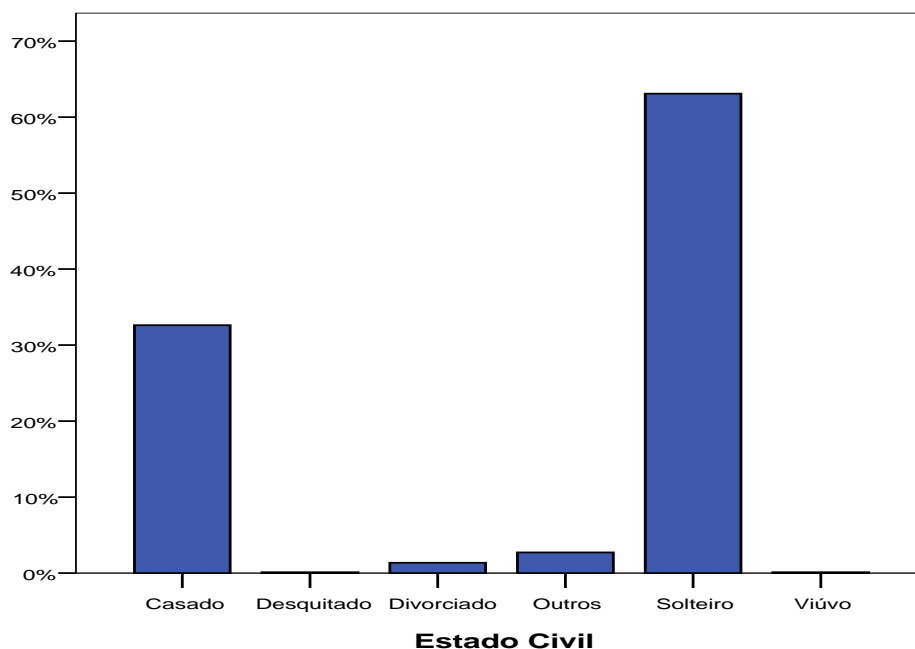


Tabela 2: Religião dos militares do EB do BRABAT 19

<b>RELIGIAO</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>Católica Apostólica Romana</b>	60,4
<b>Espírita</b>	3,1
<b>Evangélica</b>	28,2
<b>Judaica</b>	0,3
<b>Não determinada</b>	0,6
<b>Outras</b>	2,0
<b>Sem religião</b>	4,9
<b>Umbanda e Candomblé</b>	0,6

Fonte: dados fornecidos pelo G1 do BRABAT 19

Tabela 3: Nível de escolaridade dos militares do EB do BRABAT 19

<b>NIVEL DE ESCOLARIDADE</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>Ensino Fundamental Incompleto</b>	0,5
<b>Ensino Fundamental</b>	3,3
<b>Ensino Médio Incompleto</b>	12,0
<b>Ensino Médio</b>	59,8
<b>Ensino Superior Incompleto</b>	6,6
<b>Ensino Superior</b>	13,5
<b>Ensino Superior com Especialização</b>	2,9
<b>Ensino Superior com Mestrado</b>	1,1
<b>Ensino Superior com Doutorado</b>	0,3

Fonte: dados fornecidos pelo G1 do BRABAT 19

As atividades de manutenção da paz transcorrem conforme a função de cada militar inserido em sua companhia, cuja rotina obedecia ao que já era praticado no Brasil: formaturas gerais com ordem unida, TFM (Treinamento Físico Militar), expediente de segunda a sábado, horários determinados para as refeições. Os militares não são permitidos de saírem de suas bases, salvo em operações previstas ou inopinadas. Mesmo em horários fora do expediente ou nos finais de semana, os militares devem permanecer na base e não há contato com a população local ou saídas a locais de lazer pela cidade. Há um pequeno mercado de alimentos no campo Charlie mantido pela ONU e uma feira de artesanatos que acontecia todo sábado com exposição de produtos feitos por artesãos haitianos ou manufaturados importados (calçados e eletrônicos, principalmente).

Os eventos de lazer externos eram realizados com organização prévia, alternando cada companhia com saída de ônibus sob escolta até uma praia localizada num resort ao norte da cidade de Porto Príncipe. Os que escolhiam ficar nas suas companhias poderiam fazer churrasco ou atividades recreativas (consumo de álcool nestes eventos somente por autorização dos comandantes de companhia e do batalhão). Os militares também desfrutavam de um período do *leaving*, que eram as férias previstas pela ONU que abrangem um total de 22 dias divididos em períodos conforme o interesse do militar e as obrigações da missão. Os militares podiam optar por viajar (muitos voltavam ao Brasil ou desejavam conhecer outros países próximos) ou por permanecer nas suas companhias. O contato com a família se dava por internet ou por ligação telefônica via VoIP (*Voice over Internet Protocol*).

## ii. Atividades Psicológicas

Diante da posição estratégica que o Exército Brasileiro (EB) assume na liderança do ramo militar da MINUSTAH, os olhos da comunidade internacional voltam-se ao desempenho das tropas brasileiras na consecução de seus objetivos. O elemento humano torna-se o agente central da missão de manutenção da paz na medida em que são solicitadas a liderança, a resolução de conflitos, a coordenação de ações entre o comando e subordinados nos diversos graus hierárquicos, o relacionamento dos militares com a população civil, a preparação à atuação em ambientes hostis e desestabilizados.

Para que se acrescente um amparo às atividades de manutenção da paz, a saúde psicossocial atrelada ao bem-estar físico são requisitos mínimos de que o militar necessita para o enfrentamento dos desafios. O suporte psicossocial, inserido entre outros recursos (saúde física, apoio espiritual, treinamento, meios materiais, orientação do comando), delimita as áreas pessoais que o militar traz consigo à missão: suas expectativas, projetos, relacionamento familiar e social, angústias, medos, etc.

A área psicossocial é avaliada por psicólogos tanto na seleção de militares voluntários à missão de paz quanto no processo de desmobilização. Recentemente o envio de psicólogos às missões indicou a demanda desse profissional para atuar durante o processo de execução da missão pelos militares. Sendo uma função relativamente nova nas operações militares, busca-se delimitar e objetivar o papel exercido pelo psicólogo na missão de paz.

O papel do psicólogo durante as missões pode auxiliar no atendimento clínico ao militar, além de promover estudos e pesquisas das condições em que vive todo o pessoal mobilizado à missão. A meta de pesquisa em missões de paz é “criar ou estabelecer um ambiente capaz aos militares de beneficiar ao máximo seu bem-estar e suas habilidades em executar a missão e isso só pode ser possível se o foco está no militar em missão de manutenção da paz” (Castro, 2003, p. 13). Caberá elucidar na situação de Missão de Paz os principais estressores envolvidos e as estratégias que os militares utilizam, para orientar a prática do psicólogo durante o processo de manutenção da paz em países desestabilizados.

A psicologia também está presente em programas de atendimento a militares e familiares, dentre outras especialidades, como resume o programa Aptidão Abrangente do Soldado e Família (tradução livre para *Comprehensive Soldier & Family Fitness*) desenvolvido pelas Forças Armadas norte-americanas (Cornum & Lester, 2012), que trata dos mais variados aspectos da vida militar, dentre os quais as situações operacionais.

Porém, além do campo da saúde, o psicólogo também possui como tarefa atuar no clima organizacional do efetivo, que abarca temas como motivação, liderança, coesão grupal, etc. Tanto no âmbito clínico quanto no organizacional, o psicólogo irá se deparar com situações de crise que exigem do militar atitudes de enfrentamento a elas.

O trabalho preventivo antes da mobilização da tropa é importante no sentido de identificar e esclarecer os estressores específicos da missão de paz e “treinar os *peacekeepers* com o objetivo de reduzir o ineditismo dos estressores e desenvolver políticas, quando possível, que minimizem ambiguidades e incertezas e aumentem a previsibilidade” (Adler, Litz & Bartone, 2003, p. 152-153). No BRABAT 19, tal esclarecimento foi fornecido pelo psicólogo da missão durante o período de preparação do EBOP e EAOP, além do processo seletivo conduzido pelos profissionais do CEP ter propiciado informações sobre esses estressores.

Fui o psicólogo no BRABAT 19 e estive vinculado à seção G1 do Estado-Maior. Minha função teve ênfase na abordagem organizacional, embora os atendimentos clínicos também estivessem presentes quando necessário. Tive a oportunidade de participar previamente de uma orientação com os psicólogos do

Centro de Estudos de Pessoal no Rio de Janeiro sobre o caráter da missão e possibilidades de atuação, três meses antes da ativação do contingente. Esse encontro propiciou um panorama das particularidades da Missão de Paz, a partir de orientações que os psicólogos do CEP amalharam de suas avaliações da tropa e da experiência dos psicólogos dos contingentes anteriores. As possibilidades de atividades em psicologia tanto quanto suas limitações foram expostas para que eu, como psicólogo do BRABAT 19, encontrasse minha própria forma de atuação, com autonomia, salientando a particularidade de exercer uma atuação voltada à psicologia organizacional, sem contudo deixar de prestar atendimento na área clínica.

Durante o período de preparação no Brasil de EBOP e EAOP com um mês de antecedência à ativação do contingente, tive contato com a tropa e fiz um levantamento das motivações e expectativas dos militares de cada companhia em relação à missão. Este levantamento contou com duas perguntas abertas feitas aos militares combatentes, que poderiam responder por escrito da forma que desejassem. As perguntas foram:

1. O que motivou você a se voluntariar à Missão de Paz?
2. O que você espera encontrar no Haiti?

As respostas foram condensadas de forma a verificar a maior frequência de cada motivação ou expectativa. Os militares poderiam responder com quantas motivações ou expectativas quisessem. Seguem o GRÁFICO 3 e o GRÁFICO 4 das respostas mais enunciadas, além da proporção de militares que responderam às mesmas respostas:



Gráfico 3 - Motivações

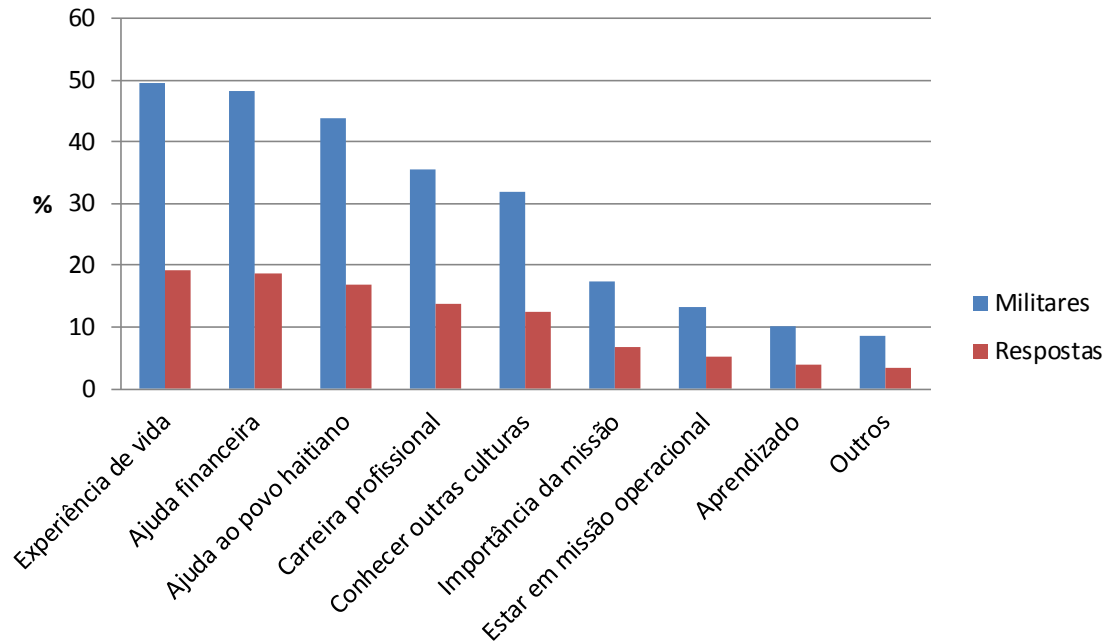
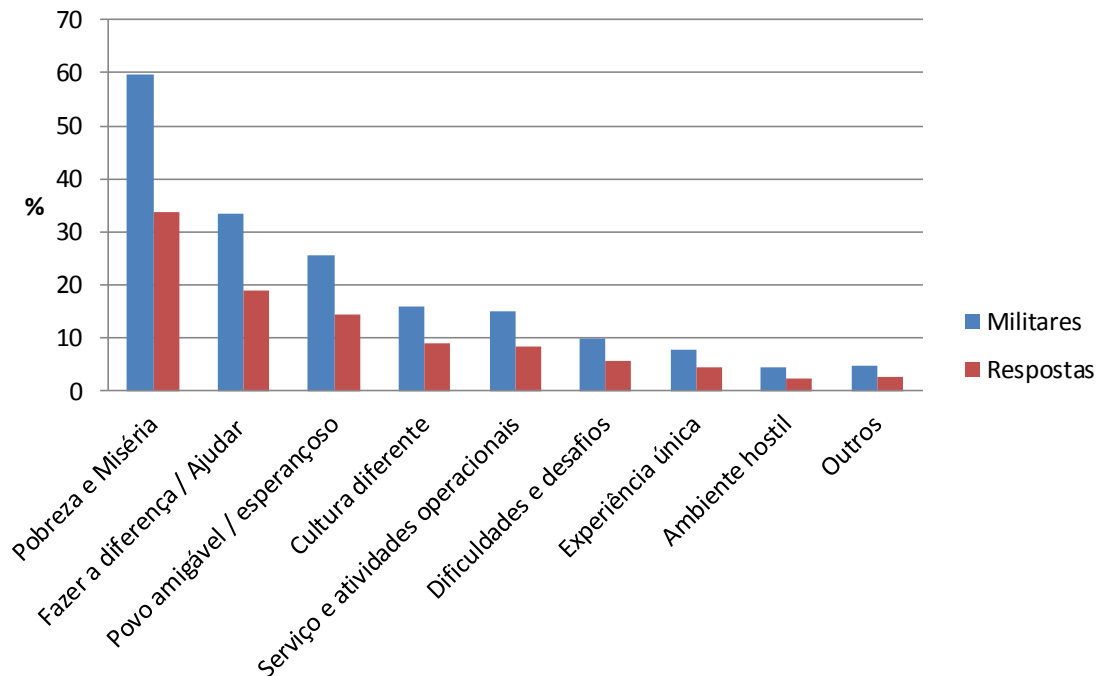


Gráfico 4 - Expectativas



Em relação às motivações, quase a metade dos militares levantaram a experiência de vida e a ajuda financeira como principais motivadores, alcançando respectivamente 19,2% e 18,6% do total de respostas. Em seguida a possibilidade

de oferecer ajuda ao povo haitiano e o incremento à carreira profissional foram os motivos mais citados pelos militares. Como a amostra foi composta principalmente por cabos e soldados, que possuem um tempo limitado a oito anos de serviço no Exército, o fator relacionado à carreira profissional poderia ter uma prioridade diferente em outra amostra mais heterogênea com sargentos, subtenentes e oficiais, cujas carreiras profissionais são mais amplas.

Já as expectativas dos militares em relação à missão são de encontrar um ambiente com bastante pobreza e miséria (fator mencionado em quase 60% dos militares e mais de 30% do total de respostas). Em seguida vem a expectativa em ajudar o povo haitiano, encontrar um povo amigável e esperançoso e se deparar com uma cultura diferente.

Em termos gerais, observa-se a busca de uma atuação significativa para a realização da Missão de Paz, tanto como realização pessoal quanto no intuito de “fazer a diferença”, contribuindo para amenizar o sofrimento do povo local. A busca de retorno financeiro também se destaca, salientando a oportunidade de um ganho extra pela ONU em paralelo com o soldo que recebem pelas Forças Armadas. Além deste levantamento, junto com o capelão militar do BRABAT 19 ministrei uma palestra a cada companhia com o intuito de explicar as características e particularidades da Missão de Paz, seus agentes estressores e fatores de risco e proteção ao estresse. Vale notar a extrema importância de o psicólogo já entrar em contato com a tropa no período do EBOP/EAOP, para esclarecer sua função, oferecer seus serviços, ser conhecido e elencar os principais estressores que podem ocorrer numa missão de paz.

Já em solo haitiano, busquei nos primeiros meses aplicar uma dinâmica capaz de suscitar a colaboração, a liderança e a comunicação. Realizei a dinâmica das fichas conhecida como METAPHOR, onde é proposto um jogo de troca de fichas coloridas, cuja solução depende da coordenação e cooperação.

O jogo consiste num conjunto de três fichas coloridas (azul, amarela e vermelha), distribuídas duas da mesma cor a cada militar, que deveria trocar com os demais e com o psicólogo, que possuía fichas brancas de “salvação”. As trocas obedeciam a duas regras previamente anunciadas pelo psicólogo. Ao término do jogo, marcado por tempo, todos deveriam ter uma ficha branca para que a tarefa

tivesse sucesso. Houve grande adesão ao jogo, gerando entusiasmo e desafio aos participantes. Procurei reunir dois a três grupos de combate de cada pelotão (aproximadamente entre 18 a 27 pessoas), cujo tempo de execução da tarefa variava conforme o número de participantes. Busquei incentivar ao término de cada dinâmica os elementos decisivos na solução do problema (coordenação, cooperação e comunicação) e trazer esses elementos para a realidade dos serviços que os militares desempenharam tanto no quartel como nas patrulhas e missões em Porto Príncipe. Procurei realizar a atividade de dinâmica com todos combatentes das companhias operacionais, aproveitando para oferecer mais uma vez o serviço de atendimento psicológico a quem necessitar ou desejar. Busquei estar presente nas companhias destacadas (Cité Soleil e Forte Nacional) semanalmente, junto com o capelão militar, para oferecer nossos serviços quando necessário.

Paralelamente à dinâmica, realizei atendimentos psicológicos individuais ou em grupo no decorrer da missão, em caráter voluntário ou sob encaminhamento médico ou de líderes militares. Muitos atendimentos emergenciais se deram devido a falecimento de parentes ou pessoas próximas no Brasil, necessitando de acolhimento para o processo de luto. Algumas perdas se davam de maneira trágica ou conseqüentes de um processo de adoecimento, casos em que os militares escolhiam entre voltar ao Brasil e retornar após a visita a familiares, optar pela expatriação e ficar no Brasil ou permanecer no Haiti.

Outros temas que surgiam nos atendimentos referiam-se a relacionamentos interpessoais e com a liderança, além de assuntos relacionados com os laços afetivos no Brasil. A partir da segunda metade da missão, esses assuntos apareciam com uma frequência maior.

Também procurei reunir no consultório psicológico um grupo de combate (GC) de cada pelotão para uma avaliação de como a missão estava transcorrendo, onde eram levantados os problemas e queixas dos militares em relação à organização e infraestrutura do contingente (houve um período de racionamento de água no Campo Charlie, o que causava transtorno para os militares que saíam em missão e que precisavam chegar nos horários controlados quando a água estava disponível, o que nem sempre acontecia). Outras situações levadas pelos militares diziam respeito ao relacionamento com pares e lideranças, gerando conflitos

internos nas companhias e pelotões, além da falta de possibilidade de alívio da tensão sexual devido ao confinamento. A assessoria jurídica também solicitou que eu abordasse temas como exploração e abuso sexual nos encontros com os militares, seguindo as determinações da ONU sobre a prevenção de condutas inadequadas durante o período de *leaving*. Tais condutas poderiam levar à expatriação do militar ao seu país de origem, concomitante à apuração dos fatos no Haiti e posterior julgamento, sob jurisdição nacional do indivíduo acusado de cometer crime ou infração.

Como psicólogo acompanhei militares em atividades CIMIC (Civil-Military Coordination) e participei de patrulhas diurnas e noturnas para ter uma maior compreensão das atividades realizadas pelo BRABAT. As atividades CIMIC eram a oportunidade em ter um contato direto com a população e realizar serviços de assistência a escolas e bairros onde as companhias operavam. As patrulhas eram realizadas em viaturas abertas durante o dia em postura *soft cap* (menos ofensiva, com equipamento de segurança a bordo e utilização de arma não letal) e em blindados à noite com colete, capacete e fuzil, o que aumentava o peso do equipamento a ser carregado. Considerando as altas temperaturas de Porto Príncipe e a necessidade de usar a gandola (blusão camuflado) com as mangas compridas, para evitar picadas de mosquitos transmissores de doenças (chikungunya, dengue, filariose, etc), o calor era um fator de desconforto que se intensificava nas patrulhas.

Também houve necessidade de intervenção num acampamento de IDP (*Internally Displaced Persons*) onde a liderança local estava com dificuldades em administrar conflitos internos com os moradores. Realizei visitas a este acampamento de Parc Isidor para levantar as queixas e realizar junto com a 3ª Cia Fuz F Paz e intérprete em créole haitiano, uma atividade que envolvia um trajeto temporal da vida das pessoas que lá viviam. Deslocados desde o terremoto de 2010, agora moravam em barracas em terrenos sem qualquer infraestrutura sanitária. Os participantes, que eram moradores do acampamento de IDP, escreviam ou desenhavam em cartolinas como era sua vida antes do terremoto, como se encontravam agora no acampamento e quais suas expectativas para o futuro, com intuito de fortalecer a cooperação entre os moradores e a liderança. Após essa atividade confeccionou-se um cartaz com fotos da atividade para que os moradores

se reconhecessem no trabalho em conjunto que fizeram com os dizeres *Men Anpil, Chay Pa Lou* (“muitas mãos, menor o peso” em créole).

Outro atendimento que surgiu à parte dos atendimentos com os militares do BRABAT veio de uma solicitação do comandante do Batalhão de Engenharia do Peru a respeito de um sargento que apresentava embotamento emocional e sintomas de ansiedade. Realizei dois atendimentos ao referido militar e encaminhamento, não havendo tempo hábil para um atendimento mais prolongado, pois já estava a uma semana para a desmobilização de volta ao Brasil.

A presença da equipe do CEP para a avaliação do clima organizacional em meados do transcurso do BRABAT 19 foi de extrema importância para que eu pudesse receber um *feedback* das diversas companhias do BRABAT. Pude acompanhar e apoiar as atividades do CEP e estabelecer novas estratégias de intervenção. Alguns sinais foram lançados pela equipe para que eu pudesse trabalhar preventivamente com algumas queixas levantadas, tanto em relação à liderança militar quanto ao sentido que os militares depositavam na missão, espelhado por suas motivações, dificuldades e anseios. Durante a desmobilização no Brasil, também foi feita a conclusão da experiência dos meus trabalhos com o BRABAT 19 junto aos profissionais do CEP.

No BRAENGCOPY, realizei as palestras que foram ministradas durante o EBOP e EAOP do BRABAT, referentes aos estressores e enfrentamento nas missões de paz, em grupos semanais que pudessem abranger todo o contingente da Engenharia, além de reforçar o convite ao atendimento psicológico aos militares que assim necessitassem.

A atuação psicológica no BRABAT 19 esteve a par das inúmeras missões conduzidas pelo contingente brasileiro e acompanhei a evolução da tropa ao longo do período da missão. Cabe destacar o apoio mútuo do psicólogo com os militares do DOP (Destacamento de Operações Psicológicas) que compartilharam *feedback* sobre pesquisas internas do clima organizacional. Também contei com apoio do capelão militar com relação a alguma situação que envolvia o sofrimento por parte de algum militar durante a missão. O assessoramento ao comando do BRABAT 19 e o apoio dado ao meu trabalho foram fundamentais para o sucesso de suas atividades, onde a confiança é peça chave para o andamento da missão.

Nesse resumo das atividades do psicólogo do BRABAT 19, destacam-se para os fins desta pesquisa os elementos motivacionais que inspiraram ao voluntariado à missão e as expectativas que os militares fomentaram em relação ao ambiente e às funções a serem desempenhadas no Haiti. Embora as motivações e expectativas sejam restritas principalmente ao grupo de cabos e soldados, são as patentes que correspondem a quase 60% de todo o efetivo do batalhão brasileiro. Porém, círculos de oficiais e mesmo de praças<sup>1</sup> que possuem estabilidade na carreira militar e portanto uma perspectiva mais longa nela, podem ter outras motivações e salientar outras, em comparação às motivações de cabos e soldados. Por exemplo, incrementar a experiência da missão à carreira profissional pode fazer mais sentido àqueles que têm à frente maiores pretensões de promoção, além da questão do ganho financeiro ser maior entre as patentes mais altas, em comparação com cabos e soldados que têm o limite de oito anos de serviço militar.

Apesar das limitações desse levantamento realizado antes do início da missão ainda em solo brasileiro, as motivações e expectativas fazem parte da construção do sentido que ao longo do processo e diante das dificuldades encontradas é constantemente preservado, reavaliado ou reconstruído, dependendo dos recursos capazes de manter ou de ressignificar o sentido da missão.

### iii. A Capelania Militar

O serviço de capelania militar esteve presente desde os primeiros contingentes brasileiros que foram ao Haiti, deslocando capelães ligados ao SAREx (Serviço de Assistência Religiosa do Exército) para prestar apoio espiritual aos militares. Segundo o parágrafo 1º do artigo 1º das Instruções Reguladoras para o Funcionamento do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (IR 30-37), a assistência religiosa do SAREx tem por objetivo “a elevação do moral individual dos integrantes do Exército e um convívio fraternal e harmonioso do homem, tanto em sua organização militar como em seu ambiente familiar e comunitário”. Os capelães militares podem ser católicos ou evangélicos.

---

<sup>1</sup> O círculo de praças ou graduados refere-se a militares de patentes de soldado a subtenente. O círculo de oficiais divide-se em oficiais subalternos (2º e 1º tenente), oficiais intermediários (capitão), oficiais superiores (major, tenente-coronel e coronel) e oficiais gerais (general de brigada, general de divisão, general de exército).

Além do serviço religioso, o capelão militar tem uma forte atribuição organizacional, pois lhe cabe entre várias competências, acolher recrutas no ato de sua incorporação à vida militar, independente de suas opções religiosas; acompanhar o andamento do censo religioso em sua capelania; colaborar em campanhas contra o uso de substâncias que causem dependência química e em campanhas preventivas das doenças sexualmente transmissíveis; atender à família militar e aos servidores civis do Exército Brasileiro; evitar manifestações de proselitismo, críticas e discriminações religiosas; oferecer ao jovem recruta, que presta o serviço militar obrigatório, o apoio necessário no seu segmento de fé; incentivar o militar a integrar-se na comunidade de sua religião, no meio civil, evitando a atuação, dentro da caserna, de ministros religiosos que não sejam capelães militares.

Em alguns contingentes houve a participação de dois capelães militares (um católico e outro evangélico). Há no campo Charlie, nas dependências do Batalhão Brasileiro, uma capela para as missas católicas. Os cultos e reuniões de outras religiões são ministradas em outras dependências do quartelamento e todas as atividades religiosas seguem um calendário semanal.

No BRABAT 19, houve apenas a participação de um tenente capelão católico. Os cultos evangélicos foram conduzidos por algum militar que tenha ordenação pastoral e aconteciam no auditório do BRAENGCOY. Militares espíritas também se reuniam nos dias, horários e local específicos.

Para uma maior compreensão da atuação da capelania militar nas missões de paz, oito capelães que participaram de diferentes contingentes puderam descrever suas atividades para esta pesquisa, que serão apresentadas nos capítulos posteriores.

### 3. ESTRESSE E *COPING*

#### A. CONCEITO DE *COPING*

Para Lazarus e Folkman (1984), enfrentamento ou *coping* são “esforços comportamentais e cognitivos em constante mudança para lidar com demandas específicas internas e/ou externas que são avaliadas como penosas ou maiores que os recursos da pessoa” (p. 141). Os autores salientam *coping* como um processo e distinguem-no de comportamento adaptativo automático. *Coping* é o empenho para lidar com uma situação de estresse através de pensamento ou ação, não importa sua eficácia. A palavra “lidar” (*manage*) presente na definição de *coping* não deve ser confundida com “dominar” (*mastery*), pois além de controlar, o processo de *coping* inclui tolerar, minimizar e evitar os agentes estressores. Isso gera uma dificuldade na tradução do termo *coping* para o português “enfrentamento”, uma vez que abrange não somente o confronto aos agentes estressores, mas também outras estratégias evasivas. Porém, manteremos esta tradução por já ser notória nos estudos de *coping*. A eficácia do processo de enfrentamento geralmente está ligada ao conceito de resiliência, em que o indivíduo ao sofrer um impacto, é capaz de recuperar seu estado anterior, ou seja, atravessa a situação de crise e preserva sua integridade física, mental e moral.

O entendimento de *coping* como processo deve estar atrelado ao que a pessoa está enfrentando, às ações efetivamente empregadas numa situação específica de crise (em contraste com as ações costumeiramente utilizadas pela pessoa em outras situações rotineiras) e às mudanças de estratégias de *coping* quando se revela um confronto estressante e prolongado. Durante o período em que o confronto a uma situação de estresse perdura, diferentes avaliações e reavaliações cognitivas são processadas e estratégias de *coping* variadas podem ser empregadas ao longo das demandas do encontro com o estressor. Este encontro acontece num contexto onde as variáveis particulares do indivíduo e da situação modelam os esforços de *coping* (Folkman et al, 1986). Enfim, este modelo não estabelece o que seja um bom ou mau *coping*, mas se além aos esforços da pessoa demandados pela situação de estresse, sem se preocupar com os resultados.



O processo começa com uma avaliação primária que o indivíduo faz do estressor: uma situação que atinge um grau de ameaça intensa que pode ser temida, inevitável ou inesperada, sua natureza aguda ou crônica. O conceito de avaliação no processo de *coping* não apenas busca conhecimento da situação e do estressor, mas aprecia o valor desta situação e do estressor à vida do indivíduo, se o que ocorre diz respeito ao indivíduo e de que forma.

Respostas fisiológicas são comuns no tipo de resposta que o indivíduo faz de imediato a uma situação de crise. O medo, a ansiedade e a preocupação refletem-se em atitudes corporais e reações fisiológicas. A percepção de incontrollabilidade do evento, que estremece o senso de ordem e coerência que o indivíduo deposita no mundo e cria suas expectativas em relação a ele, alerta através dessa avaliação primária o grau de ameaça do estressor.

Em seguida, a avaliação secundária verificará os recursos disponíveis do indivíduo para confrontar o agente estressor ou as reações emocionais que suscitam na pessoa, preparando a resposta adequada de *coping* diante do que a situação exige. Geralmente as ações de enfrentamento são focadas no problema, em que o indivíduo lança mão de ações que procuram analisar o agente estressor, conhecer suas causas, estipular estratégias que visam a anulação de sua ação nociva. Nas estratégias focadas na emoção, o indivíduo se atém às reações que o agente estressor provoca, busca aliviar o medo ou ansiedade com outras atividades ou mesmo negando a existência da situação de crise.

Posteriormente, a estratégia de enfrentamento focada no sentido foi incorporada na literatura mais recente (Folkman, 2011; Park, 2005), descrita como a criação de sentido em situações duradouras de crise, que capacita o surgimento de percepções positivas, reavaliações e mudanças pessoais quando as estratégias focadas na emoção e no problema falham. Apesar da dor e da angústia, ainda está aberta a oportunidade de adicionar um sentido à experiência do sofrimento. Este sentido difere de pessoa a pessoa, em tempos diferentes. O que importa “não é o sentido da vida em geral, mas o sentido específico da vida de alguém em um dado momento” (Frankl, 2006, p. 108).

O modelo transacional de *coping* e estresse “explicita os papéis de crenças e metas e as funções do sentido nos processos através dos quais as pessoas avaliam e lidam com eventos e circunstâncias estressantes” (Park & Folkman, 1997, p. 116). Nesse modelo, há dois níveis de sentido: o sentido global e o sentido situacional. O

sentido global refere-se ao nível mais abstrato e generalizado de sentido: as crenças básicas, que dão uma consistência de ordem e coerência ao mundo, os propósitos e as expectativas fundamentais das pessoas. O conteúdo do sentido global é descrito em duas dimensões: uma relativa às assunções sobre ordem, inclusive a distribuição de eventos negativos e positivos. A outra é a dimensão motivacional que se refere às metas de vida e aos propósitos pessoais. A religião é um exemplo de sentido global cuja perspectiva pode prover sentido nos níveis de significância pessoal e explicação causal, podendo ocupar um lugar central no sentido e compreensão da vida ao atribuir ordem e coerência. A religião também possui componentes motivacionais, tanto na religiosidade intrínseca voltada à busca de fins espirituais, quanto na religiosidade extrínseca pela instrumentalização da religião na procura de outros objetivos, tais como apoio social.

Já o sentido situacional “refere-se à interação das crenças e metas globais de uma pessoa e as circunstâncias de uma transação particular entre pessoa e meio (Park & Folkman, 1997, p. 121). Na avaliação do sentido de uma situação percorrem as avaliações primária e secundária. Em geral, eventos do dia-a-dia inesperados e indesejáveis tendem a serem assimilados às crenças do sentido global, porém eventos traumáticos ou causadores de um sofrimento intenso ou crônico tais como doenças graves, desastres, violência e morte de alguém próximo podem questionar a visão de mundo do indivíduo e a ordem a que essa visão confere sentido. Sendo assim, “a grande tarefa no manejo de sentido é reduzir a discrepância entre sentido apreciado de uma situação ou evento e o sentido global preexistente do indivíduo em termos de crenças e metas” (Park & Folkman, 1997, p. 124). A redução da discrepância e o sucesso na construção de sentido pode dar-se tanto pela assimilação do evento ao sentido global preexistente como pela mudança de crenças ou metas capazes de se acomodarem ao evento.

O resultado de ação de enfrentamento, se positivo ou negativo, depende do desenrolar de todo o processo, e mesmo assim há reavaliações em que o sujeito pode utilizar diferentes estratégias de *coping* conforme muda, com o tempo, a situação de crise. Portanto, não há uma ação de enfrentamento que será em sua substância boa ou ruim na resolução de todo e qualquer conflito, mas sim uma variedade de ações que podem ser engajadas em diferentes circunstâncias ao longo do processo com diferentes resultados.

Eventos traumáticos, por sua vez, podem acarretar em sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). O que leva um indivíduo a desenvolver TEPT depende tanto da intensidade do evento, como das predisposições da vulnerabilidade psicológica no momento de exposição ao trauma e de traços de personalidade. A experiência estressora não é suficiente para o diagnóstico de TEPT, pois há múltiplos fatores envolvidos como fatores psicossociais de risco ligados às características de evento traumático, características ou experiências pré-existentes do indivíduo e fatores pós-traumáticos (Pupo, 2014). Em geral, os sintomas agrupam-se na reexperiência do evento traumático (*flashbacks*, pensamentos intrusivos ou memória do trauma, reação fisiológica a estímulos reminiscentes do evento), evitação cognitiva (de pensamentos, memórias e sentimentos), comportamental (evitação de pessoas, lugares que suscitam memória do estressor) e parcialmente fisiológica (embotamento emocional), além de hipersensibilidade (irritabilidade, distúrbios de sono, dificuldade de atenção e concentração), conforme nosologia apresentada por Briere (2004).

## B. *COPING* RELIGIOSO

O processo de  *coping*  envolve múltiplas áreas que extrapolam a relação do sujeito com o agente estressor, e para entendermos como o fenômeno religioso converge com este processo, é preciso conhecer a pessoa, a situação e o contexto social. Para Pargament (1997) a religião, assim como o  *coping* , é uma busca pela significância, objetivo que, para ser atingido, exige que o indivíduo se mobilize intencionalmente para conquistar ou preservar esta significância. A religião participa do processo de  *coping*  sob determinadas circunstâncias. É necessário, antes de tudo, que a religião faça parte do sistema orientador da pessoa. A religião compartilha com outros recursos disponíveis do indivíduo, compondo alternativas que podem ser utilizadas ou não no enfrentamento a alguma ameaça a seu bem-estar. Não basta, portanto, ser a religião apenas um elemento na vida do indivíduo que lhe ofereça identidade a um grupo, mas deve ser também uma ferramenta acessível àqueles que fazem das práticas e crenças religiosas parte de seu sistema orientador no processo de  *coping* . Para Pargament, Koenig e Perez (2000), não é suficiente saber que o indivíduo reza, vai à igreja ou vê programas religiosos na televisão. Medidas de enfrentamento religioso especificam melhor a maneira como a religião é utilizada por ele para entender e lidar com os estressores.

É comum considerar a religião no processo de *coping* como uma função defensiva ou resultante de outros aspectos psicológicos mais abrangentes, “mas dizer que a religião *pode* funcionar como uma fonte de redução de tensão não é afirmar que a religião opera *consistentemente* ou *somente* como um gerador de conforto” (Pargament & Park, 1995, p. 16). A religião vai além da redução da tensão causada por um evento estressante, com práticas religiosas identificadas com estratégias de *coping* focadas na emoção, cujo objetivo é o alívio do desconforto emocional decorrente do estressor, sem contudo atuar sobre ele. Também não é difícil encontrar relatos de funções de evitação, distorção da realidade e resistência a mudanças sociais embasadas na religião. Porém, a função da religião não se esgota no alívio de cargas emocionais ou na fuga do agente estressor. Sua função se expande a diversos objetos de significância inclusive de maneira ativa e não apenas passiva.

O caráter multidimensional do *coping* religioso atende às pessoas “na busca por uma variedade de fins significativos em tempos de estresse: um sentido de significação e propósito, conforto emocional, controle pessoal, intimidade com outros, saúde física ou espiritualidade” (Pargament et al., 1998, p. 711). As metas do *coping* religioso vão além do conforto e alívio, incluem tanto métodos passivos quanto ativos de enfrentamento. O indivíduo recorre a seus recursos religiosos não apenas como reação defensiva diante de uma crise, mas realiza um processo de *coping* no qual, havendo a dimensão espiritual em seu sistema de orientação, direciona suas ações aos mais difíceis problemas com que tem que lidar. Dessa forma, “definir *coping* religioso como passivo não é incorreto. É incompleto. Submissão e complacência a Deus são só duas das muitas faces da religião” (Pargament, 1997, p. 183). Reavaliar uma situação de crise não é negá-la, pois “é possível ver um evento negativo através de um ponto de vista religioso e positivo sem negar as implicações negativas daquele evento (...). Enquanto a *realidade* de uma mudança fundamental não é negada de um modelo religioso de referência, o *sentido* daquela mudança é frequentemente reconstruído” (Pargament & Park, 1995, p. 21). O modelo de *coping* de construção de sentido, como visto anteriormente, “postula que a discrepância entre o sentido global e o sentido avaliado da situação é um estado altamente desconfortável, envolvendo um senso de perda de controle, previsão ou compreensão do mundo” (Park, 2005, p. 710), e a religião é um sistema

que pode influenciar significativamente o processo de *coping* de construção de sentido.

Pargament, Magyar-Russell e Murray-Swank (2005) enfatizam o caráter único da religião em lidar com os problemas e que não se reduz a ações de enfrentamento derivadas de atributos psicológicos, sociais ou fisiológicos. O *coping* religioso, definido como a busca por significância de maneiras relacionadas com o sagrado, confere um repertório de práticas, sentidos e objetivos específicos onde o sagrado está imbricado. Orações, rituais de purificação e iniciação, canções de louvores, oferendas, sacrifícios, festas religiosas, promessas, meditação espiritual, amuletos, ascetismo, contato com o mundo sobrenatural pelo transe extático, possessão corporal de entidades, cosmologias e leis divinas fornecem sentidos, objetos significantes e instrumentos únicos para atingir determinados objetivos.

O *coping* religioso pode assumir diversas formas entre tradições religiosas, denominações e culturas diferentes. Além do mais, o manejo ou não dos recursos religiosos pelo indivíduo, para lidar com uma situação de estresse, está condicionado às exigências desta situação que ameaça o que lhe é significativo. Pargament distingue significância de sentido, sendo que este último “representa um dos muitos objetos possíveis de significância, sejam estes construtivos ou destrutivos” (Pargament, 1997, p.467), enquanto que sentido, como no conceito de Frankl, possui uma conotação necessariamente positiva. Objetos de significância podem ser particularmente maléficos se uma pessoa elege como prioritário às suas ações o consumo de substâncias que causam dependência química.

Significância para Pargament é “um construto fenomenológico que envolve sentimentos e crenças associados com estima, importância e valor” (Pargament, 1997, p. 92). Objetos de significância se dispõem em uma hierarquia de valores organizada a partir do que é mais significativo para o indivíduo. Não apenas objetos carregam significância, mas os eventos também ganham relevância na medida em que dizem respeito ao que é valorizado. Para lidar com o evento, o indivíduo traz seu sistema de orientação, que é seu “quadro de referência, um diagrama de si e do mundo que é usado para antecipar e chegar a um acordo com os eventos da vida” (Pargament, 1997, p. 100). As pessoas traduzem seu sistema de orientação em modos específicos de enfrentamento e a significância é buscada no processo de

*coping*, em que pode ser conservada ou transformada. Verificando a presença e a importância da religião no sistema de orientação, haverá uma variedade de formas de enfrentamento de características religiosas e espirituais.

Sobre a diferença conceitual entre religião e espiritualidade, Pargament (1999) não dissocia a religião para o âmbito do institucional e a espiritualidade para o âmbito da individualidade. Tanto a religião quanto a espiritualidade nutrem-se de símbolos compartilhados culturalmente, e procuram responder a necessidades pessoais. A definição de Pargament de espiritualidade, é que esta se direciona à busca do sagrado, sendo este o núcleo do estudo sobre espiritualidade e religião. Conforme disse Tolstói (1879/1987), “a fé é a mesma coisa que a religião, com a única diferença que pela palavra religião, nós deduzimos um fenômeno observado fora de nós, enquanto que o que chamamos de fé, este fenômeno experimentado dentro de nós” (p. 98).

A religião pode desempenhar estratégias de enfrentamento tanto positivas quanto negativas, acarretando resultados benéficos, irrelevantes ou prejudiciais. Um padrão de estratégias de *coping* positivo abarca atitudes relacionadas a um vínculo seguro com Deus, à crença que há sentido na vida e a uma conexão espiritual com outros. Já as estratégias de *coping* negativo são decorrentes de uma visão pessimista e ameaçadora do mundo, de uma relação insegura diante de uma divindade punitiva e de um conflito religioso pela busca de significância (Pargament, Smith, Koenig, & Perez, 1998). Formas benéficas aglomeram estratégias colaborativas de apoio espiritual e congregacional. Formas prejudiciais englobam desamparo espiritual e distanciamento diante de percepções discriminatórias recebidas do grupo congregacional. Outras formas de *coping* religioso não são tão claras em estabelecer seu caráter positivo ou negativo. Estratégias delegantes (entregar a situação para Deus resolver), conversão religiosa e estratégias auto-diretivas podem ter implicações mistas, a depender do momento do processo de enfrentamento e da situação com que lidar. O resultado nem sempre é definitivo, uma vez que *coping* é considerado um processo. Mesmo atitudes aparentemente positivas podem surtir efeito no momento de alívio, enquanto que outras atitudes mais “dolorosas”, como no caso de conversão, podem levar a uma conciliação dos sentidos globais e situacionais a longo prazo. Assim como a religião não é o único modo de enfrentamento utilizado pelo indivíduo, não há uma única estratégia de

enfrentamento religioso que é empregada por ele. O estilo auto-diretivo pode ser útil em situações controláveis, mas em situações onde o controle escapa do poder do indivíduo, outras abordagens colaborativas e delegantes podem surtir melhores resultados (Pargament et al., 1988).

### C. ESTRESSORES E *COPING* NA GUERRA E NAS MISSÕES DE PAZ

Nos ambientes de conflito armado, diversos tipos de estressores posicionam-se numa multipolaridade de forças que os indivíduos enfrentam em meio a este fogo cerrado. O ambiente inóspito, o risco das operações, o confinamento e a distância dos círculos familiar e social são algumas das situações que se impõem aos que são mobilizados à guerra e às missões de paz.

Muitos pontos separam o trauma de combate de outros traumas. No combate há um impacto coletivo na medida em que todos os militares estão expostos aos eventos traumáticos, há experiências de trauma variadas (estar em confronto, sofrer ferimentos ou amputações, perder companheiros de farda, presenciar cadáveres, etc), além da convivência rotineira com estressores durante o tempo em que a guerra é conduzida, alternando períodos de tédio ao estresse extremo. Os combatentes não apenas sofrem o trauma, “mas suas missões frequentemente requer que eles cometam ao mesmo tempo uma grande quantidade de trauma, morte e destruição no inimigo, fazendo este tipo de trauma único” (Larner & Blow, 2011, p. 188). As missões de paz, por outro lado, exigem uma presença assertiva em ambientes hostis e ao mesmo tempo um controle sobre a agressividade. Muitos estressores das situações de combate podem estar presentes nas OMP, outros não com a mesma intensidade, e há ainda aqueles que advêm potencialmente deste tipo de missão.

Diferentemente de situações para as quais os militares ao longo de sua formação são preparados, as características peculiares numa missão de paz exigem outras habilidades e regras de engajamento que não costumam ser ensinadas no treinamento de formação de militares das Forças Armadas, cujo ensino nas academias e escolas militares enfatiza os procedimentos operacionais em um confronto armado. Apesar de muitas características do ambiente de guerra poderem estar presentes numa situação de coerção da paz (*peace enforcement*), principalmente no combate a grupos paramilitares, e até mesmo na reincidência da

violência em situações onde a paz já fora alcançada, exigem-se outras abordagens quando o foco da missão está no processo de pacificação e estabilidade política de um país. Ao anular as forças beligerantes que desestabilizavam o ambiente sociopolítico, a missão da ONU esforça-se para garantir a manutenção da paz, oferecendo a segurança apropriada para que as instituições do país possam se reerguer. Quando a ONU ou outra aliança supranacional decidem intervir em conflitos, “as metas serão as mudanças nas situações que levaram às irrupções e estabelecer novas sociedades autossustentáveis onde a paz e a segurança prevalecerão” (Moldjord, Fossum & Holen, 2003, p. 169). Nesse sentido, ao contrário da situação de guerra onde há um inimigo claro a ser combatido, os militares envolvidos na missão devem garantir a estabilidade necessária para que o Estado possa organizar e desenvolver sua própria capacidade de segurança, com respeito à lei e aos direitos humanos, enquanto que o ramo diplomático da missão se empenha no diálogo e reconciliação de grupos conflitantes. Porém, “tais metas honradas podem em tempos ocasionar confrontos diretos e envolver-se com civis frustrados, polícia local violenta e grupos paramilitares” (Moldjord, Fossum & Holen, 2003, p. 169).

Como anteriormente mencionado, segundo a ONU (2008) há três princípios básicos que norteiam as missões de manutenção da paz: consentimento das partes, imparcialidade e não uso da força exceto em auto-defesa e defesa do mandato. Nesse sentido, os militares envolvidos na missão precisam desenvolver outras habilidades e aplicar regras de engajamento específicas a estes princípios, que muitas vezes equiparam-se às forças policiais que buscam garantir a lei e a ordem. Contudo, dada a precariedade das instituições públicas nos países que recebem essas missões e o risco de insurgência e retorno da violência, forças armadas de diversas nações participantes coordenam as atividades militares e policiais em direção ao cumprimento dos objetivos da missão.

Os estressores a serem enfrentados pelos militares, portanto, podem se assemelhar aos que são previsíveis numa situação de guerra e também divergem destes quando os objetivos da estabilização política e segurança da população civil são preponderantes. Sendo assim, para o militar que teve sua formação voltada exclusivamente à guerra,



a lógica binária amigo/inimigo, que representava o horizonte cognitivo aos indivíduos no combate clássico de guerra, pode não prover mais orientação para a ação (...). A missão de paz é vista como antagônica à identidade tradicional do guerreiro combatente e frequentemente percebida como desviante do objetivo primário dos soldados em combater e ganhar guerras (Galantino, 2003, p. 116).

Surge a necessidade de sempre criar e preservar um sentido para a ação do militar na missão, incorporado também às necessidades pessoais do militar que se voluntaria à missão. Este sentido atribuído à Missão de Paz varia conforme as características demográficas, a natureza da missão e a postura e valores que o militar desenvolve diante de sua participação em uma OMP. O que contribui para a formação de um sentido relevante para os militares envolvidos numa OMP depende de fatores confluentes tais como o posicionamento do militar em relação à Missão de Paz (definido por conceitos e sentimentos que as OMP despertam), sua percepção da relevância da OMP para sua identidade, tarefa e carreira, a visão positiva da missão demonstrada pelos líderes militares e o apoio público à operação (Britt, 2003).

As missões de paz comportam uma variedade de aspectos *sui generis* aos quais os militares estão submetidos. Não apenas conforme a qualquer outra tarefa operacional cujos estressores os militares defrontam, tais como distância da família e o risco de serem feridos ou mortos,

mas os militares também devem lidar com estressores específicos da missão de manutenção da paz, tais como em permanecer imparciais ao enfrentar membros de facções contendoras já existentes e refrear a agressão quando provocados ou ridicularizados (Britt & Adler, 2003, p. 3).

Os militares, portanto, lidam com as condições impostas pelos próprios princípios da missão de paz enfatizadas pela ONU, ou seja, a imparcialidade e o uso da força somente em auto-defesa. Elevam-se as chances de deparar com diversas situações como frustração e dificuldade em controlar a agressividade, além dos estressores comuns ao ambiente de risco que podem levar ao desenvolvimento de sintomas relacionados ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Diversos estudos sublinham o surgimento desse transtorno, mesmo após meses do término da missão (Wagner & Jakupcak, 2012; Castanho, 2009; Sareen, Cox, Afifi, et al., 2007).

Outra condição imposta pelas missões de paz é de que elas “não dispõem de um inimigo focal e, frequentemente na ausência de objetivos claramente estabelecidos, são tipicamente conduzidos num ambiente que não é bem definido” (Franke, 2003, p. 32). A incerteza permeia o andamento da missão, uma vez que as circunstâncias políticas locais e as mudanças diplomáticas que se direcionam para além do controle do soldado, conferem ao militar pouca clareza sobre o sucesso de sua tarefa. A incerteza de resultados em um ambiente permeado pelo embate político e diplomático traz outros desafios a quem esteja dedicado à exclusividade dos procedimentos militares em zonas de conflito. Os objetivos de uma OMP não se reduzem às táticas e manobras de ocupação de pontos estratégicos como ensinadas nas escolas de formação e aperfeiçoamento do Exército, mas estão condicionadas às decisões do alto escalão diplomático e político formado pela ONU e pelo governo local. Os resultados de uma operação não encontram um discernimento claro quando o controle e direção das atividades não estão mais sujeitas à hegemonia das decisões militares. Assim, “a incerteza lança dúvidas no propósito da operação para o soldado, assim como limita a sua confiança em sua habilidade em efetuar mudança no conflito” (Britt, 2003, p. 80). Há outros elementos, portanto, que potencializam o grau de imprevisibilidade das atividades bélicas no teatro de operações, amparando a definição de Carl von Clausewitz (1832/2003) que “a guerra é o domínio da incerteza” (p. 51).

Porém, não basta nos atermos às dificuldades encontradas nas situações estressantes das missões de paz, sem considerarmos as motivações intrínsecas com que os militares abraçam a missão, uma vez que suas aspirações, projetos e desejos influem na medida em que a missão possa atender de forma adequada ou não a essas motivações. Isso porque “diferente das atividades em situações de guerra, a participação em tropas de paz é um trabalho voluntário que traz vinculado a si tanto uma oportunidade de crescimento profissional quanto a chance de fazer um trabalho significativo” (Souza, 2011, p. 90). A maneira como a motivação do militar se relaciona com o andamento da missão depende do quanto “os *peacekeepers* já possuem um conjunto de expectativas e valores morais antes de sua mobilização, mas ele é interpretado, desenvolvido e transformado enquanto o trabalho de manutenção da paz é realizado” (Galantino, 2003, p. 117). A realização ou não das aspirações de cada militar pode levá-lo à satisfação pessoal ou à

frustração e decepção com a missão. Como observado no levantamento sobre motivações e expectativas durante o EBOP e EAOP realizados antes da ativação do BRABAT 19, “fazer a diferença” e “ajudar o povo haitiano” aparecem como a principal expectativa de ação dos militares, mas a frustração pode prevalecer quando os resultados dessas ações não são percebidos ou há pouca clareza da finalidade de algumas operações militares.

Cabe, portanto, a quem maneja o aspecto humano nas OMP, seja a liderança em seus variados níveis hierárquicos ou a equipe que cuida do bem-estar físico, psicológico e espiritual do militar, olhar atentamente as motivações que levaram os militares a se voluntariarem para a missão. É importante esclarecer, na medida do possível na vivência de cada tarefa desempenhada pela função de cada um, tanto os condutores que levam à concretização das aspirações quanto os obstáculos que impedem a realização delas.

A partir do conhecimento das aspirações que mobilizaram os soldados a escolherem servir em uma missão de paz e todo o processo que decorre ao longo da missão em encontrar seu sentido pessoal – e mesmo quando é necessário reformular este sentido e os objetivos individuais previamente elencados –, os benefícios são conquistados. Porém, mesmo conquistas podem não compensar a insatisfação de quem perdeu o sentido quando ao longo da missão teve que lidar com perdas, frustrações, decepções, exaustão, abatimento. Conquistas mais seguras como retorno financeiro, podem ter um custo que o militar não estava propenso a despende pelo o que viveu durante a missão, contabilizado tanto nas dificuldades enfrentadas no país estrangeiro quanto nas suas responsabilidades que deixou no Brasil e que se tornaram mais difíceis de assumir à distância. Por outro lado, mesmo a derrota diante de metas não cumpridas, o sentido que se criou no indivíduo ao longo da missão trouxe-lhe um outro tipo de satisfação ou uma série inesperada de benefícios. É importante compreender que “o sentido que os *peacekeepers* vislumbram afetará o grau de satisfação que eles podem sentir com sua participação na missão e o grau de benefícios que podem obter desta participação” (Britt, 2003, p. 81).

E assim se criam ou se destroem os sentidos que cada militar moldou em relação à missão, de acordo com as circunstâncias encontradas e com as atitudes e

aspirações pessoais. Tais circunstâncias envolvem o espaço físico e social do teatro de operações, as imposições institucionais e regulamentares, o risco crônico que abala o sentimento de segurança e bem-estar, o clima de incerteza. O posicionamento do soldado diante dos desafios da missão, procura, dentro do campo de sua ação delimitada por tais circunstâncias em constante reconfiguração ao longo do processo, preservar, recuperar ou reconstruir o sentido que por alguma situação de estresse se perdeu. Dessa maneira os *peacekeepers* podem interpretar e entender as OMP de diferentes maneiras e “tais interpretações têm implicações para estabelecer se elas podem ou não efetivamente transformar uma experiência estressante em uma fonte de resultados positivos” (Britt, 2003, p. 85-86), o que reforça a tese de que os próprios benefícios e a satisfação estão sob constante reavaliação, dado o sentido que é depositado neles. Este sentido abarca tanto realizações pessoais quanto o cumprimento da missão, uma experiência aberta a uma operação inédita para muitos e o desafio diante de novas tarefas, algum projeto que necessite de investimento financeiro ou a saída de uma situação de endividamento, a oportunidade de incrementar a carreira militar e a vivência em culturas diferentes.

Segundo Adler, Litz e Bartone (2003), os estressores englobam fatores ligados a aborrecimentos crônicos (separação de casa, problemas ocupacionais, condições físicas de infraestrutura) e à operação em si (estressores traumáticos e não traumáticos). A separação de casa pode acarretar em isolamento, além de ansiedade frente a problemas familiares que o militar não estará presente para resolvê-los. Os problemas ocupacionais podem variar com a sobrecarga de tarefas, o tédio, relacionamentos interpessoais disfuncionais, falhas de comunicação. As condições físicas lidam com a logística de suprimentos e recursos, falta de privacidade, clima meteorológico do país, infraestrutura das acomodações. Já na parte operacional, há os estressores potencialmente traumáticos como confronto com grupos armados que atacam e geram cenas de morte e ferimentos, exposição a campos minados, rebeliões que possam disseminar uma onda de violência incontrolável, além dos desastres naturais que acometem sintomas análogos à TEPT. Os eventos não traumáticos, por sua vez, como falta de segurança nas patrulhas e ameaça de minas terrestres, falta de clareza dos objetivos da missão e das regras de engajamento, clima de constante incerteza, exposição às dificuldades

e desamparo da população local e até a hostilidade por parte dela, podem acarretar frustração, sentimento de impotência, irritabilidade, etc.

Estudo com militares do segundo contingente brasileiro de Força de Paz no Haiti sugere que indivíduos com traço de personalidade de afeto negativo (emoções de ansiedade e angústia em relação à percepção de bem-estar subjetivo) estão mais propensos a desenvolverem sintomas de TEPT quando expostos a eventos traumáticos (Souza et al., 2008). Em outro estudo sobre estresse nos dois primeiros contingentes das tropas brasileiras, observou-se que a intensidade dos estressores aumentou significativamente do primeiro para o segundo contingente (Monteiro da Silva & Teixeira Júnior, 2006), mas que os militares brasileiros demonstraram alta resiliência frente a estes estressores, com baixos níveis de depressão, ansiedade e estresse. O estressor com maior média no primeiro e segundo contingente foi relacionado com a percepção das condições miseráveis de vida da população local. Já nos estressores seguintes, houve uma mudança de estressores intensos percebidos, sendo “estar longe da família e amigos” como o segundo maior no contingente 1 e “risco pessoal de ferimento e morte durante a missão” como o segundo estressor mais reportado no contingente 2.

Sobre a construção de sentido entre militares, um levantamento da literatura sobre o tema (Schok, Kleber, Elands, & Weerts, 2008) encontrou relatos de benefícios como resultado da experiência de guerra e de missões de paz que surtiram mudanças na autoimagem, nas relações sociais e no crescimento pessoal. O equilíbrio entre as avaliações positiva e negativa, com o intuito de integrar a realidade da experiência, é fundamental para a adaptação positiva, e “construir sentido positivo das experiências de guerra e de missões de paz, especialmente relacionado à exposição ao combate ou percepção de grande ameaça, é associado com melhor adaptação psicológica” (Schok, Kleber, Elands, & Weerts, 2008, p. 365). Numa pesquisa com veteranos holandeses que participaram de campanhas bélicas e missões de paz (Schok, Kleber, & Lensvelt-Mulders, 2010), a resiliência foi caracterizada como um atributo que reúne fatores tais como alto grau de autoestima, otimismo e controle percebido. Forte resiliência foi relacionada com percepção do impacto emocional menor das experiências vividas, além de que o sentido construído esteve relacionado com a adaptação cognitiva de compreensão dos

eventos ocorridos e com o encontro de significância pessoal retirada da experiência para a vida atual.

Devido a os princípios básicos da ONU sublinharem o caráter de imparcialidade e não-agressão, uma característica peculiar nas missões de paz que não se encontra nos ambientes de guerra declarada é a contenção da agressividade (Weisaeth, 2003). Sendo assim, o mais importante no adestramento de soldados não é ensinar a atirar, mas a controlar o gatilho. A exposição a provocações e humilhações exige que o militar possua controle emocional que o capacite a realizar uma ação adequada que muitas vezes vai contra todo o treinamento que obteve ao longo da carreira. O risco é que a “agressão direta vinda da população civil, de abuso verbal a ataques com pedras e outras ações violentas, é humilhante, perigosa e frustrante” (Weisaeth, 2003, p. 214), podendo propiciar atitudes inadequadas por parte dos soldados quando ameaçados. Em situações ameaçadoras, “o desafio do *peacekeeper* é não acirrar, mas acalmar o oponente. A contenção serve como uma estratégia de *coping* ativo; os *peacekeepers* são focados em lidar com o estressor efetivamente” (Moldjord, Fossum & Holen, 2003,p. 173). A contenção da agressividade nesse caso é vista como uma estratégia focada no problema, uma vez que aguarda a oportunidade apropriada para agir, evitando uma ação prematura.

Uma situação comum de queixa entre os capacetes azuis do BRABAT 19 foi relatada especificamente na companhia destacada de Cité Soleil, onde os sentinelas, por estarem muito próximos da via pública, eram alvos constantes de pedras atiradas por jovens que pediam água, alimentos ou objetos. Quando frustrados ou ignorados, provocavam e hostilizavam os soldados de serviço. Uma medida implementada foi construir uma grade de proteção nas guaritas. O perigo não acomete somente a integridade do militar em si, mas o escopo da própria missão quando uma reação desproporcional às provocações é deflagrada. Em certos aspectos, os *peacekeepers* possuem desafios psicológicos mais complexos do que soldados treinados para a guerra convencional, uma vez que “devem seguir estritas regras de engajamento para evitar o uso indesejável das armas em situações ameaçadoras. Quando continuamente expostos a situações perigosas, provocativas ou humilhantes, o *peacekeeper* tem poucas opções de extravasar a raiva e a frustração” (Moldjord, Fossum & Holen, 2003, p. 170).

Abster da retaliação quando ameaçado “demanda um tipo especial de coragem e senso de *self* desenvolvido” (Weisaeth, 2003, p. 219). A forma como o militar reage a essas provocações pode ainda fomentar percepções negativas em direção à população local e, portanto, maior risco de atitudes inadequadas, motivo pelo qual os guardiães da paz “devem estar atentos a que enquanto sob stress, ou quando seus recursos de atenção são desviados aos perigos potenciais do meio, eles estão mais sujeitos a usar estereótipos negativos e formar atitudes preconceituosas sobre o pessoal local” (Boniecki & Britt, 2003, p. 64). Atitudes como essa constroem uma percepção que os alguns militares brasileiros informalmente depositam na população haitiana ao longo das fases em que estão na missão, chamada de PINO. Esta abreviação refere-se aos sentimentos sequenciais que os militares brasileiros sentem pelos haitianos desde quando iniciam a missão até seu término: Piedade, Indiferença, Nojo e Ódio. Tais sentimentos negativos estão atrelados à frustração em alcançar os objetivos e significados pessoais que o militar construiu para a missão e à impotência ao se depararem com a pouca resolubilidade de suas ações como fator de mudança na sociedade haitiana. Cabe assim às lideranças e aos que fomentam o bem-estar dos militares fornecerem apoio à manutenção do sentido que cada militar deu à missão, em conformidade à consecução dos objetivos de cada contingente que emprega suas tropas em uma operação da ONU. As ações que os militares desempenham, por mais limitadas que sejam devido ao alcance de impacto e às barreiras das regras de engajamento impostas pela particularidade da missão, devem ser esclarecidas e também valorizadas para a manutenção do sentido. É uma tarefa constante imposta aos líderes militares que “devem perseguir esforços para capacitar os membros do serviço a entenderem que as missões de manutenção da paz servem a um propósito relevante” (Britt, 2003, p. 86), do contrário esvazia-se o sentido das operações determinadas.

Um ponto importante que foi levado por militares do BRABAT 19 ao psicólogo do batalhão foi a pouca percepção das ações de transformação, em mudar a condição precária em que vive a população local. O que pode ser mais evidente num momento de conquista da paz onde as ações militares encontram um alvo claro e específico de forças hostis, as ações de manutenção da paz prolongadas num ambiente pacificado esvanecem um resultado mais perceptível. Importante notar que

manter a paz pode ser uma tarefa ainda mais complexa do que conquistá-la, pois as ações militares já não contam com o amplo apoio popular pela urgência prioritária da segurança; após a retomada das atividades civis, a população requer educação, trabalho, moradia, subsistência. A permanência das tropas por um longo período de tempo começa a gerar críticas por parte de alguns segmentos locais e as operações militares não dão conta de resolver a calamidade social onde se encontra o Haiti, repercutindo a frustração não somente à população haitiana, mas entre os próprios capacetes azuis. Contudo, a manutenção da segurança e o apoio às instituições e às eleições livres e legítimas são condições básicas para que se possa investir de maneira adequada as ações humanitárias, o que confere um papel de suma importância às ações dos *peacekeepers*. Mesmo atividades CIMIC que possuem um impacto momentâneo (exibição de filmes, atividades lúdicas com crianças, atendimento médico e odontológico e distribuição de água), podem ser valorizadas quando se percebe que o extremo estado de escassez em que se encontra boa parte da população haitiana é aliviado quando são realizadas essas atividades, ainda que pontuais.

Dentre as dificuldades encontradas pelos *peacekeepers*, algumas se referem, portanto, a situações que envolvem problemas ocupacionais inerentes às organizações das Forças Armadas e à vida militar que persiste no aquartelamento de longa duração, com pouco contato externo mesmo em dias sem expediente, enquanto que outras se acrescentam às especificidades da missão operacional (risco de vida, confronto) e da missão de paz (conduta de engajamento específica à missão de paz da ONU).

Estudos que abordam a religiosidade no processo de enfrentamento aos estressores de guerra e de missões de paz, apontam a variadas conclusões de acordo com o grau de exposição ao combate, ao problema enfrentado (eventos potencialmente traumáticos, ideação suicida, depressão, etc.), à amostra considerada, entre outros. Estudo com veteranos de guerra norte-americanos que estavam sob tratamento de TEPT em clínicas especializadas (Currier, Holland, & Drescher, 2015), mostrou que formas de *coping* religioso positivo estavam relacionadas com melhor evolução e prognóstico no tratamento do que entre as estratégias de *coping* religioso negativo utilizadas pelos veteranos.



Outro estudo com membros das Forças Armadas norte-americanas (Hourani et al., 2012) buscou relacionar espiritualidade com distúrbios mentais (depressão, TEPT, ideação suicida) e como interage na relação entre estes distúrbios e exposição ao combate. A intensificação dos riscos de uma missão atrelada à exposição ao combate influi no impacto da espiritualidade em amortecer efeitos aversivos e sintomas depressivos. Os dados mostraram que entre grupos de exposição ao combate baixa a moderada, alta espiritualidade teve efeito maior na amenização dos sintomas depressivos e de TEPT. Já a média espiritualidade foi relacionada como fator protetor à ideação suicida entre os que nunca foram empregados em combate. O estudo sugere que o papel da espiritualidade na saúde mental é limitado ao tipo de problema mental investigado e que pode ser suplantado por grande carga de estresse, como altos níveis de exposição ao combate.

Em entrevista realizada com militares muçulmanos do exército norte-americano (Abu-Ras & Hosein, 2015), tanto do serviço ativo quanto da reserva, houve relatos de que a religião contribuiu à percepção de vulnerabilidade ao estresse diante de situações em que estes militares tinham que esconder sua filiação à fé islâmica entre seus pares. Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, as mudanças sócio-políticas deslocou a discriminação contra etnia ou raça para a religião islâmica, pressionando muitos militares muçulmanos a declararem fidelidade aos EUA. Por outro lado, estes militares salientaram a função da religião como guia das tarefas diárias e como fator protetor que endossa conduta moral e social, defendendo-os de comportamentos de risco, tais como abuso de substâncias. Caracterizam o islã como estilo de vida, e no período de guerra, os militares muçulmanos destacaram a importância da religião no enfrentamento da incerteza e da ambiguidade.

Outro escopo de estudo, feito com familiares de militares empregados em operações de guerra, apontou para a importância da abordagem espiritual em terapias de família (Brelsford & Friedberg, 2011). Segundo os autores, terapeutas de família cujo membro está em operação militar podem se beneficiar ao compreender como a família trata assuntos religiosos e espirituais no *setting* terapêutico, particularmente ao lidar com a mobilização do militar e as perspectivas e crenças envolvidas. O apoio a familiares de militares em missões de longa duração é um aspecto importante a ser considerado, visando o bem-estar da família e do militar

mobilizado. Em estudo com familiares de militares brasileiros empregados à missão de paz no Timor Leste (Schincariol & Vasconcellos, 2011), as fases mais difíceis percebidas pelas famílias foram os meses que antecederam a missão, a partida propriamente dita e o primeiro mês pós-deslocamento.

O Exército norte-americano elaborou um programa voltado à avaliação e treinamento de habilidades ligadas à resiliência e aprimorar a performance de soldados diante de adversidades, citado anteriormente. Esse programa denominado *Comprehensive Soldier and Family Fitness (CSF2)* visa, por meio de técnicas de avaliação e treinamento, desenvolver as “cinco dimensões de força” (física, emocional, espiritual, social e familiar). A dimensão espiritual é definida como propósito da pessoa, valores centrais, crenças, identidade e visão de mundo. Segundo o regulamento que fundamenta o programa (AR 350-53, de 2014), estes elementos definem a essência da pessoa, capacita-a a criar uma força interior, construir sentido de experiências, comportar-se eticamente, perseverar diante dos desafios e ser resiliente nas adversidades. A espiritualidade baseia-se nos ensinamentos e crenças religiosas, pessoais, filosóficas e psicológicas e alicerça o caráter. A espiritualidade torna-se relevante neste programa na medida em que é considerada uma força motivacional significativa, um recurso vital para o desenvolvimento humano que permite experienciar um sentido de conectividade com as pessoas e o mundo, embora leve ao crescimento ou ao declínio de acordo com as características positivas ou negativas da luta espiritual que possa advir de importantes estressores (Pargament & Sweeney, 2011). Os módulos do programa planejados para desenvolver a resiliência espiritual em soldados abrangem três eixos: consciência do self e do espírito humano (identificação das fraquezas, habilidades, crenças e valores), consciência dos recursos para cultivar o espírito humano (acesso aos recursos espirituais que possam lidar com eventos difíceis e que levam ao crescimento através da construção de sentido, rituais, apoio espiritual e contemplação/meditação) e por fim consciência do espírito humano de outros (desenvolvimento do vínculo com outros e com o mundo).

#### 4. OBJETIVOS

A pesquisa irá focar a questão de quais são as estratégias de enfrentamento mais utilizadas por militares do Exército Brasileiro em missões de paz (particularmente na operação militar da MINUSTAH, realizada no Haiti) e investigar as características do modo de enfrentamento de cunho religioso empregado durante a missão. O estudo de enfrentamento religioso será apoiado nas observações de Pargament (1997) e nos estudos de enfrentamento de Lazarus e Folkman (1984) entre outros, e buscará englobar o conceito de construção do sentido para o processo de *coping*.

O estudo concentra-se na experiência do psicólogo no BRABAT 19, ocorrido no período de novembro de 2013 a junho de 2014, contingente no qual coletou os dados daquele contingente para a pesquisa e onde pôde relatar sua atividade em conjunto com os demais militares envolvidos no bem-estar da tropa (corpo clínico e capelães que fornecem apoio médico e espiritual) e nos objetivos da missão. Os dados do BRABAT 19 foram comparados com dados coletados do BRABAT 15 em solo brasileiro, em abril de 2012. A análise de dados dos dois contingentes servirá para mostrar a configuração das ações de *coping* em períodos diferentes da MINUSTAH, além de apontar o que há de comum e analisar os dados como um todo.

Também irá coletar o depoimento de oito capelães militares, entre católicos e evangélicos, para descrever o serviço religioso realizado em diferentes missões da MINUSTAH, além de apontar os estressores e o papel da capelania no seu enfrentamento.

## 5. MÉTODO

Para levantar as principais estratégias de *coping* aplicou-se a Escala Modos de Enfrentamento de Problemas – EMEP (Seidl, Tróccoli, Zannon, 2001), que avalia o enfrentamento geral e em que grau em que as estratégias de enfrentamento religioso são utilizadas em meio a outras formas de enfrentamento. Para a investigação mais minuciosa dos métodos de *coping* religioso, utilizou-se a escala CRE-Breve (Panzini, 2005). Na parte qualitativa da pesquisa foram enviados questionários aos capelães militares que estiveram em missões de paz, evidenciando as nuances da procura e do auxílio espiritual dos militares em zonas de conflito. A conjunção entre os dados estatísticos das escalas e dos relatos dos ministros religiosos forneceu a base para a discussão do significado espiritual da situação de crise em que vive o militar durante a missão de paz.

Dois contingentes que participaram da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), nomeadamente o 15º e o 19º, tanto oficiais como praças, preencheram o formulário geral e as escalas quantitativas. Os sujeitos responderam a um formulário de dados gerais (idade, escolaridade, estado civil, naturalidade, anos de caserna, experiência prévia em operações, vida religiosa – ANEXO A), à EMEP (ANEXO C) e à CRE-Breve (ANEXO D). Os capelães militares, provenientes do SAREx (Serviço de Assistência Religiosa do Exército), de orientação católica e evangélica e que estiveram na MINUSTAH, responderam a perguntas com tópicos sobre como a assistência religiosa era feita nos aquartelamentos, as principais dificuldades encontradas nos militares que faziam uso do serviço religioso e considerações próprias sobre o papel da religiosidade dos militares nas missões de paz (ANEXO E). As perguntas foram enviadas por e-mail com um link que direcionava a um formulário do Google Docs, após contato via telefone com os capelães selecionados que concordaram em colaborar com a pesquisa. Essa seleção foi feita através do banco de dados do DGP (Departamento Geral de Pessoal) do Exército com capelães condecorados por terem participado de alguma missão de paz no Haiti. O Termo de Consentimento esteve incluído no formulário, explicitando os objetivos da pesquisa e o caráter voluntário de participação.

O autor da pesquisa participou como psicólogo do 19º Contingente do BRABAT (de novembro de 2013 a junho de 2014), no qual pôde atender os militares e compreender alguns dos estressores presentes nas missões de paz. Parte do relato de sua experiência esteve presente nas características do BRABAT 19, no papel do psicólogo nas missões de paz, nas discussões sobre estressores e *coping* e nas considerações finais.

Os dados do contingente do BRABAT 15 foram coletados em abril de 2012 nas dependências do HMASP (Hospital Militar de Área de São Paulo), onde eram realizados exames clínicos por ocasião da desmobilização. O pesquisador transmitiu os objetivos da pesquisa com o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B), onde sublinhava o caráter voluntário de participação, além de não haver qualquer ligação da pesquisa com o processo de desmobilização. Os dados do BRABAT 19 foram coletados entre abril e maio de 2014, um mês antes da desmobilização ainda em solo haitiano, procurando abranger todas as companhias do batalhão. Como critério de seleção, foram incluídos somente militares brasileiros pertencentes ao Exército Brasileiro de diversas patentes.

A Escala CRE-Breve foi desenvolvida por Panzini e Bandeira (2005, 2006) a partir da Escala RCOPE elaborada por Pargament, Koenig & Perez (2000). Essa escala de tipo Likert de 5 pontos consiste em 49 itens. Os itens estão agrupados em 11 fatores principais de *coping* religioso (7 fatores positivos e 4 negativos). Tal escala tem por objetivo identificar o estilo preponderante da pessoa e seus itens são agrupados nos seguintes fatores positivos e negativos:

## FATORES POSITIVOS

- P1: Transformação de si e/ou de sua vida;
- P2: Ações em busca de ajuda espiritual;
- P3: Oferta de ajuda ao outro;
- P4: Posicionamento positivo frente a Deus;
- P5: Ações em busca do outro institucional;
- P6: Afastamento através de Deus, da religião e/ou espiritualidade;
- P7: Busca pessoal de conhecimento espiritual.

## FATORES NEGATIVOS

- N1: Reavaliação negativa de Deus;
- N2: Posicionamento negativo frente a Deus;
- N3: Insatisfação com o outro institucional;
- N4: Reavaliação negativa do significado.

A escala EMEP (Seidl, Tróccoli & Zannon, 2001) também é de tipo Likert de 5 pontos e avalia quais as estratégias de enfrentamento utilizadas em relação a estressores específicos, reunidas nos fatores de enfrentamento focados no problema, focados na emoção, práticas religiosas/pensamento fantasioso e enfrentamento por busca de apoio social. Baseia-se no modelo transacional de estresse e *coping*, enfatizando os resultados adaptativos, as diferenças individuais, a compreensão do enfrentamento no contexto da situação específica e a noção de processo. Os autores verificaram no estudo de validação do instrumento que “o enfrentamento relacionado à religião pode estar associado tanto a estratégias orientadas para o problema quanto a estratégias orientadas para a emoção” (Seidl, Tróccoli & Zannon, 2001, p. 233).

Para a análise dos dados quantitativos, utilizou-se os seguintes softwares: SPSS V17, Minitab 16 e Excel Office 2010.

## 6. RESULTADOS

Antes de apontarmos os resultados, vamos definir para este trabalho um nível de significância (quanto admitimos errar nas conclusões estatísticas, ou seja, o erro estatístico que estamos cometendo nas análises) de 0,05 (5%). Lembramos também que todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho, foram construídos com 95% de confiança estatística.

Estamos utilizando testes estatísticos paramétricos, pois os dados são quantitativos e contínuos. Além disso, temos uma amostragem superior a 30 sujeitos, o que pelo Teorema do Limite Central, garante que a distribuição tende a uma distribuição normal. Desta forma, não houve necessidade de testar a normalidade dos resíduos e utilizamos diretamente os testes paramétricos, pois estes são testes mais poderosos que os testes não paramétricos.

### A. PERFIL DAS AMOSTRAS

O perfil dos dois contingentes (15 e 19) a partir dos formulários que os indivíduos preencheram será descrito a seguir de acordo com as variáveis estudadas. O total de respondentes da amostra do contingente 15 foi de  $n=126$  e do contingente 19 de  $n=130$ , havendo um total de 256 respondentes. Apenas duas mulheres do contingente 15 responderam à pesquisa (o que corresponde a 1,6% da amostra) e uma mulher do contingente 19 (0,8% da amostra), não sendo possível qualquer inferência estatística de gênero nas análises com um número tão reduzido de mulheres.

Sobre a variável idade, a análise descritiva completa segue na TABELA 4 abaixo para os dois contingentes, de acordo com as respostas válidas:

Tabela 4: Descritiva Completa da Idade por Contingente

<b>Idade</b>	<b>Cont.15</b>	<b>Cont.19</b>
Média	27,3	27,8
Mediana	24	24
Desvio Padrão	7,2	8,0
CV	27%	29%
Q1	22	22
Q3	30	31
Min	20	20
Max	49	52
N	123	126
IC	1,3	1,4

O Coeficiente de Variação (CV) é uma estatística que avalia o quanto a variabilidade representa da média. O ideal é que este índice seja o mais baixo possível (<50%), pois desta forma, teremos uma baixa variabilidade e consequentemente uma homogeneidade dos resultados.

Os valores mínimo e máximo são respectivamente o menor e o maior valor encontrado na amostra.

Os quartis são descritivos de posição, ou seja, não são influenciados por valores extremos (como a média e desvio padrão). O 1º quartil (Q1) nos mostra a distribuição de até 25% da amostra e o 3º quartil (Q3) mostra até 75% da amostra.

O intervalo de confiança (IC) ora somado e ora subtraído da média, nos mostra a variação da média segundo uma probabilidade estatística. Também aqui, esses limites não têm nada a ver com o cálculo de mais ou menos um desvio padrão em relação à média. Lembramos que o IC é mais confiável pois temos uma probabilidade estatística associada em seu cálculo.

Verificamos que na variável idade, a variabilidade é baixa, pois o CV é menor que 50%. A idade média no contingente 15 foi de 27,3 anos contra 27,8 anos no contingente 19.

No contingente 19, 83,1% dos militares nunca participaram de alguma missão da ONU. Dos que já participaram, 10,8% estiveram em uma missão, 3,8% duas missões e 2,3% três missões em suas carreiras. O tempo de serviço no Exército



Brasileiro é em média de 8 anos e 9 meses, com uma mediana de 5 anos e moda de 3 anos, período mínimo de 2 anos e máximo de 34 anos.

Já no contingente 15, dentre os que nunca participaram de uma missão de paz anteriormente correspondem a 91,3% da amostra. O tempo de serviço militar é em média de 8 anos e 3 meses, com uma mediana de 5 anos e moda de 4 anos, período mínimo de 3 anos de serviço e máximo de 31 anos.

A seguir, vamos caracterizar a distribuição da frequência relativa (percentuais) de algumas variáveis qualitativas em cada contingente separadamente, tais como estado civil (TABELA 5), estado de origem (TABELA 6) e escolaridade (TABELA 7). Lembrando que os percentuais foram calculados sempre para o total de respostas válidas (expresso ao fim de cada tabela).

Tabela 5: Distribuição de “Estado Civil” por Contingente

Estado Civil	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Solteiro	67	53,2%	71	54,6%
Casado	48	38,1%	45	34,6%
Separado	3	2,4%	1	0,8%
Moro junto	8	6,3%	13	10,0%
Total	126		130	

Tabela 6: Distribuição de “Localidade” por Contingente (continua)

Localidade	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
AL	0	0,0%	1	0,8%
AM	0	0,0%	3	2,4%
BA	3	2,4%	1	0,8%
CE	1	0,8%	4	3,1%
ES	1	0,8%	0	0,0%
GO	0	0,0%	1	0,8%
MA	0	0,0%	1	0,8%
MG	9	7,2%	11	8,7%
MS	1	0,8%	1	0,8%
PA	1	0,8%	3	2,4%
PB	1	0,8%	0	0,0%
PE	2	1,6%	4	3,1%
PR	3	2,4%	3	2,4%
RJ	32	25,6%	13	10,2%
RO	1	0,8%	0	0,0%

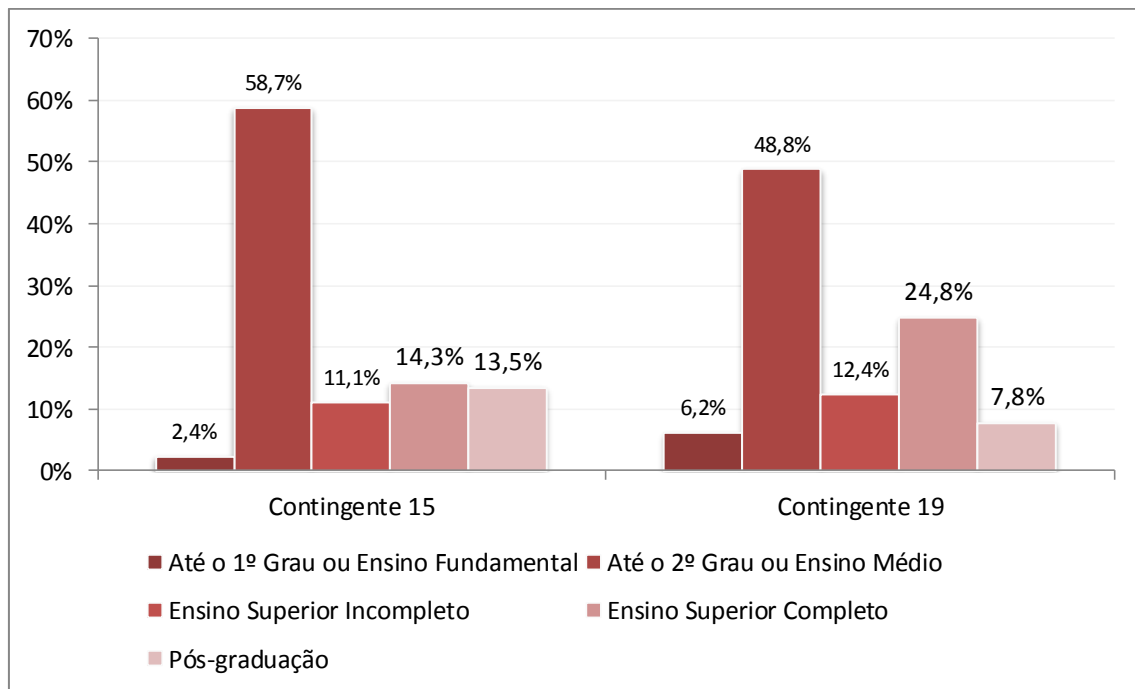
RS	6	4,8%	4	3,1%
SE	1	0,8%	0	0,0%
SP	63	50,4%	77	60,6%
Total	125		127	

Tabela 7: Distribuição de “Escolaridade” por Contingente

Escolaridade	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Até o 1º Grau ou Ensino Fundamental	3	2,4%	8	6,2%
Até o 2º Grau ou Ensino Médio	74	58,7%	63	48,8%
Ensino Superior Incompleto	14	11,1%	16	12,4%
Ensino Superior Completo	18	14,3%	32	24,8%
Pós-graduação	17	13,5%	10	7,8%
Total	126		129	

A distribuição gráfica da escolaridade por contingente pode ser visualizada pelo GRÁFICO 5:

Gráfico 5: Distribuição de “Escolaridade” por Contingente

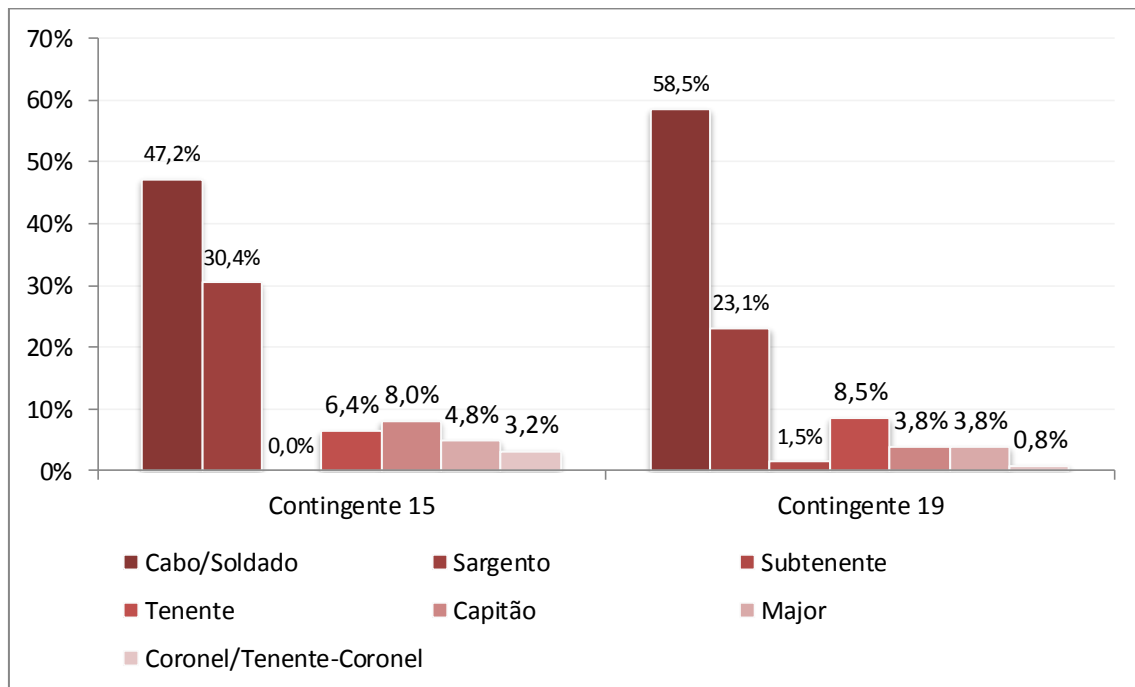


As patentes dos militares que compuseram as amostras estão distribuídas de acordo com a TABELA 8 e o GRÁFICO 6 abaixo:

Tabela 8: Distribuição de “Patente” por Contingente

Patente	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Cabo/Soldado	59	47,2%	76	58,5%
Sargento	38	30,4%	30	23,1%
Subtenente	0	0,0%	2	1,5%
Tenente	8	6,4%	11	8,5%
Capitão	10	8,0%	5	3,8%
Major	6	4,8%	5	3,8%
Coronel/Tenente-Coronel	4	3,2%	1	0,8%
Total	125		130	

Gráfico 6: Distribuição de “Patente” por Contingente



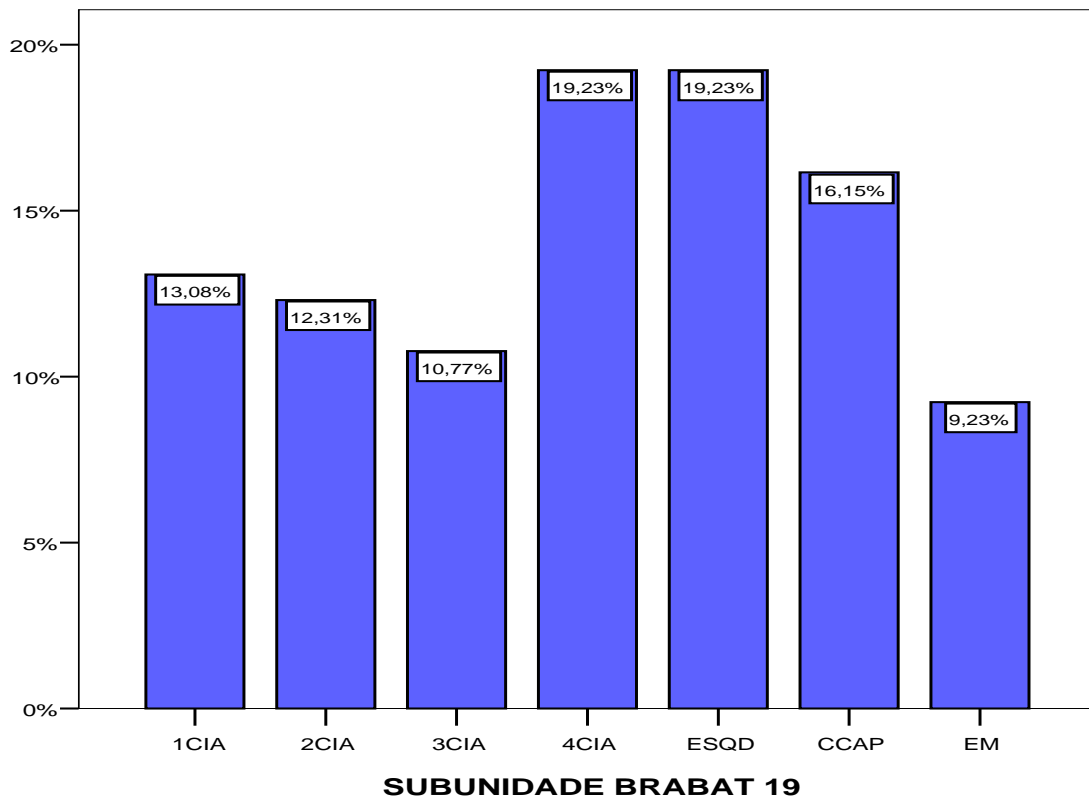
O contingente 15 teve 97 praças (77,6% da amostra) e 28 oficiais (22,4% da amostra), enquanto que o contingente 19 teve 108 praças (83,1% da amostra) e 22 oficiais (16,9% da amostra).

No contingente 19, foi perguntado de qual Subunidade do BRABAT cada militar fazia parte, procurando-se alcançar participantes de todas as SU que compõem o contingente. A distribuição dos respondentes em cada Subunidade está na TABELA 9 e no GRÁFICO 7.

TABELA 9: Distribuição do contingente 19 por subunidade

	Frequência	Porcentagem
1CIA	17	13,1%
2CIA	16	12,3%
3CIA	14	10,8%
4CIA	25	19,2%
CCAP	21	16,2%
EM	12	9,2%
ESQD	25	19,2%
Total	130	100%

GRÁFICO 7: Distribuição do contingente 19 por subunidade



Outra variável específica para o contingente 19 foi em relação à percepção pessoal da carga de estresse referente a dificuldades que englobavam o afastamento da família (TABELA 10), o convívio com colegas de farda (TABELA 11) e a missão em si (TABELA 12).

Tabela 10: Distribuição de “Estresse Afastamento” no Contingente 19

<b>Estresse Afastamento</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>P-valor</b>
Muito Difícil	17	13,2%	<0,001
Difícil	44	34,1%	Ref.
Mais ou menos difícil	28	21,7%	0,026
Pouco difícil	33	25,6%	0,134
Nada difícil	7	5,4%	<0,001
Total	129		

Tabela 11: Distribuição de “Estresse Convívio” no Contingente 19

<b>Estresse Convívio</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>P-valor</b>
Muito Difícil	9	7,0%	<0,001
Difícil	12	9,3%	<0,001
Mais ou menos difícil	40	31,0%	0,595
Pouco difícil	44	34,1%	Ref.
Nada difícil	24	18,6%	0,005
Total	129		

Tabela 12: Distribuição de “Estresse Missão” no Contingente 19

<b>Estresse Missão</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>P-valor</b>
Muito Difícil	2	1,5%	<0,001
Difícil	21	16,2%	<0,001
Mais ou menos difícil	42	32,3%	0,434
Pouco difícil	48	36,9%	Ref.
Nada difícil	17	13,1%	<0,001
Total	130		

## B. VIDA RELIGIOSA

Sobre a dimensão religiosa das amostras, as variáveis consideradas foram a filiação religiosa, a frequência de comparecimento a igrejas ou templos religiosos, a utilização dos serviços religiosos prestados pela capelania militar tanto no Brasil quanto no Haiti. A distribuição das religiões entre os militares das amostras está descrita na TABELA 13 e no GRÁFICO 8, e a distribuição das religiões na soma das duas amostras está na TABELA 14:

Tabela 13: Distribuição de filiação religiosa por Contingente

Religião	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Catolicismo	72	59,5%	65	50,0%
Protestantismo Histórico	8	6,6%	8	6,2%
Cristianismo Pentecostal	28	23,1%	40	30,8%
Espírita kardecista	5	4,1%	4	3,1%
Afro-brasileira	1	0,8%	0	0,0%
Outros	7	5,8%	13	10,0%
Total	121		130	

Gráfico 8: Distribuição de filiação religiosa por Contingente

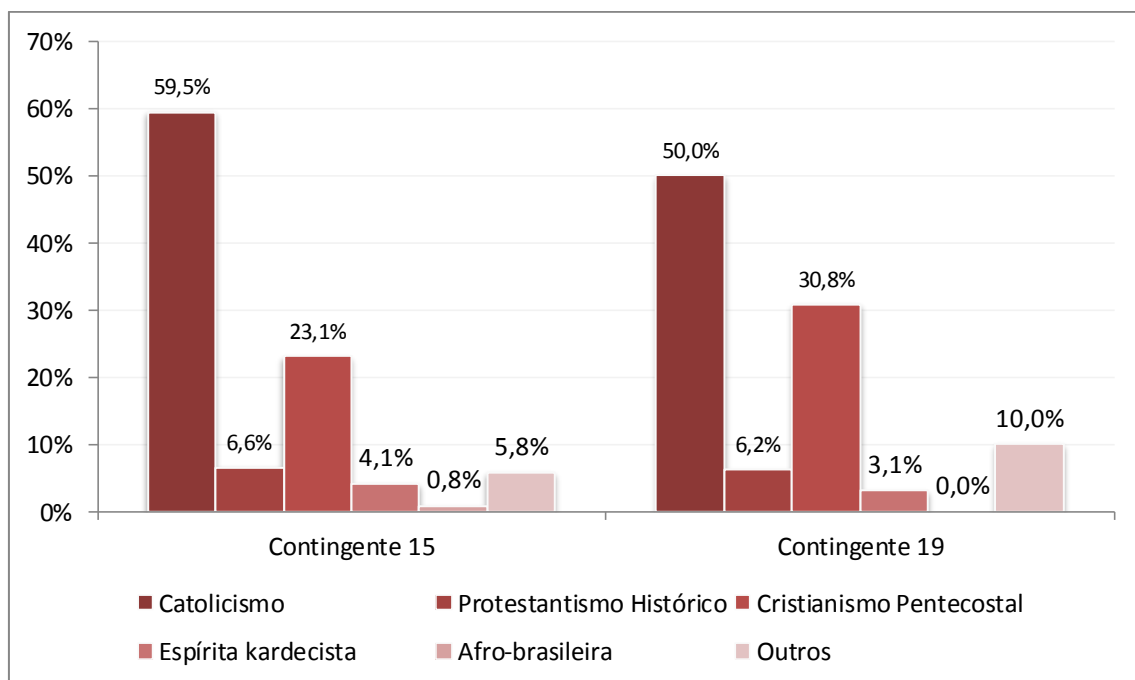


Tabela 14: Distribuição de filiação religiosa

Religião	N	%	P-valor
Catolicismo	137	54,6%	Ref.
Protestantismo Histórico	16	6,4%	<0,001
Cristianismo Pentecostal	68	27,1%	<0,001
Espírita kardecista	9	3,6%	<0,001
Afro-brasileira	1	0,4%	<0,001
Outros	20	8,0%	<0,001
Total	251		

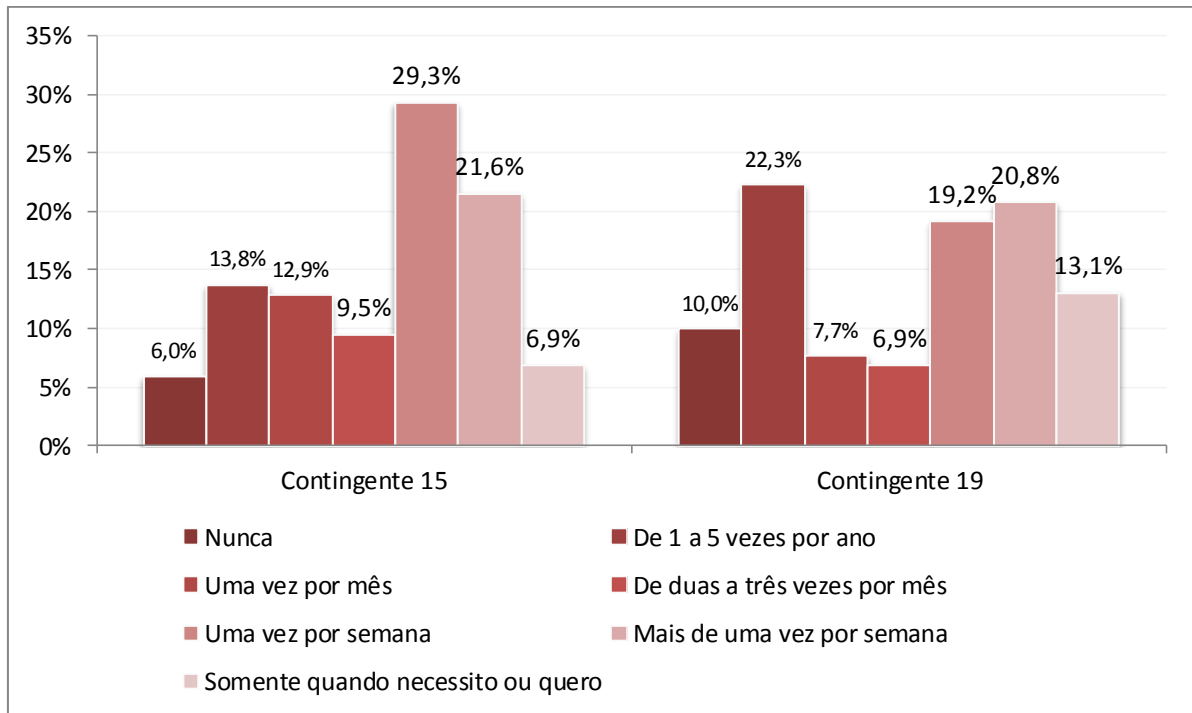
Concluimos que em ambos os contingentes a religião prevalente foi catolicismo com 59,5% e 50,0%, respectivamente nos contingentes 15 e 19. O total de 54,6% de católicos nas duas amostras mostrou-se estatisticamente diferente do percentual das demais respostas. As categorias referentes a outras religiões, sem denominação religiosa e ateus foram agrupadas no item “Outros”, uma vez que o estudo teve por finalidade explorar o enfrentamento religioso entre as religiões mais frequentes (no caso o catolicismo e o cristianismo pentecostal) e o modo de enfrentamento religioso juntamente com outros modos de enfrentamento.

Sobre a frequência a templos religiosos, há uma diferença entre os contingentes, onde quase 30% da amostra do contingente 15 frequenta algum templo religioso uma vez por semana, enquanto que a periodicidade mais frequente do contingente 19 seja de uma a cinco vezes ao ano, conforme descreve a TABELA 15 e o GRÁFICO 9:

Tabela 15: Distribuição de “Freq. Templo” por Contingente

Freq. Templo	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Nunca	7	6,0%	13	10,0%
De 1 a 5 vezes por ano	16	13,8%	29	22,3%
Uma vez por mês	15	12,9%	10	7,7%
De duas a três vezes por mês	11	9,5%	9	6,9%
Uma vez por semana	34	29,3%	25	19,2%
Mais de uma vez por semana	25	21,6%	27	20,8%
Somente quando necessito ou quero	8	6,9%	17	13,1%
Total	116		130	

Gráfico 9: Distribuição de “Freq. Templo” por Contingente



A procura pelos serviços religiosos da capelania militar no Brasil é similar entre os contingentes. Já durante a missão no Haiti a procura foi maior no contingente 15, com 50,8% das respostas, contra 29,2% das respostas do contingente 19, de acordo com a variável Capelania MINUSTAH. Os dados podem ser conferidos nas TABELAS 16 e 17 e GRÁFICOS 10 e 11.

Tabela 16: Distribuição de “Capelania Militar no Brasil” por Contingente

Capelania	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
<b>Brasil</b>				
Sim	22	18,3%	24	18,5%
Não	71	59,2%	88	67,7%
As vezes	27	22,5%	18	13,8%
Total	120		130	



Gráfico 10: Distribuição de “Capelania Militar no Brasil” por Contingente

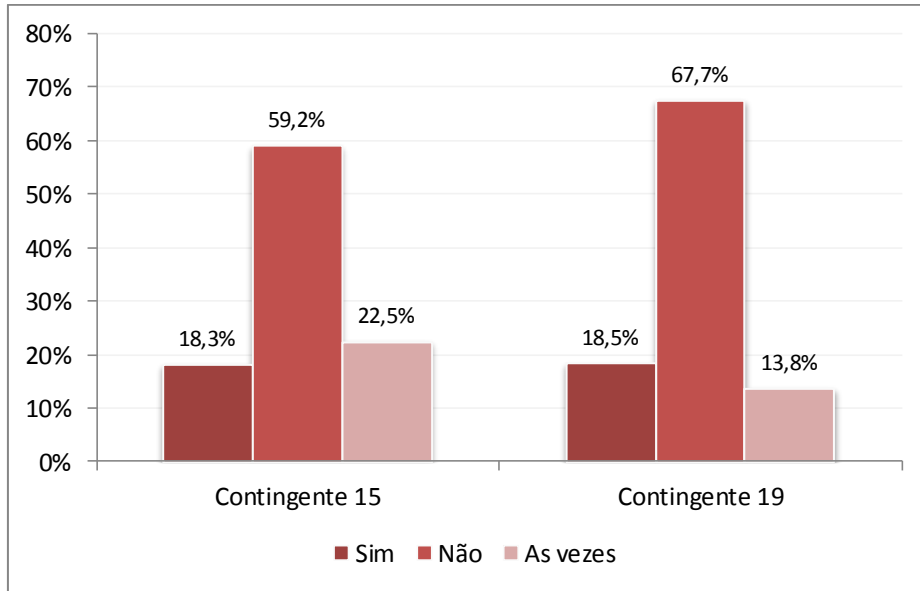
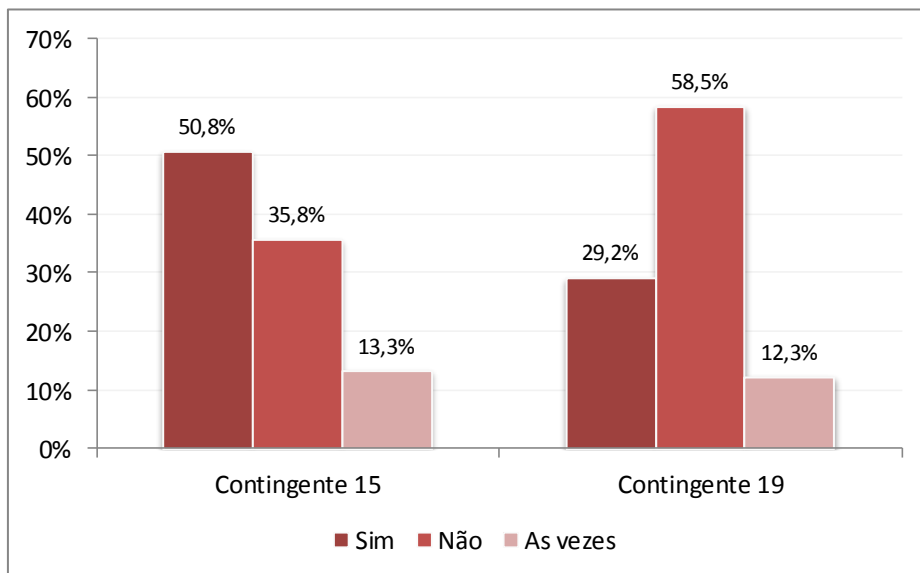


Tabela 17: Distribuição de “Capelania Militar na MINUSTAH” por Contingente

Capelania MINUSTAH	Cont.15		Cont.19	
	N	%	N	%
Sim	61	50,8%	38	29,2%
Não	43	35,8%	76	58,5%
As vezes	16	13,3%	16	12,3%
Total	120		130	

Gráfico 11: Distribuição de “Capelania Militar na MINUSTAH” por Contingente



Outras variáveis exclusivas para o contingente 19 disseram respeito à avaliação pessoal da importância da religião na resolução dos problemas graves (IMP REL Graves) e cotidianos (IMP REL Dia-Dia). Tanto a variável “IMP REL Dia-Dia” (TABELA 18) quanto a variável “IMP REL Graves” (TABELA 19) apontaram a uma alta carga de importância conferida à religião na resolução de problemas, sendo a resposta mais recorrente “Muito importante” estatisticamente diferente do percentual das demais respostas.

Tabela 18: Distribuição de “IMP REL Dia-Dia” no Contingente 19

<b>IMP REL Dia-Dia</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>P-valor</b>
Nada importante	7	5,4%	<0,001
Um pouco importante	2	1,5%	<0,001
Mais ou menos importante	13	10,0%	<0,001
Bastante importante	32	24,6%	<0,001
Muito importante	76	58,5%	Ref.
Total	130		

Tabela 19: Distribuição de “IMP REL Graves” no Contingente 19

<b>IMP REL Graves</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>P-valor</b>
Nada importante	7	5,4%	<0,001
Um pouco importante	4	3,1%	<0,001
Mais ou menos importante	11	8,5%	<0,001
Bastante importante	35	27,1%	<0,001
Muito importante	72	55,8%	Ref.
Total	129		

### C. RESULTADOS DAS ESCALAS EMEP E CRE-BREVE

Em relação aos dados obtidos pela EMEP e CRE, verificamos que a análise completa de todos os escores de ambas as amostras do contingente 15 e 19 possuem baixa variabilidade, isso porque o CV é menor que 50%, o que é bom, pois demonstra que os dados são homogêneos. A análise descritiva completa para os escores de EMEP é visualizada na TABELA 20, enquanto que a análise descritiva para CRE na TABELA 21 e a descritiva completa dos fatores de CRE na TABELA 22.

Tabela 20: Descritiva Completa para os Escores de EMEP

<b>EMEP</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Q1</b>	<b>Q3</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>
<b>Padrão</b>										
PROBL	3,81	3,81	0,57	15%	3,44	4,22	1,80	5,00	256	0,07
EMOC	2,25	2,20	0,55	24%	1,87	2,55	1,13	4,13	256	0,07
RELIG	2,94	3,00	0,76	26%	2,43	3,43	1,29	5,00	256	0,09
SOCIAL	3,00	3,00	0,85	28%	2,60	3,60	1,00	5,00	256	0,10

Tabela 21: Descritiva Completa para os Escores de CRE

<b>CRE</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Q1</b>	<b>Q3</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>
<b>Padrão</b>										
CRENinv	4,43	4,53	0,50	11%	4,20	4,80	2,13	5,00	256	0,06
CREP	2,96	3,00	0,75	25%	2,49	3,47	1,09	4,53	256	0,09
CREN	1,57	1,47	0,50	32%	1,20	1,80	1,00	3,87	256	0,06
RazCRENP	0,55	0,52	0,17	30%	0,43	0,66	0,28	1,09	256	0,02
CRETOT	3,69	3,67	0,35	10%	3,45	3,94	2,92	4,63	256	0,04

Tabela 22: Descritiva Completa para os Escores de Fatores

<b>CRE</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Q1</b>	<b>Q3</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>
<b>Fatores</b>	<b>Padrão</b>									
P1trans	3,02	3,22	1,00	33%	2,22	3,78	1,00	5,00	256	0,12
P2ajesp	2,00	1,80	0,84	42%	1,30	2,60	1,00	4,40	255	0,10
P3ajout	3,25	3,20	0,79	24%	2,80	3,85	1,40	5,00	256	0,10
P4posit	4,15	4,40	0,88	21%	3,80	4,80	1,00	5,00	256	0,11
P5oinst	2,58	2,50	1,10	43%	1,75	3,25	1,00	5,00	256	0,13
P6afast	3,22	3,33	1,12	35%	2,33	4,00	1,00	5,00	256	0,14
P7bconh	2,08	2,00	0,95	46%	1,00	3,00	1,00	5,00	253	0,12
N1deus	1,17	1,00	0,44	37%	1,00	1,00	1,00	4,00	256	0,05
N2negat	2,07	2,00	0,99	48%	1,00	2,67	1,00	5,00	256	0,12
N3insti	1,35	1,00	0,55	41%	1,00	1,50	1,00	4,00	256	0,07
N4signi	2,04	1,67	0,98	48%	1,00	2,67	1,00	5,00	256	0,12

Pela escala EMEP, verifica-se no total das amostras que o modo de enfrentamento mais utilizado foi focado no problema (média=3,81), seguido por apoio social (média=3,00), religião (média=2,94) e focado na emoção (média=2,25). Observa-se pelo GRÁFICO 12 que a diferença entre as médias de modo de enfrentamento pela busca de suporte social e pelas práticas religiosas/pensamento fantasioso é pequena.

Nas escalas de CRE-Breve, o índice CREP é a média de todos os itens de fatores positivos, enquanto que o CREN é a média de todos os itens de fatores negativos. A Razão CREN/CREP (RazCRENP) revela a percentagem de CREN utilizado em relação ao total de CREP obtido pela razão simples CREN/CREP. Quanto mais alto este valor, maior é o uso de CREN em relação a CREP, sendo um valor que pode ser encontrado entre 0,20 e 5,00. Considera-se que esta proporção tenha um valor positivo a partir de Raz CREN/CREP  $\leq 0,50$ , em que a cada fator negativo de *coping*, dois positivos são utilizados, ainda que seja um parâmetro a ser confirmado em estudos futuros (Panzini, 2004). O CRE TOTAL (CRETOT) é o índice que apresenta o conjunto da quantidade de CRE praticado pelo respondente. Obtém-se através da média entre CREP e CREN invertido (CRENinv), ou seja, todos os índices de CREN onde a escala Likert de 1 a 5 é invertida em valoração oposta (resposta 5 torna-se 1, 4=2, 3=3, 2=4 e 1=5). Dessa maneira, quanto maior o índice de CRETOT, maior é o uso de CREP junto com o menor uso de CREN, com um valor situado entre 1,00 e 5,00 (Panzini, 2004).

Em relação aos fatores de CRE, o mais utilizado foi P4 (Posicionamento positivo frente a Deus), que nesta versão breve aglomera itens relativos a estratégias auto-diretivas (ações do indivíduo independente do auxílio divino) e de procura espiritual em Deus (busca de apoio e proteção divinos). Em seguida P3 (Oferta de ajuda ao outro), P6 (Afastamento através de Deus pela renúncia religiosa ativa), P1 (Transformação de si), P5 (Ações em busca do outro institucional), P7 (Busca pessoal de conhecimento espiritual), N2 (Posicionamento negativo frente a Deus), N4 (Reavaliação negativa do significado), P2 (Ações em busca de ajuda espiritual), N3 (Insatisfação com o outro institucional) e N1 (Reavaliação negativa de Deus).

Em seguida, utilizando o teste ANOVA compararam-se os dois contingentes para a média dos escores de EMEP e CRE (TABELAS 23, 24 e 25).

Tabela 23: Compara Contingentes para EMEP

<b>EMEP</b>		<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>	<b>P-valor</b>
				<b>Padrão</b>						
PROBL	Cont.15	3,79	3,78	0,55	15%	2,22	5,00	126	0,10	0,638
	Cont.19	3,82	3,86	0,59	15%	1,80	4,94	130	0,10	
EMOC	Cont.15	2,25	2,20	0,59	26%	1,13	4,13	126	0,10	0,880
	Cont.19	2,26	2,20	0,52	23%	1,17	3,50	130	0,09	
RELIG	Cont.15	2,97	3,00	0,75	25%	1,29	4,86	126	0,13	0,599
	Cont.19	2,92	2,86	0,78	27%	1,43	5,00	130	0,13	
SOCIAL	Cont.15	3,03	3,00	0,77	25%	1,00	4,80	126	0,13	0,607
	Cont.19	2,98	3,00	0,93	31%	1,00	5,00	130	0,16	

Tabela 24: Compara Contingentes para CRE

<b>CRE</b>		<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>	<b>P-valor</b>
				<b>Padrão</b>						
CRENinv	Cont.15	4,46	4,55	0,49	11%	2,27	5,00	126	0,08	0,243
	Cont.19	4,39	4,53	0,52	12%	2,13	5,00	130	0,09	
CREP	Cont.15	2,95	2,94	0,74	25%	1,09	4,53	126	0,13	0,843
	Cont.19	2,97	3,03	0,75	25%	1,24	4,53	130	0,13	
CREN	Cont.15	1,54	1,45	0,49	32%	1,00	3,73	126	0,08	0,242
	Cont.19	1,61	1,47	0,52	32%	1,00	3,87	130	0,09	
RazCRENP	Cont.15	0,54	0,52	0,17	31%	0,28	1,04	126	0,03	0,346
	Cont.19	0,56	0,53	0,16	29%	0,28	1,09	130	0,03	
CRETOT	Cont.15	3,71	3,63	0,36	10%	2,92	4,50	126	0,06	0,532
	Cont.19	3,68	3,68	0,35	9%	2,93	4,63	130	0,06	

Tabela 25: Compara Contingentes para CRE Fatores (continua)

<b>CRE Fatores</b>		<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio</b>	<b>CV</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>	<b>N</b>	<b>IC</b>	<b>P-valor</b>
				<b>Padrão</b>						
P1trans	Cont.15	2,97	3,00	1,01	34%	1,00	5,00	126	0,18	0,442
	Cont.19	3,07	3,22	0,99	32%	1,00	5,00	130	0,17	
P2ajesp	Cont.15	1,97	1,80	0,83	42%	1,00	4,40	126	0,15	0,574
	Cont.19	2,03	2,00	0,84	41%	1,00	4,20	129	0,15	
P3ajout	Cont.15	3,24	3,20	0,77	24%	1,40	4,80	126	0,13	0,824
	Cont.19	3,27	3,20	0,81	25%	1,40	5,00	130	0,14	
P4posit	Cont.15	4,15	4,40	0,88	21%	1,00	5,00	126	0,15	0,997
	Cont.19	4,15	4,40	0,87	21%	1,00	5,00	130	0,15	
P5oinst	Cont.15	2,66	2,50	1,13	43%	1,00	5,00	126	0,20	0,284
	Cont.19	2,51	2,25	1,07	43%	1,00	5,00	130	0,18	
P6afast	Cont.15	3,19	3,33	1,09	34%	1,00	5,00	126	0,19	0,720
	Cont.19	3,24	3,33	1,15	35%	1,00	5,00	130	0,20	

P7bconh	Cont.15	2,10	2,00	0,92	44%	1,00	4,67	124	0,16	0,715
	Cont.19	2,05	1,67	0,98	48%	1,00	5,00	129	0,17	
N1deus	Cont.15	1,15	1,00	0,37	32%	1,00	3,40	126	0,06	0,530
	Cont.19	1,19	1,00	0,50	42%	1,00	4,00	130	0,09	
N2negat	Cont.15	1,97	1,67	0,96	48%	1,00	4,67	126	0,17	0,126
	Cont.19	2,16	2,00	1,02	47%	1,00	5,00	130	0,17	
N3insti	Cont.15	1,33	1,00	0,53	40%	1,00	4,00	126	0,09	0,617
	Cont.19	1,36	1,00	0,58	42%	1,00	4,00	130	0,10	
N4signi	Cont.15	1,98	1,67	1,03	52%	1,00	5,00	126	0,18	0,387
	Cont.19	2,09	2,00	0,93	44%	1,00	5,00	130	0,16	

Concluimos que embora exista diferença média entre os contingentes em todos os escores, as mesmas diferenças não são consideradas estatisticamente significantes, ou seja, os contingentes são iguais. Confere-se a visualização dos dados entre os dois contingentes nos GRÁFICOS 12, 13 e 14.

Gráfico 12: Compara Contingentes para EMEP

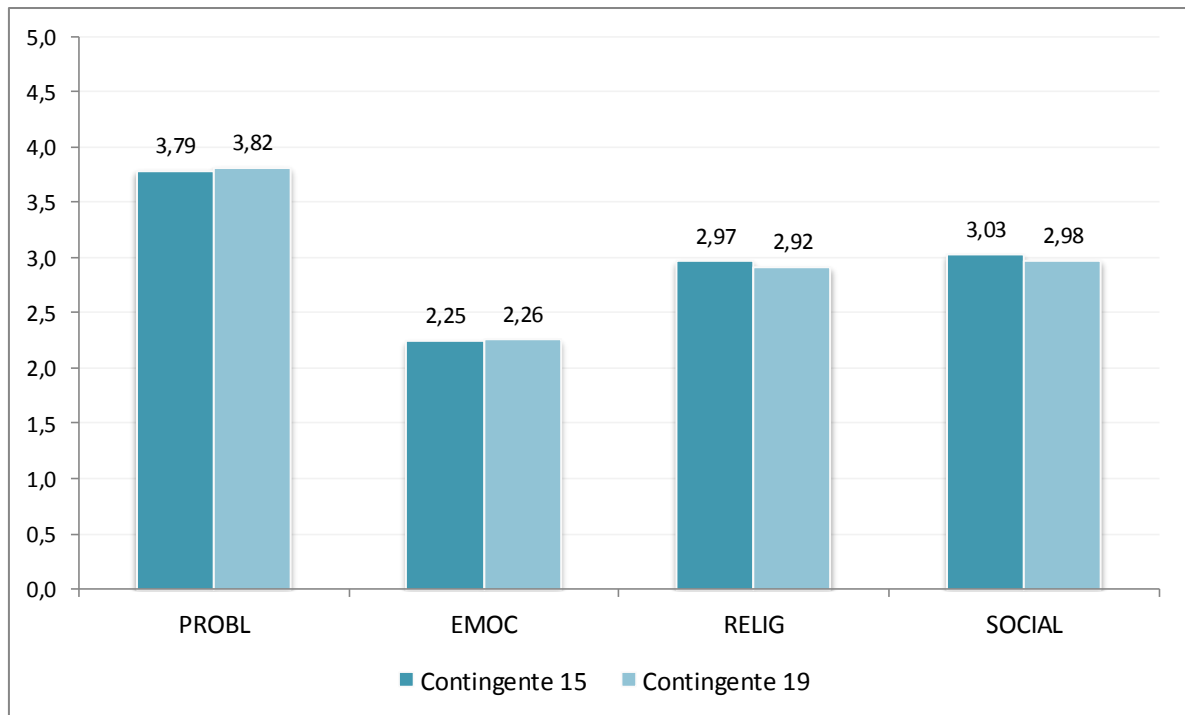


Gráfico 13: Compara Contingentes para CRE

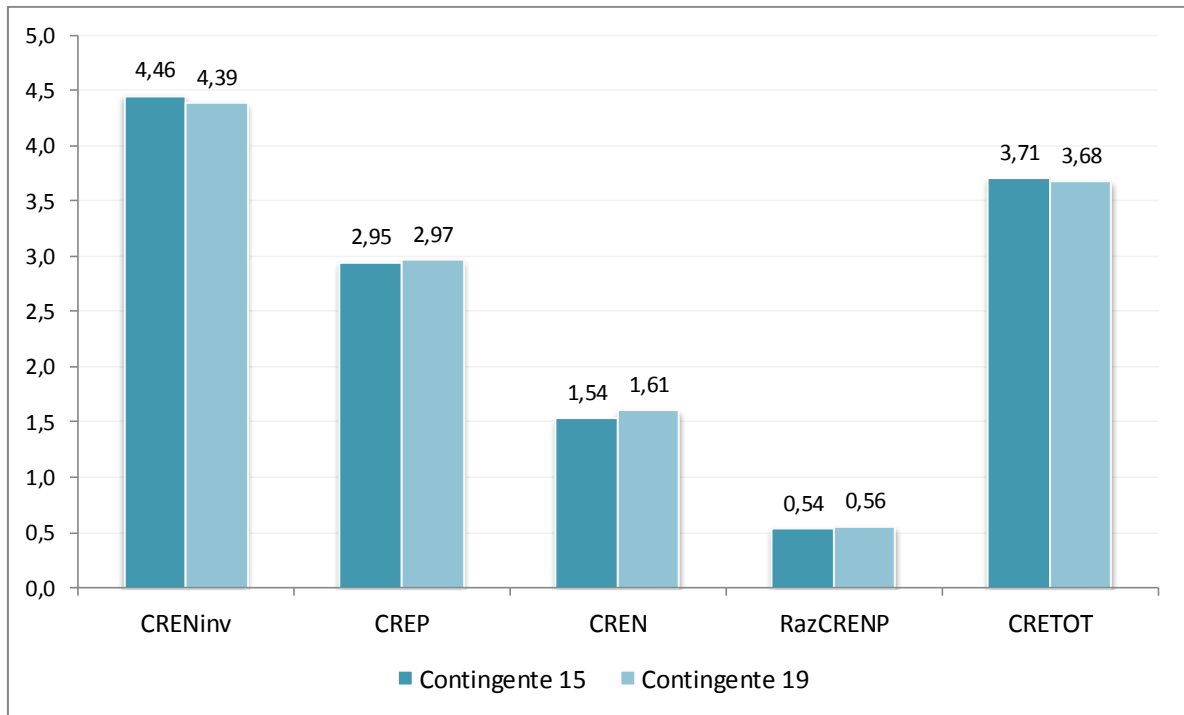
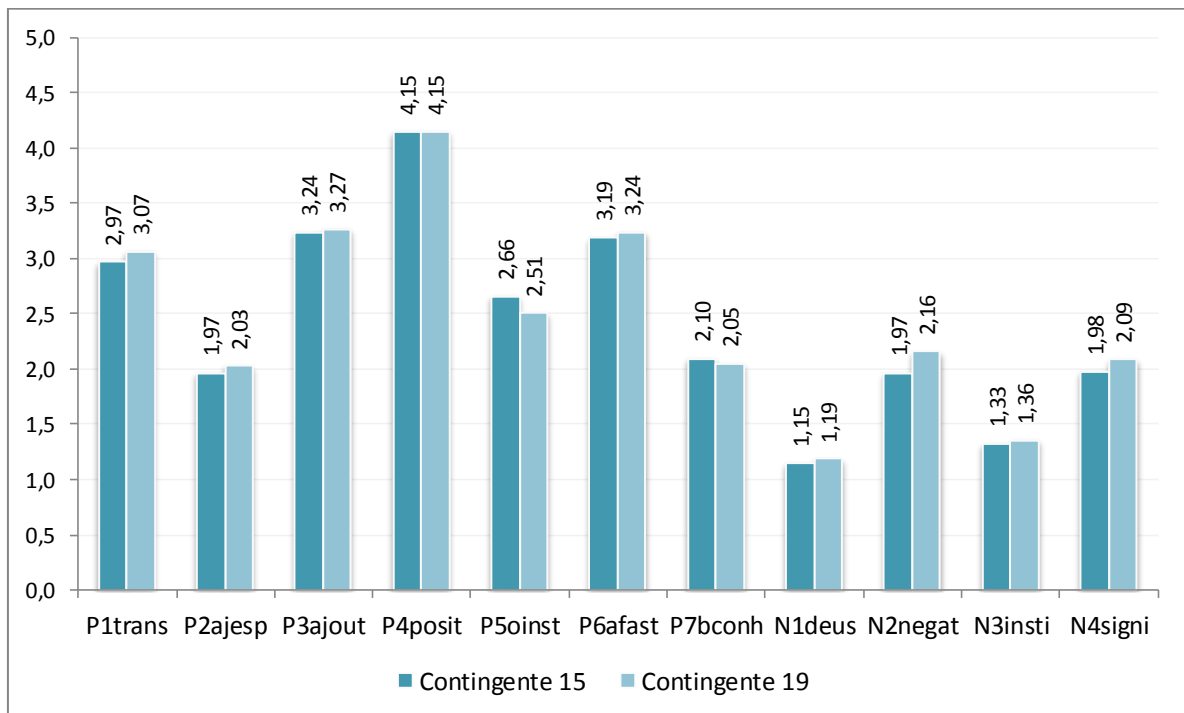


Gráfico 14: Compara Contingentes para CRE Fatores



Prosseguindo com o teste de ANOVA, o passo seguinte será comparar as patentes (praça e oficial) para a média dos escores dos protocolos. Essas análises

serão feitas para cada contingente separadamente e para ambos juntos. A comparação pode ser conferida nas TABELAS 26, 27 e 28 e nos GRÁFICOS 15, 16 e 17.

Tabela 26: Compara Patentes do Contingente 15 para EMEP

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Praça	3,80	3,72	0,57	15%	2,22	5,00	97	0,11	0,881
	Oficial	3,78	3,84	0,52	14%	2,67	4,78	28	0,19	
EMOC	Praça	2,22	2,20	0,56	25%	1,13	3,73	97	0,11	0,295
	Oficial	2,35	2,24	0,69	29%	1,33	4,13	28	0,26	
RELIG	Praça	3,01	3,14	0,74	25%	1,29	4,86	97	0,15	0,240
	Oficial	2,82	2,79	0,80	28%	1,29	4,86	28	0,29	
SOCIAL	Praça	3,06	3,00	0,79	26%	1,00	4,80	97	0,16	0,504
	Oficial	2,95	3,10	0,71	24%	1,40	4,20	28	0,26	

Gráfico 15: Compara Patentes do Contingente 15 para EMEP

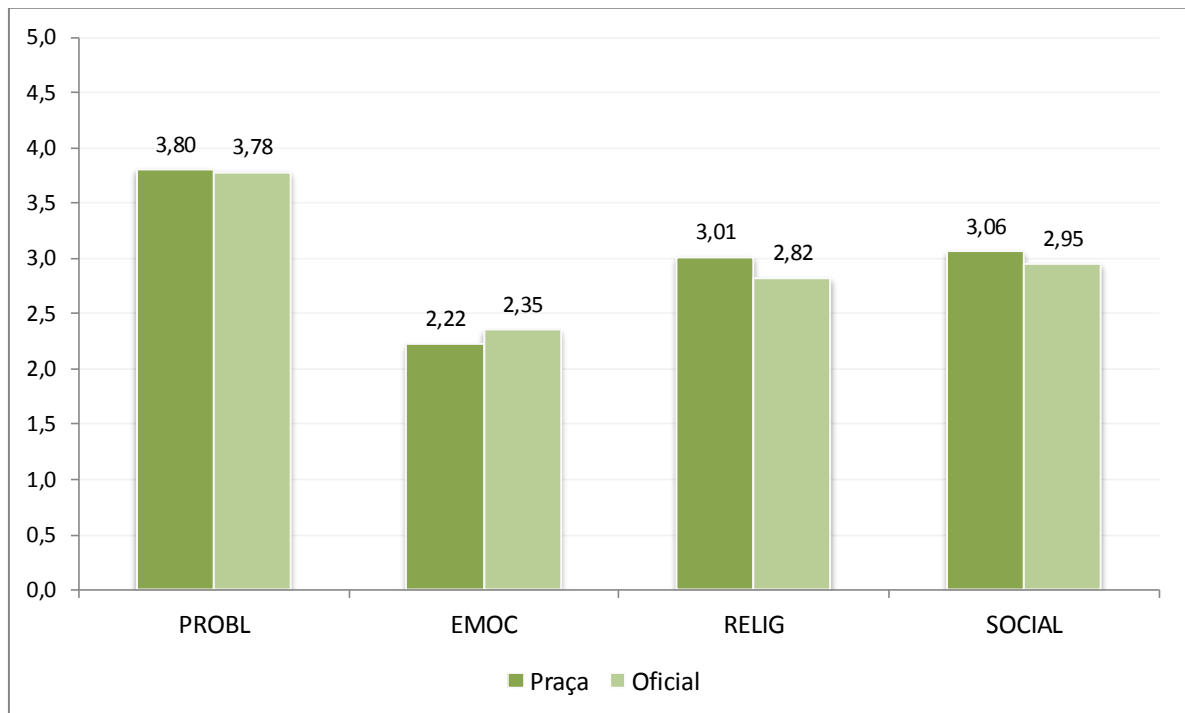




Tabela 27: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Praça	4,41	4,47	0,49	11%	2,27	5,00	97	0,10	0,035
	Oficial	4,63	4,73	0,44	9%	2,87	5,00	28	0,16	
CREP	Praça	3,02	3,00	0,72	24%	1,24	4,53	97	0,14	0,079
	Oficial	2,74	2,52	0,79	29%	1,09	4,06	28	0,29	
CREN	Praça	1,59	1,53	0,49	31%	1,00	3,73	97	0,10	0,035
	Oficial	1,37	1,27	0,44	32%	1,00	3,13	28	0,16	
RazCRENP	Praça	0,55	0,52	0,17	31%	0,28	1,04	97	0,03	0,602
	Oficial	0,53	0,49	0,17	32%	0,31	1,00	28	0,06	
CRETOT	Praça	3,71	3,66	0,36	10%	2,92	4,50	97	0,07	0,707
	Oficial	3,68	3,62	0,37	10%	3,01	4,40	28	0,14	

Gráfico 16: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE

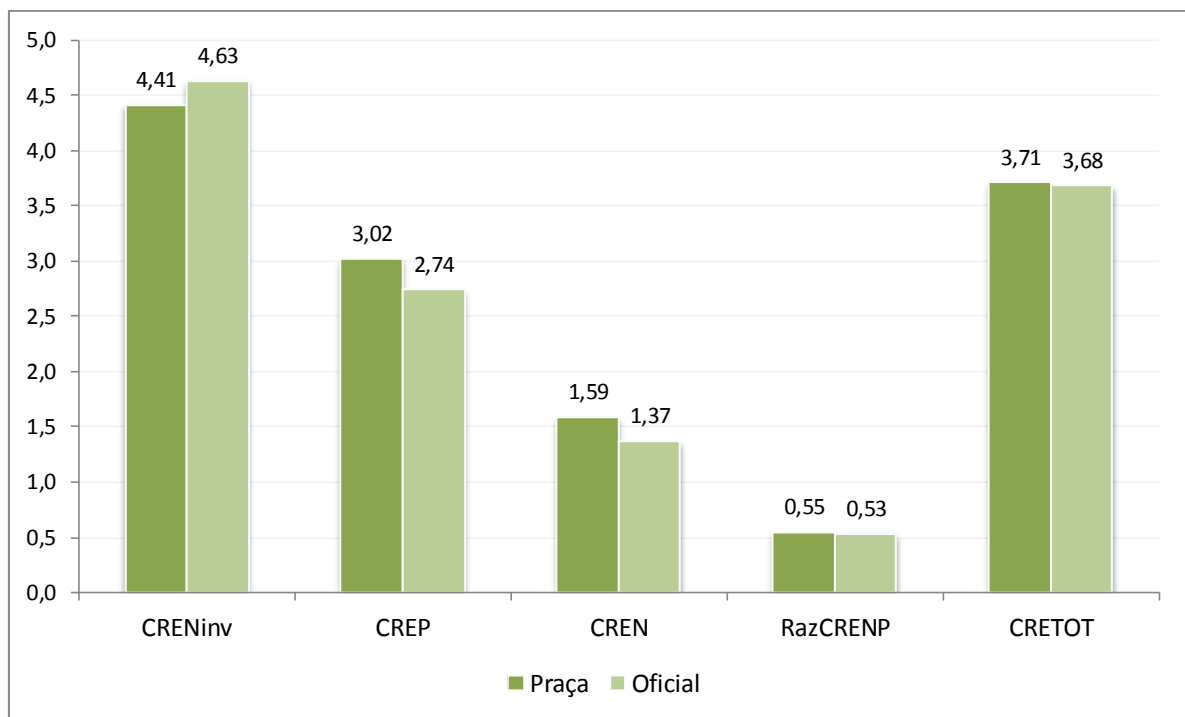
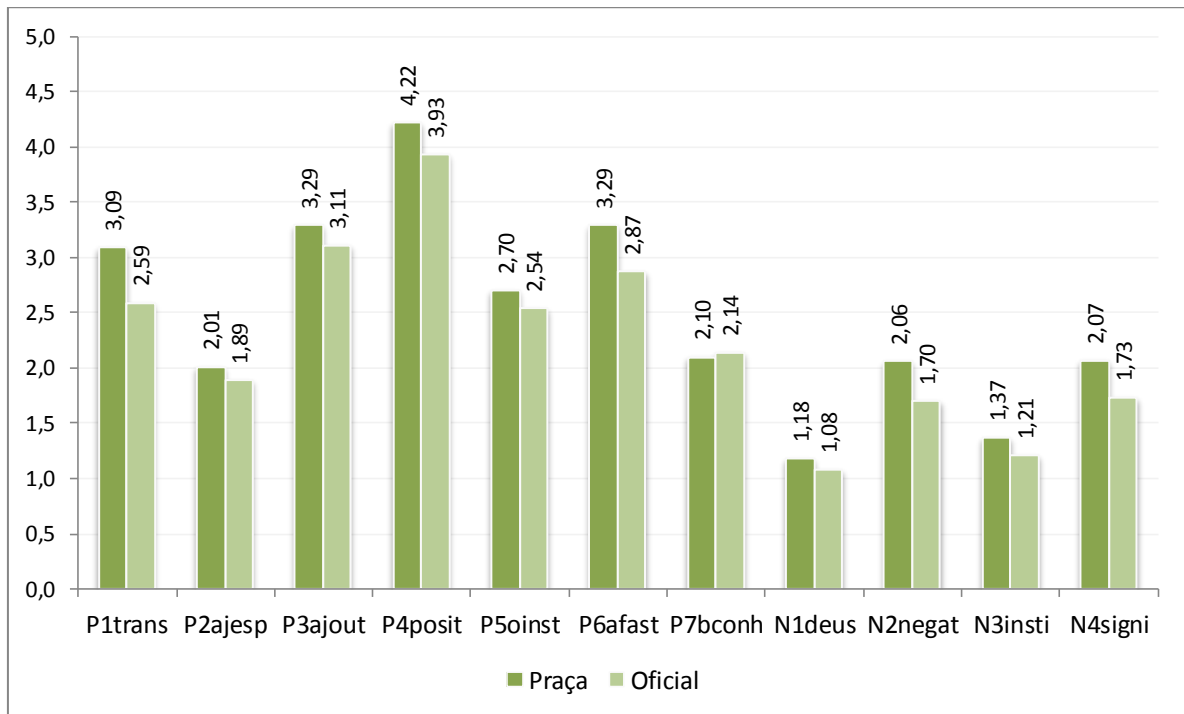


Tabela 28: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE Fatores (continua)

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Praça	3,09	3,11	0,96	31%	1,00	5,00	97	0,19	0,019
	Oficial	2,59	2,22	1,09	42%	1,00	4,33	28	0,40	
P2ajesp	Praça	2,01	1,80	0,83	41%	1,00	4,40	97	0,17	0,529
	Oficial	1,89	1,70	0,85	45%	1,00	4,20	28	0,32	
P3ajout	Praça	3,29	3,25	0,78	24%	1,40	4,80	97	0,15	0,281
	Oficial	3,11	3,10	0,73	24%	1,60	4,40	28	0,27	

P4posit	Praça	4,22	4,40	0,83	20%	1,00	5,00	97	0,16	0,127
	Oficial	3,93	4,20	1,05	27%	1,00	5,00	28	0,39	
P5oinst	Praça	2,70	2,67	1,15	43%	1,00	5,00	97	0,23	0,511
	Oficial	2,54	2,38	1,10	44%	1,00	5,00	28	0,41	
P6afast	Praça	3,29	3,33	1,12	34%	1,00	5,00	97	0,22	0,072
	Oficial	2,87	3,00	0,97	34%	1,00	5,00	28	0,36	
P7bconh	Praça	2,10	2,00	0,94	45%	1,00	4,67	95	0,19	0,817
	Oficial	2,14	2,17	0,88	41%	1,00	3,67	28	0,33	
N1deus	Praça	1,18	1,00	0,38	32%	1,00	3,40	97	0,07	0,216
	Oficial	1,08	1,00	0,34	32%	1,00	2,80	28	0,13	
N2negat	Praça	2,06	2,00	0,99	48%	1,00	4,67	97	0,20	0,078
	Oficial	1,70	1,67	0,79	46%	1,00	4,33	28	0,29	
N3insti	Praça	1,37	1,00	0,56	41%	1,00	4,00	97	0,11	0,184
	Oficial	1,21	1,00	0,41	34%	1,00	2,75	28	0,15	
N4signi	Praça	2,07	1,67	1,08	52%	1,00	5,00	97	0,21	0,122
	Oficial	1,73	1,33	0,82	47%	1,00	3,67	28	0,30	

Gráfico 17: Compara Patentes do Contingente 15 para CRE Fatores



Observamos que no contingente 15, as estratégias de CRE negativo foram maiores entre praças e o fator com maior diferença estatística significativa foi P1. Os dados entre as escalas e o contingente 19 encontram-se nas TABELAS 29, 30 e 31 e GRÁFICOS 18, 19 e 20.

Tabela 29: Compara Patentes do Contingente 19 para EMEP

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Praça	3,80	3,78	0,62	16%	1,80	4,94	108	0,12	0,259
	Oficial	3,95	4,06	0,44	11%	3,06	4,61	22	0,18	
EMOC	Praça	2,22	2,20	0,52	24%	1,17	3,50	108	0,10	0,054
	Oficial	2,45	2,40	0,44	18%	1,73	3,27	22	0,19	
RELIG	Praça	2,94	2,86	0,79	27%	1,50	5,00	108	0,15	0,468
	Oficial	2,81	2,86	0,73	26%	1,43	4,00	22	0,30	
SOCIAL	Praça	2,89	3,00	0,96	33%	1,00	5,00	108	0,18	0,021
	Oficial	3,39	3,33	0,67	20%	2,00	4,40	22	0,28	

Gráfico 18: Compara Patentes do Contingente 19 para EMEP

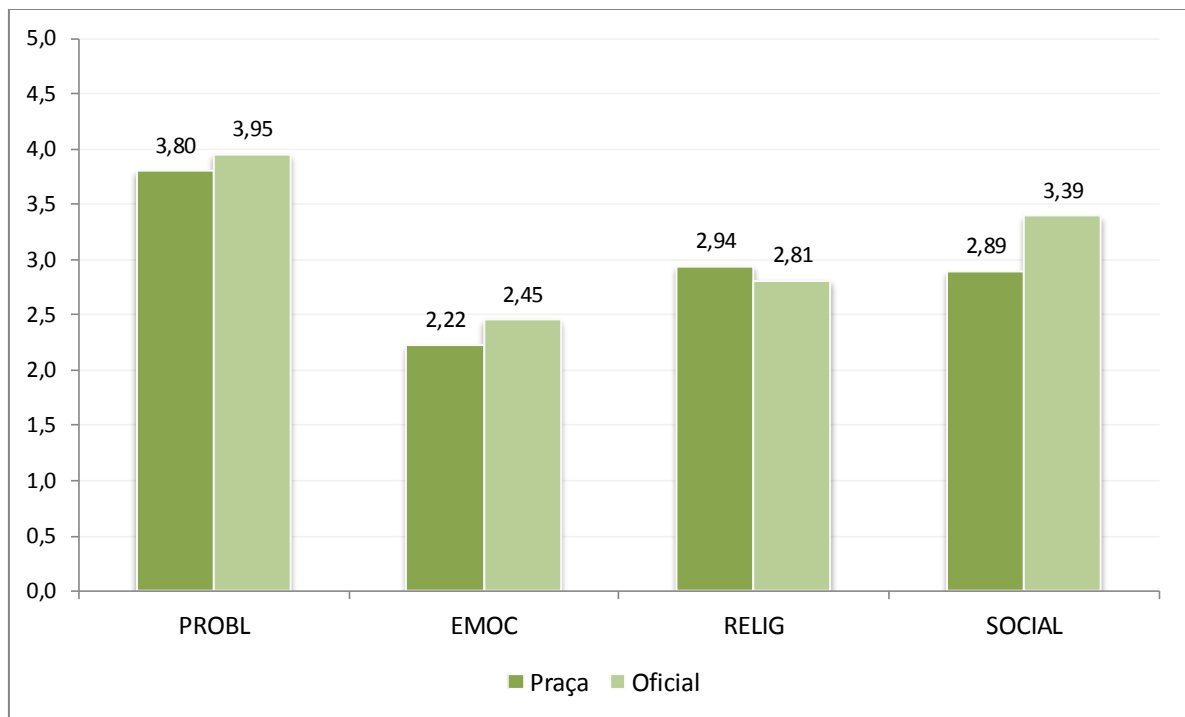


Tabela 30: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE (continua)

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Praça	4,34	4,47	0,54	12%	2,13	5,00	108	0,10	0,011
	Oficial	4,64	4,73	0,33	7%	3,80	5,00	22	0,14	
CREP	Praça	2,98	3,03	0,72	24%	1,24	4,53	108	0,14	0,611
	Oficial	2,89	3,05	0,92	32%	1,27	4,38	22	0,38	
CREN	Praça	1,66	1,53	0,54	32%	1,00	3,87	108	0,10	0,011

	Oficial	1,36	1,27	0,33	24%	1,00	2,20	22	0,14	
RazCRENP	Praça	0,57	0,54	0,16	29%	0,28	1,09	108	0,03	0,091
	Oficial	0,51	0,43	0,16	31%	0,32	0,79	22	0,07	
CRETOT	Praça	3,66	3,67	0,34	9%	2,93	4,63	108	0,06	0,186
	Oficial	3,77	3,81	0,39	10%	3,13	4,42	22	0,16	

Gráfico 19: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE

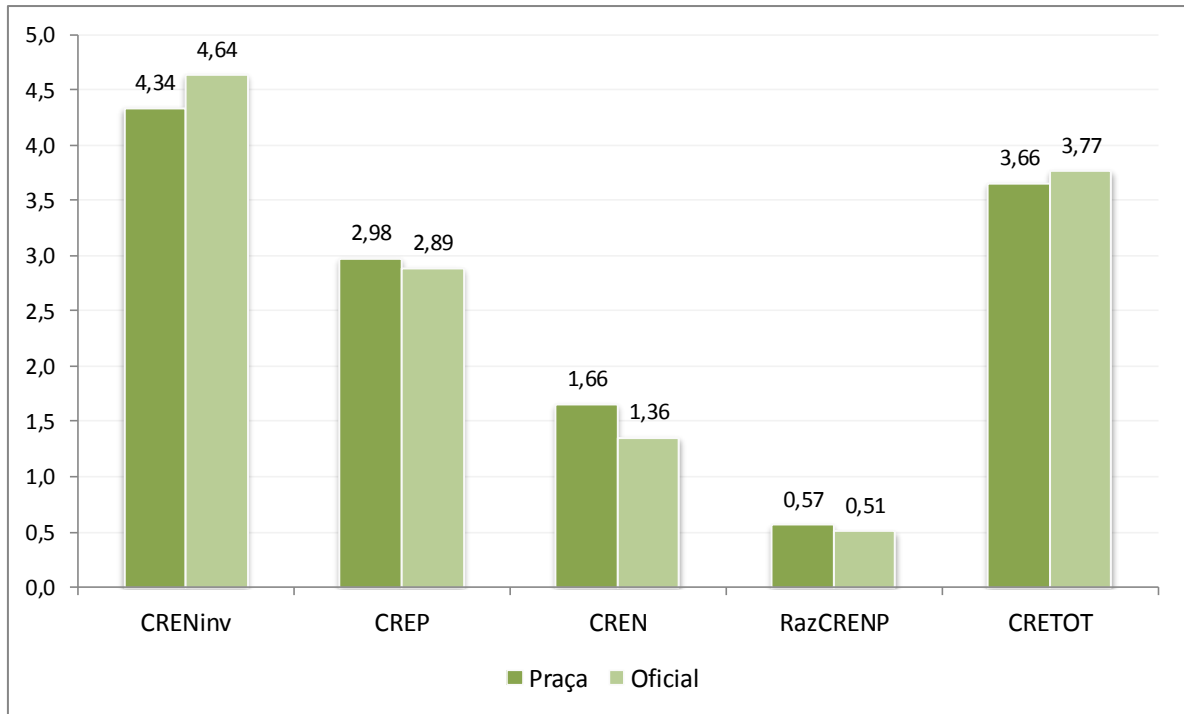
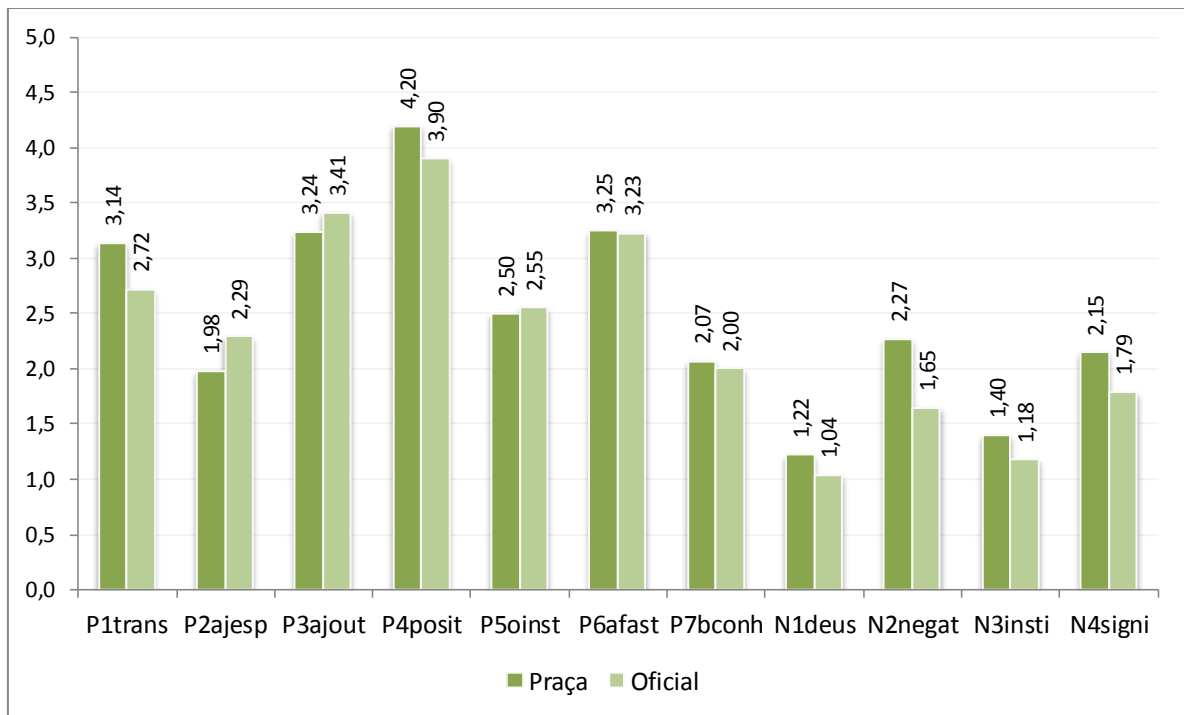


Tabela 31: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE Fatores (continua)

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Praça	3,14	3,22	0,96	31%	1,00	5,00	108	0,18	0,068
	Oficial	2,72	2,95	1,07	40%	1,00	4,71	22	0,45	
P2ajesp	Praça	1,98	1,80	0,79	40%	1,00	4,20	107	0,15	0,114
	Oficial	2,29	2,10	1,02	45%	1,00	4,00	22	0,43	
P3ajout	Praça	3,24	3,20	0,80	25%	1,40	5,00	108	0,15	0,364
	Oficial	3,41	3,40	0,87	26%	1,60	5,00	22	0,37	
P4posit	Praça	4,20	4,40	0,77	18%	1,00	5,00	108	0,15	0,139
	Oficial	3,90	4,50	1,25	32%	1,00	5,00	22	0,52	
P5oinst	Praça	2,50	2,25	1,02	41%	1,00	5,00	108	0,19	0,857
	Oficial	2,55	2,38	1,30	51%	1,00	5,00	22	0,54	
P6afast	Praça	3,25	3,33	1,16	36%	1,00	5,00	108	0,22	0,943
	Oficial	3,23	3,17	1,11	35%	1,00	5,00	22	0,47	

P7bconh	Praça	2,07	2,00	0,97	47%	1,00	5,00	107	0,18	0,777
	Oficial	2,00	1,67	1,06	53%	1,00	4,00	22	0,44	
N1deus	Praça	1,22	1,00	0,54	44%	1,00	4,00	108	0,10	0,117
	Oficial	1,04	1,00	0,13	13%	1,00	1,60	22	0,06	
N2negat	Praça	2,27	2,00	1,06	47%	1,00	5,00	108	0,20	0,009
	Oficial	1,65	1,84	0,57	34%	1,00	2,67	22	0,24	
N3insti	Praça	1,40	1,25	0,61	44%	1,00	4,00	108	0,12	0,105
	Oficial	1,18	1,00	0,33	28%	1,00	2,00	22	0,14	
N4signi	Praça	2,15	2,00	0,93	43%	1,00	5,00	108	0,17	0,094
	Oficial	1,79	1,50	0,91	51%	1,00	4,00	22	0,38	

Gráfico 20: Compara Patentes do Contingente 19 para CRE Fatores



No contingente 19, as diferenças estatísticas significativas estiveram na escala EMEP para o modo de enfrentamento social (p-valor=0,021), nas estratégias negativas de CRE (p-valor=0,011) e no fator N2 (p-valor=0,009).

Em seguida, apresentam-se as diferenças de escores juntando os contingentes das duas amostras pelas TABELAS 32, 33 e 34 e GRÁFICOS 21, 22 e 23.

Tabela 32: Compara Patentes para EMEP

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Praça	3,80	3,78	0,59	16%	1,80	5,00	205	0,08	0,515
	Oficial	3,86	3,94	0,49	13%	2,67	4,78	50	0,14	
EMOC	Praça	2,22	2,20	0,54	24%	1,13	3,73	205	0,07	0,042
	Oficial	2,39	2,33	0,59	25%	1,33	4,13	50	0,16	
RELIG	Praça	2,97	3,00	0,76	26%	1,29	5,00	205	0,10	0,189
	Oficial	2,81	2,86	0,76	27%	1,29	4,86	50	0,21	
SOCIAL	Praça	2,97	3,00	0,88	30%	1,00	5,00	205	0,12	0,201
	Oficial	3,15	3,20	0,72	23%	1,40	4,40	50	0,20	

Gráfico 21: Compara Patentes para EMEP

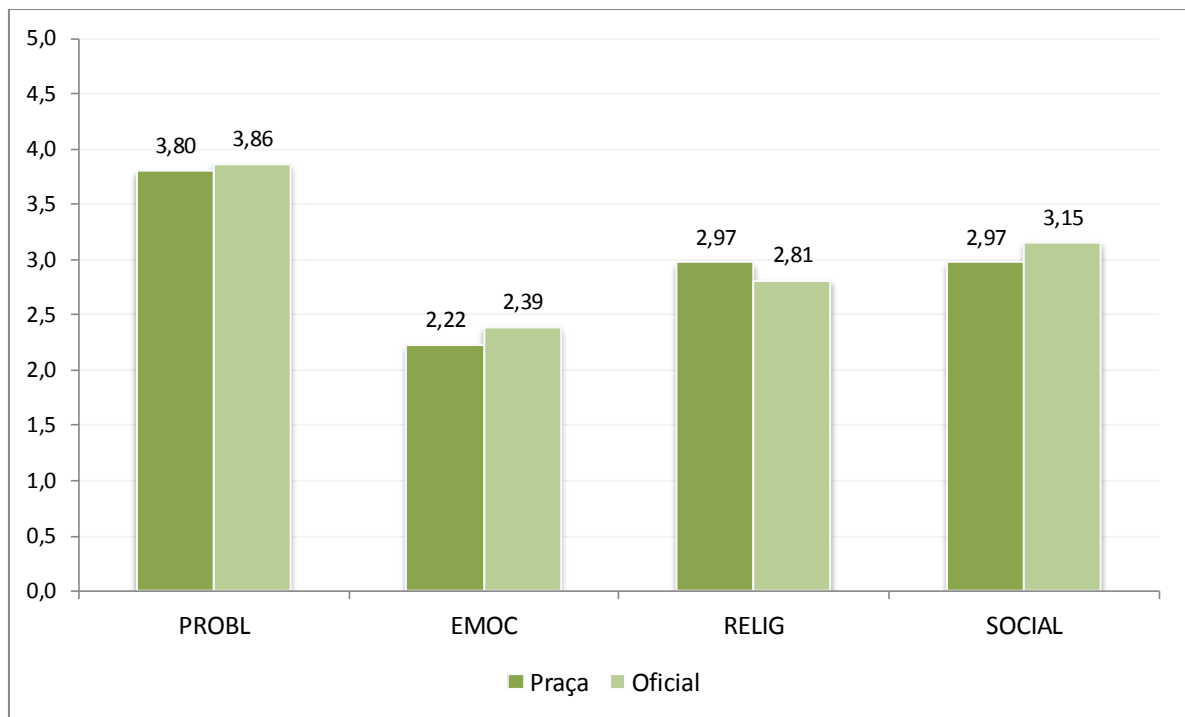


Tabela 33: Compara Patentes para CRE (continua)

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Praça	4,37	4,47	0,52	12%	2,13	5,00	205	0,07	0,001
	Oficial	4,64	4,73	0,39	8%	2,87	5,00	50	0,11	
CREP	Praça	3,00	3,00	0,72	24%	1,24	4,53	205	0,10	0,101
	Oficial	2,81	2,93	0,85	30%	1,09	4,38	50	0,23	
CREN	Praça	1,63	1,53	0,52	32%	1,00	3,87	205	0,07	0,001
	Oficial	1,36	1,27	0,39	29%	1,00	3,13	50	0,11	
RazCRENP	Praça	0,56	0,53	0,17	30%	0,28	1,09	205	0,02	0,114
	Oficial	0,52	0,48	0,16	31%	0,31	1,00	50	0,04	

CRETOT	Praça	3,68	3,66	0,35	9%	2,92	4,63	205	0,05	0,520
	Oficial	3,72	3,71	0,38	10%	3,01	4,42	50	0,11	

Gráfico 22: Compara Patentes para CRE

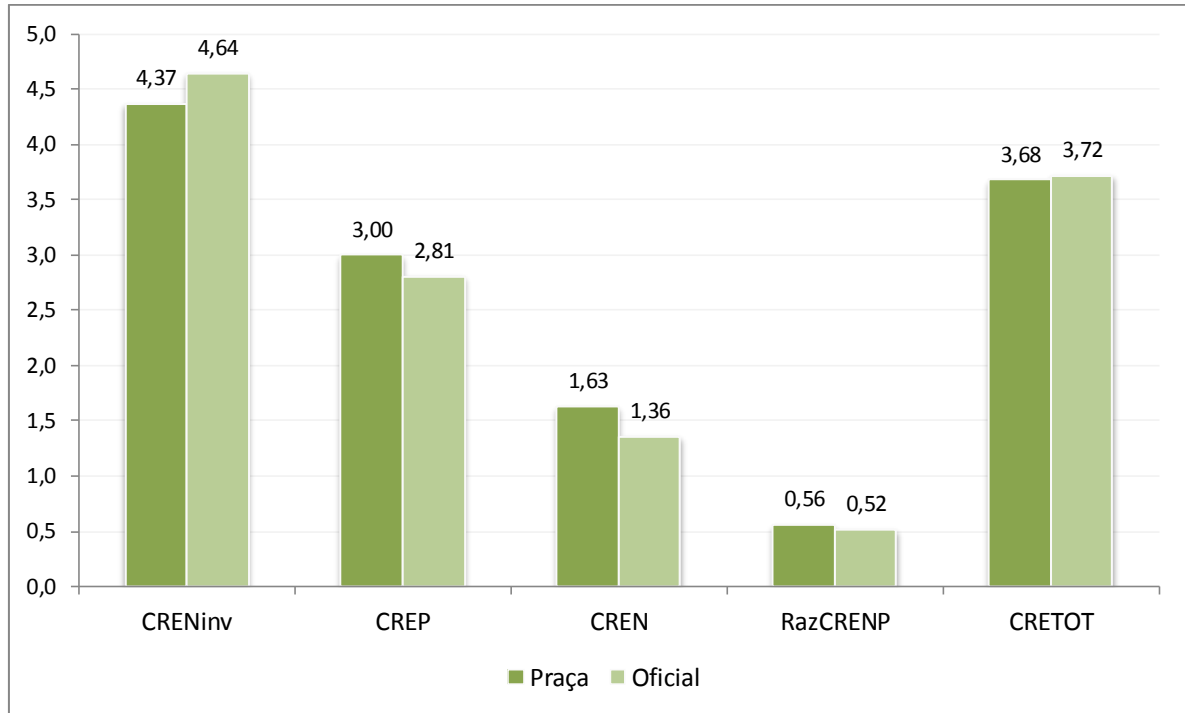
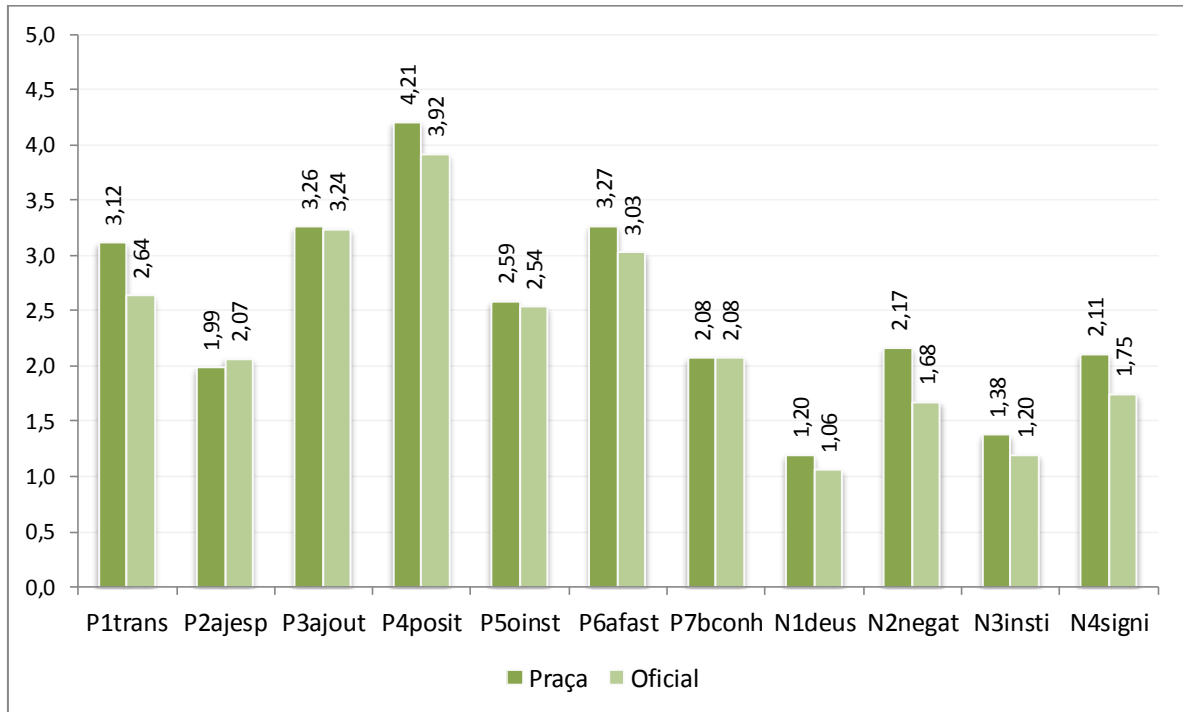


Tabela 34: Compara Patentes para CRE Fatores (continua)

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Praça	3,12	3,22	0,96	31%	1,00	5,00	205	0,13	0,003
	Oficial	2,64	2,56	1,07	41%	1,00	4,71	50	0,30	
P2ajesp	Praça	1,99	1,80	0,81	41%	1,00	4,40	204	0,11	0,565
	Oficial	2,07	1,80	0,94	46%	1,00	4,20	50	0,26	
P3ajout	Praça	3,26	3,20	0,79	24%	1,40	5,00	205	0,11	0,877
	Oficial	3,24	3,40	0,80	25%	1,60	5,00	50	0,22	
P4posit	Praça	4,21	4,40	0,80	19%	1,00	5,00	205	0,11	0,033
	Oficial	3,92	4,30	1,13	29%	1,00	5,00	50	0,31	
P5oinst	Praça	2,59	2,50	1,08	42%	1,00	5,00	205	0,15	0,761
	Oficial	2,54	2,38	1,18	47%	1,00	5,00	50	0,33	
P6afast	Praça	3,27	3,33	1,14	35%	1,00	5,00	205	0,16	0,173
	Oficial	3,03	3,00	1,04	34%	1,00	5,00	50	0,29	
P7bconh	Praça	2,08	2,00	0,95	46%	1,00	5,00	202	0,13	0,999
	Oficial	2,08	2,00	0,96	46%	1,00	4,00	50	0,27	
N1deus	Praça	1,20	1,00	0,47	39%	1,00	4,00	205	0,06	0,044
	Oficial	1,06	1,00	0,27	25%	1,00	2,80	50	0,07	
N2negat	Praça	2,17	2,00	1,03	47%	1,00	5,00	205	0,14	0,002
	Oficial	1,68	1,67	0,69	41%	1,00	4,33	50	0,19	

N3insti	Praça	1,38	1,00	0,58	42%	1,00	4,00	205	0,08	0,035
	Oficial	1,20	1,00	0,37	31%	1,00	2,75	50	0,10	
N4signi	Praça	2,11	2,00	1,00	47%	1,00	5,00	205	0,14	0,020
	Oficial	1,75	1,33	0,85	48%	1,00	4,00	50	0,24	

Gráfico 23: Compara Patentes para CRE Fatores



Concluimos que existem resultados diversos estatisticamente significantes entre praça e oficial. Com o total de respondentes das duas amostras, a diferença significativa da EMEP passou a ser o modo de enfrentamento focado na emoção, com maior utilização deste modo entre os oficiais (média=2,39 contra média=2,22 das praças, p-valor=0,042). Na CRE persiste a diferença entre os escores globais negativos de CREN (p-valor=0,001) e os fatores de CRE que demonstraram maior disparidade entre oficiais e praças foram, em ordem decrescente, N2 (p-valor=0,002), P1 (p-valor=0,003), N4 (p-valor=0,02), P4 (p-valor=0,033), N3 (p-valor=0,035) e N1 (p-valor=0,044).

Prosseguindo, realizou-se análise semelhante, mas agora comparando as religiões Catolicismo e Cristianismo Pentecostal. Iniciam-se as análises com o contingente 15 pelas TABELAS 35, 36 e 37 e GRÁFICOS 24, 25 e 26.



Tabela 35: Compara Religião do Contingente 15 para EMEP

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Católico	3,81	3,78	0,57	15%	2,22	5,00	72	0,13	0,321
	Evangélico	3,69	3,64	0,45	12%	3,00	4,72	28	0,17	
EMOC	Católico	2,20	2,24	0,58	26%	1,13	3,47	72	0,13	0,219
	Evangélico	2,36	2,31	0,59	25%	1,53	3,73	28	0,22	
RELIG	Católico	2,90	2,93	0,63	22%	1,29	4,29	72	0,15	0,001
	Evangélico	3,40	3,14	0,80	23%	1,71	4,86	28	0,30	
SOCIAL	Católico	3,02	3,00	0,76	25%	1,00	4,80	72	0,18	0,847
	Evangélico	3,05	2,90	0,68	22%	1,80	4,60	28	0,25	

Gráfico 24: Compara Religião do Contingente 15 para EMEP

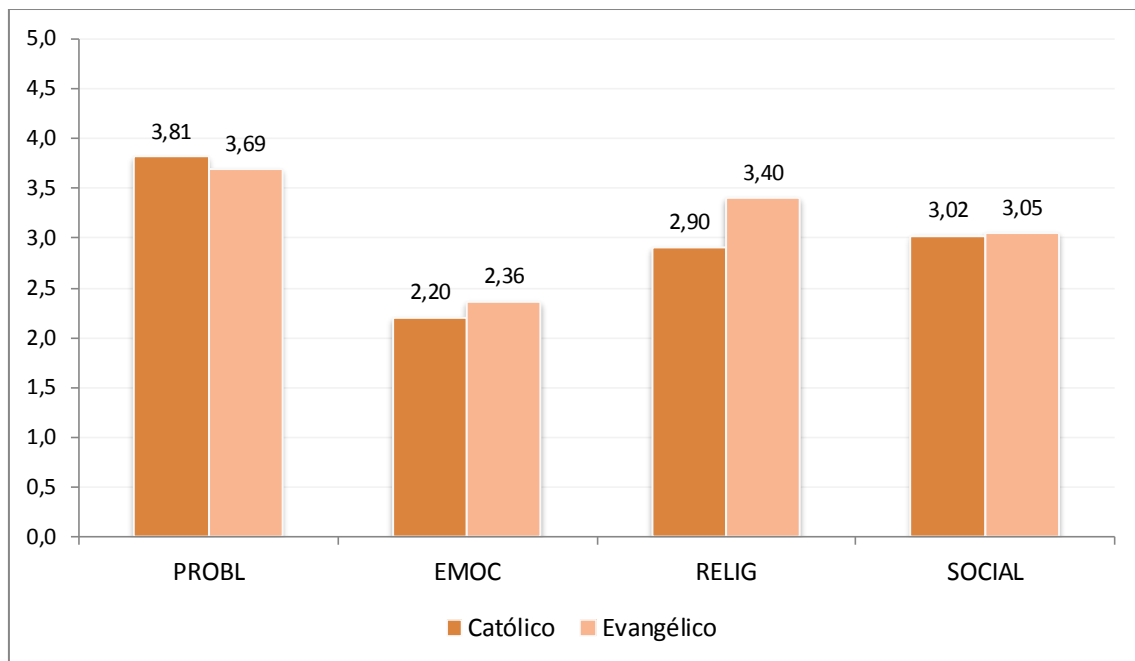


Tabela 36: Compara Religião do Contingente 15 para CRE (continua)

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Católico	4,60	4,70	0,35	8%	3,36	5,00	72	0,08	<0,001
	Evangélico	4,00	4,27	0,62	15%	2,27	4,93	28	0,23	
CREP	Católico	2,90	2,94	0,64	22%	1,09	4,18	72	0,15	0,013
	Evangélico	3,27	3,12	0,67	20%	2,24	4,53	28	0,25	
CREN	Católico	1,40	1,30	0,35	25%	1,00	2,64	72	0,08	<0,001
	Evangélico	2,00	1,73	0,62	31%	1,07	3,73	28	0,23	

RazCRENP	Católico	0,50	0,47	0,16	32%	0,28	0,92	72	0,04	0,002
	Evangélico	0,62	0,62	0,17	27%	0,33	1,04	28	0,06	
CRETOT	Católico	3,75	3,71	0,34	9%	3,04	4,42	72	0,08	0,134
	Evangélico	3,63	3,59	0,36	10%	2,92	4,36	28	0,13	

Gráfico 25: Compara Religião do Contingente 15 para CRE

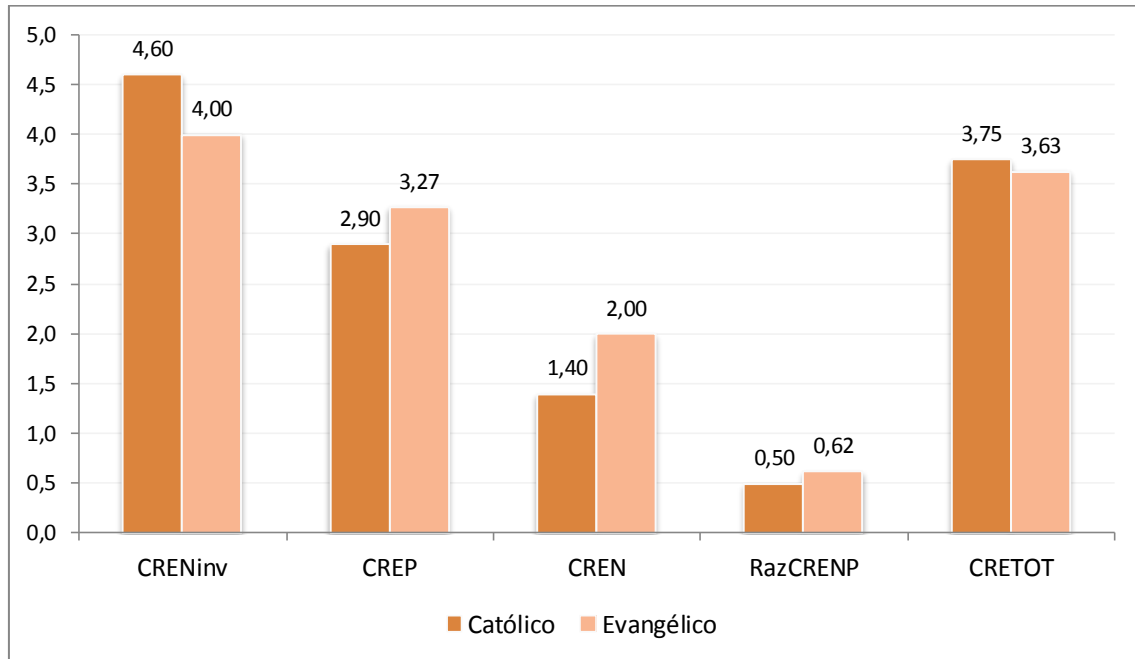
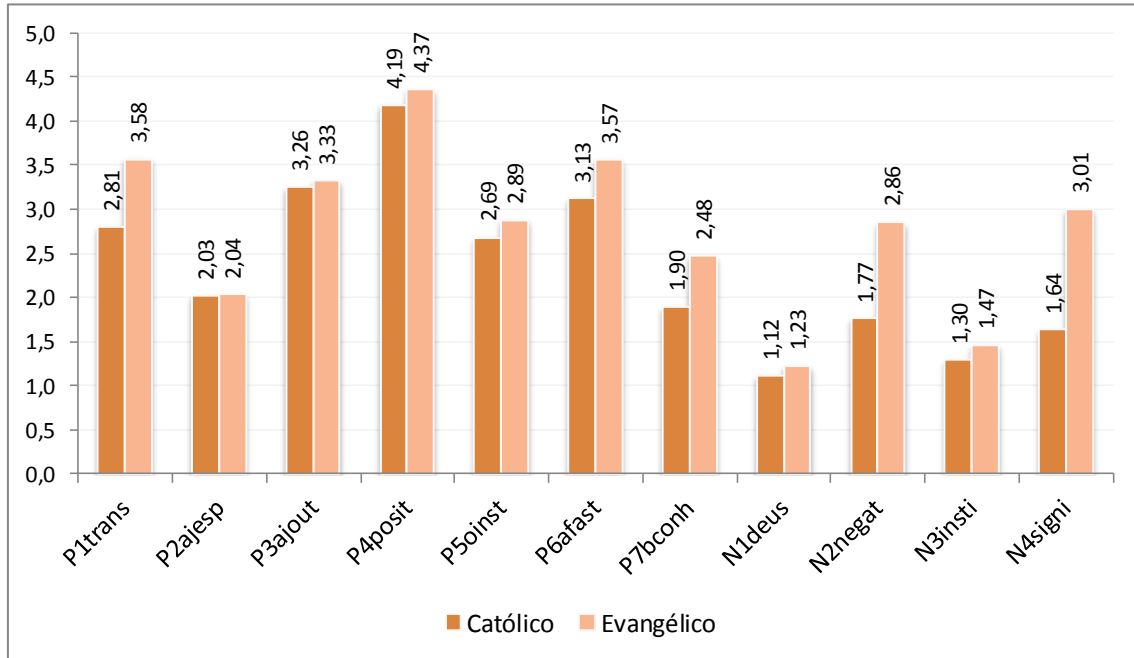


Tabela 37: Compara Religião do Contingente 15 para CRE Fatores (continua)

Contingente 15		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Católico	2,81	2,84	0,86	31%	1,00	4,78	72	0,20	<0,001
	Evangélico	3,58	3,67	0,81	22%	2,00	5,00	28	0,30	
P2ajesp	Católico	2,03	2,00	0,76	37%	1,00	4,20	72	0,17	0,978
	Evangélico	2,04	1,70	1,03	51%	1,00	4,40	28	0,38	
P3ajout	Católico	3,26	3,23	0,68	21%	1,60	4,40	72	0,16	0,678
	Evangélico	3,33	3,40	0,83	25%	2,00	4,80	28	0,31	
P4posit	Católico	4,19	4,40	0,78	19%	1,00	5,00	72	0,18	0,277
	Evangélico	4,37	4,50	0,56	13%	3,20	5,00	28	0,21	
P5oinst	Católico	2,69	2,59	1,09	41%	1,00	5,00	72	0,25	0,425
	Evangélico	2,89	2,63	1,23	43%	1,00	5,00	28	0,46	
P6afast	Católico	3,13	3,33	1,04	33%	1,00	5,00	72	0,24	0,051
	Evangélico	3,57	3,50	0,85	24%	2,00	5,00	28	0,31	
P7bconh	Católico	1,90	1,67	0,83	44%	1,00	3,67	71	0,19	0,004
	Evangélico	2,48	2,33	0,95	38%	1,00	4,67	27	0,36	
N1deus	Católico	1,12	1,00	0,23	21%	1,00	2,00	72	0,05	0,160
	Evangélico	1,23	1,00	0,58	47%	1,00	3,40	28	0,21	

N2negat	Católico	1,77	1,67	0,76	43%	1,00	4,00	72	0,17	<0,001
	Evangélico	2,86	3,00	1,03	36%	1,33	4,67	28	0,38	
N3insti	Católico	1,30	1,00	0,52	40%	1,00	4,00	72	0,12	0,146
	Evangélico	1,47	1,25	0,62	42%	1,00	3,75	28	0,23	
N4signi	Católico	1,64	1,33	0,69	42%	1,00	3,67	72	0,16	<0,001
	Evangélico	3,01	3,17	1,20	40%	1,00	5,00	28	0,44	

Gráfico 26: Compara Religião do Contingente 15 para CRE Fatores



O modo de enfrentamento religioso no contingente 15 foi significativamente maior entre evangélicos do que entre católicos ( $p=0,001$ ), assim como os escores de enfrentamento religioso positivo e negativo. Os fatores que evidenciaram maior diferença entre católicos e evangélicos foram P1 ( $p<0,001$ ), P7 ( $p=0,004$ ), N2 ( $p<0,001$ ) e N4 ( $p<0,001$ ). As análises comparativas entre as religiões catolicismo e cristianismo pentecostal do contingente 19 seguem nas TABELAS 38, 39 e 40 e GRÁFICOS 27, 28 e 29.

Tabela 38: Compara Religião do Contingente 19 para EMEP

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Católico	3,72	3,67	0,56	15%	1,80	4,78	65	0,14	0,228
	Evangélico	3,87	3,94	0,68	18%	1,94	4,94	40	0,21	
EMOC	Católico	2,23	2,20	0,47	21%	1,17	3,27	65	0,11	0,425
	Evangélico	2,31	2,33	0,54	23%	1,40	3,40	40	0,17	
RELIG	Católico	2,82	2,86	0,69	24%	1,50	4,86	65	0,17	0,023
	Evangélico	3,15	3,14	0,75	24%	1,71	5,00	40	0,23	
SOCIAL	Católico	3,04	3,00	0,90	30%	1,00	5,00	65	0,22	0,527
	Evangélico	2,92	2,80	0,95	32%	1,00	5,00	40	0,29	

Gráfico 27: Compara Religião do Contingente 19 para EMEP

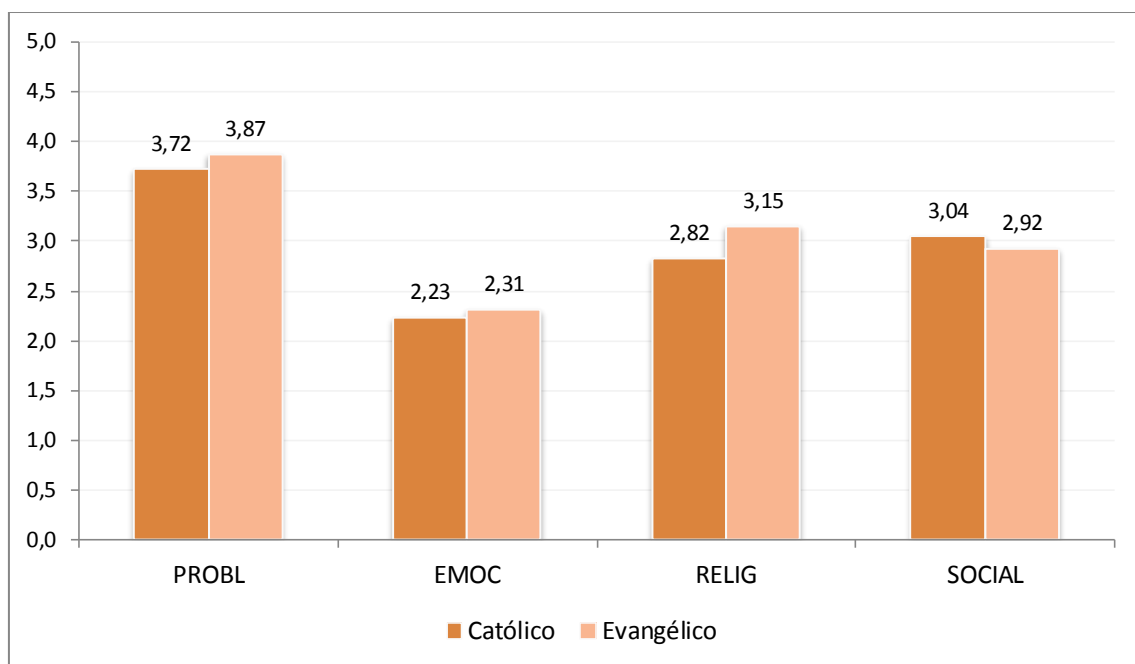


Tabela 39: Compara Religião do Contingente 19 para CRE

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Católico	4,49	4,60	0,42	9%	2,93	5,00	65	0,10	<0,001
	Evangélico	4,11	4,20	0,58	14%	2,13	4,93	40	0,18	
CREP	Católico	2,89	2,97	0,69	24%	1,29	4,53	65	0,17	0,006
	Evangélico	3,26	3,20	0,57	17%	2,09	4,53	40	0,18	
CREN	Católico	1,51	1,40	0,42	28%	1,00	3,07	65	0,10	<0,001
	Evangélico	1,89	1,80	0,59	31%	1,07	3,87	40	0,18	
RazCRENP	Católico	0,54	0,51	0,16	30%	0,28	1,09	65	0,04	0,167
	Evangélico	0,59	0,55	0,16	27%	0,35	0,97	40	0,05	
CRETOT	Católico	3,69	3,68	0,35	9%	2,93	4,63	65	0,09	0,860
	Evangélico	3,68	3,67	0,32	9%	3,05	4,42	40	0,10	

Gráfico 28: Compara Religião do Contingente 19 para CRE

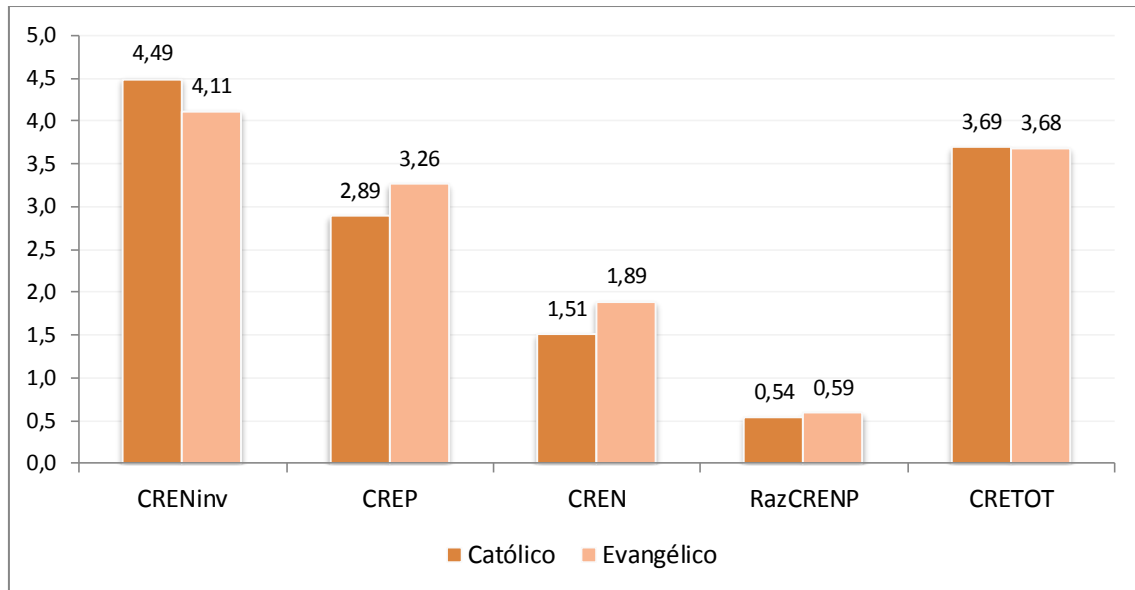
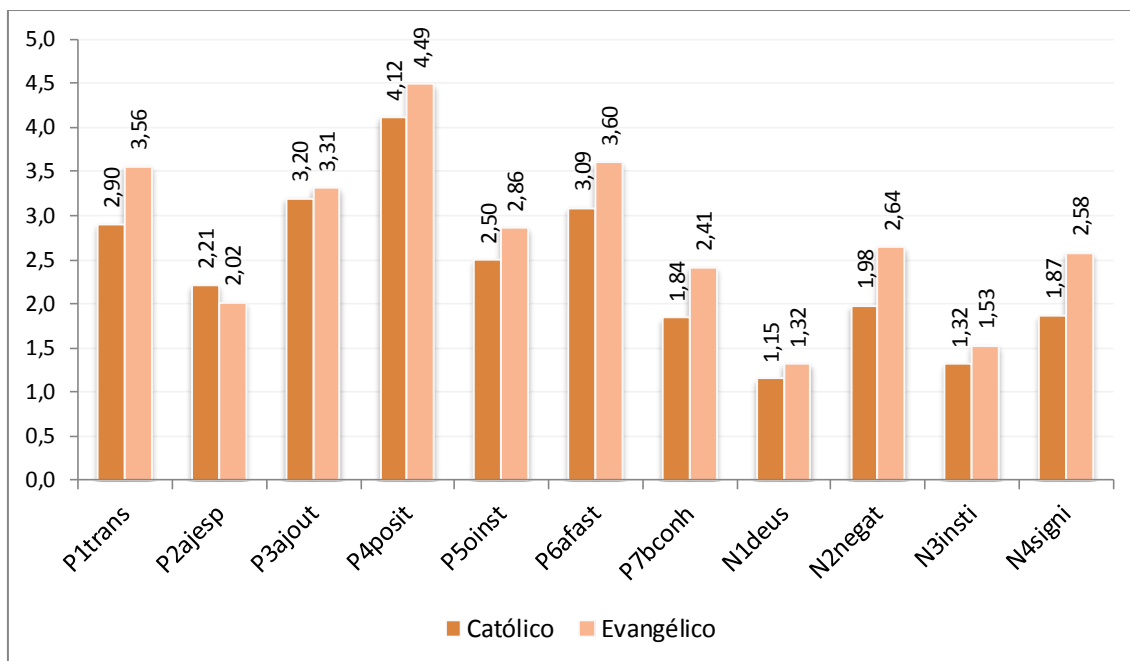


Tabela 40: Compara Religião do Contingente 19 para CRE Fatores

Contingente 19		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Católico	2,90	2,89	0,92	32%	1,00	4,89	65	0,22	<0,001
	Evangélico	3,56	3,62	0,67	19%	2,22	5,00	40	0,21	
P2ajesp	Católico	2,21	2,00	0,81	37%	1,00	4,20	65	0,20	0,257
	Evangélico	2,02	2,00	0,84	41%	1,00	4,00	40	0,26	
P3ajout	Católico	3,20	3,20	0,82	26%	1,40	4,60	65	0,20	0,514
	Evangélico	3,31	3,23	0,82	25%	1,60	5,00	40	0,25	
P4posit	Católico	4,12	4,20	0,67	16%	2,25	5,00	65	0,16	0,004
	Evangélico	4,49	4,60	0,51	11%	3,40	5,00	40	0,16	
P5oinst	Católico	2,50	2,25	1,00	40%	1,00	5,00	65	0,24	0,091
	Evangélico	2,86	3,00	1,08	38%	1,25	5,00	40	0,33	
P6afast	Católico	3,09	3,33	1,04	34%	1,00	5,00	65	0,25	0,014
	Evangélico	3,60	4,00	1,00	28%	1,67	5,00	40	0,31	
P7bconh	Católico	1,84	1,67	0,89	48%	1,00	5,00	65	0,22	0,003
	Evangélico	2,41	2,67	0,98	41%	1,00	4,33	39	0,31	
N1deus	Católico	1,15	1,00	0,39	34%	1,00	3,20	65	0,09	0,124
	Evangélico	1,32	1,00	0,71	54%	1,00	4,00	40	0,22	
N2negat	Católico	1,98	2,00	0,82	41%	1,00	4,33	65	0,20	<0,001
	Evangélico	2,64	2,50	1,04	40%	1,00	5,00	40	0,32	
N3insti	Católico	1,32	1,00	0,51	38%	1,00	3,25	65	0,12	0,074
	Evangélico	1,53	1,29	0,68	45%	1,00	4,00	40	0,21	
N4signi	Católico	1,87	1,67	0,77	41%	1,00	4,00	65	0,19	<0,001
	Evangélico	2,58	2,50	1,00	39%	1,00	5,00	40	0,31	

Gráfico 29: Compara Religião do Contingente 19 para CRE Fatores



Já no contingente 19, houve a mesma diferença significativa encontrada no modo de enfrentamento religioso na EMEP do contingente 15, nos escores de CRE referentes a *coping* religioso negativo e positivo (CREN e CREP), mas não na razão entre CREN e CREP (RazCRENP).

Os fatores de CRE que tiveram diferença significativa entre católicos e evangélicos pentecostais do contingente 19 foram P1, P4, P6, P7, N2 e N4. A seguir, a comparação entre as religiões catolicismo e cristianismo pentecostal nas amostras somadas dos dois contingentes nas TABELAS 41, 42 e 43 e GRÁFICOS 30, 31 e 32.

Tabela 41: Compara Religião para EMEP

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
PROBL	Católico	3,77	3,72	0,56	15%	1,80	5,00	137	0,09	0,736
	Evangélico	3,79	3,78	0,60	16%	1,94	4,94	68	0,14	
EMOC	Católico	2,21	2,20	0,53	24%	1,13	3,47	137	0,09	0,146
	Evangélico	2,33	2,33	0,56	24%	1,40	3,73	68	0,13	
RELIG	Católico	2,87	2,86	0,66	23%	1,29	4,86	137	0,11	<0,001
	Evangélico	3,26	3,14	0,77	24%	1,71	5,00	68	0,18	
SOCIAL	Católico	3,03	3,00	0,83	27%	1,00	5,00	137	0,14	0,665
	Evangélico	2,97	2,80	0,84	28%	1,00	5,00	68	0,20	

Gráfico 30: Compara Religião para EMEP

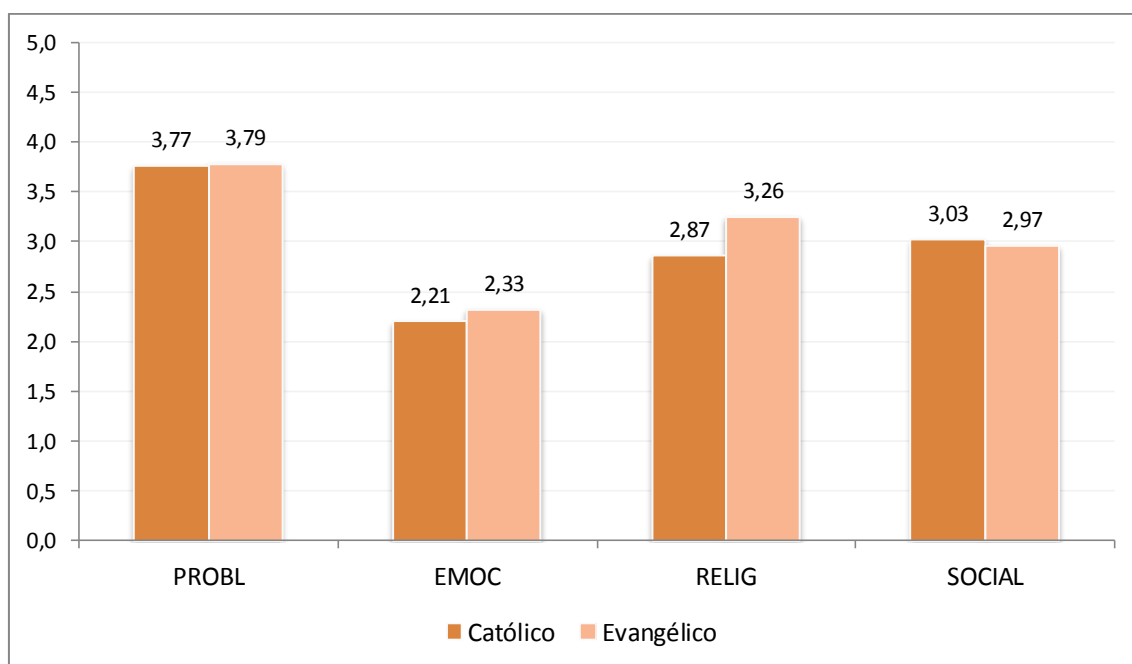


Tabela 42: Compara Religião para CRE

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
CRENinv	Católico	4,55	4,67	0,39	9%	2,93	5,00	137	0,06	<0,001
	Evangélico	4,06	4,24	0,60	15%	2,13	4,93	68	0,14	
CREP	Católico	2,90	2,94	0,66	23%	1,09	4,53	137	0,11	<0,001
	Evangélico	3,26	3,17	0,61	19%	2,09	4,53	68	0,14	
CREN	Católico	1,45	1,33	0,39	27%	1,00	3,07	137	0,06	<0,001
	Evangélico	1,94	1,77	0,60	31%	1,07	3,87	68	0,14	
RazCRENP	Católico	0,52	0,48	0,16	31%	0,28	1,09	137	0,03	0,001
	Evangélico	0,60	0,58	0,16	27%	0,33	1,04	68	0,04	
CRETOT	Católico	3,72	3,69	0,35	9%	2,93	4,63	137	0,06	0,228
	Evangélico	3,66	3,66	0,34	9%	2,92	4,42	68	0,08	

Gráfico 31: Compara Religião para CRE

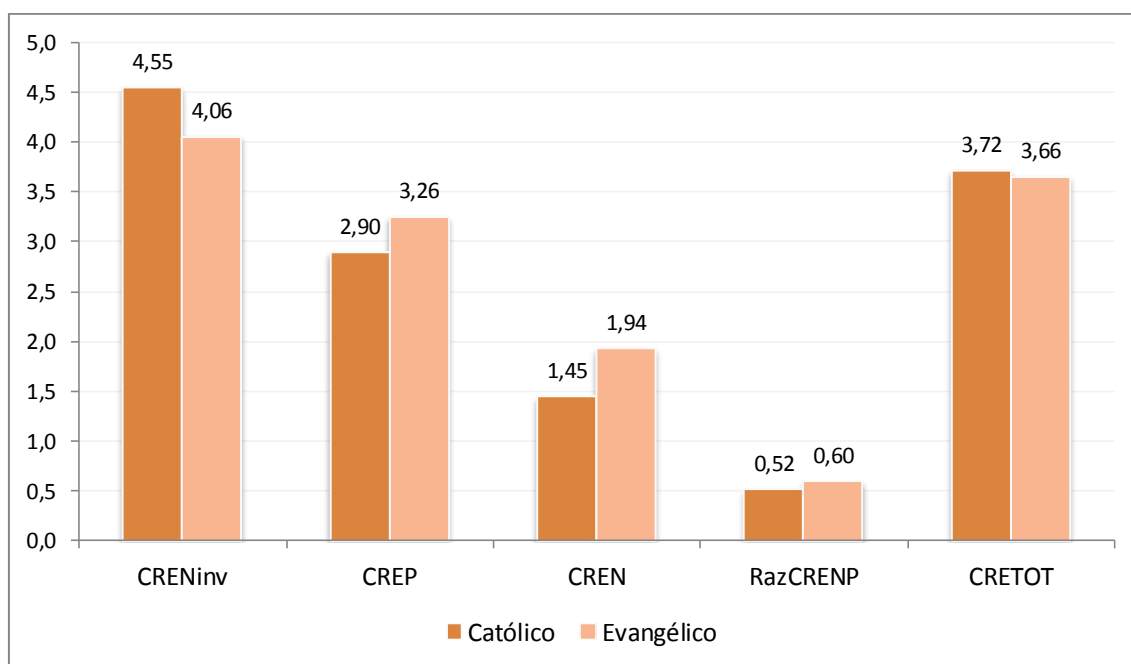
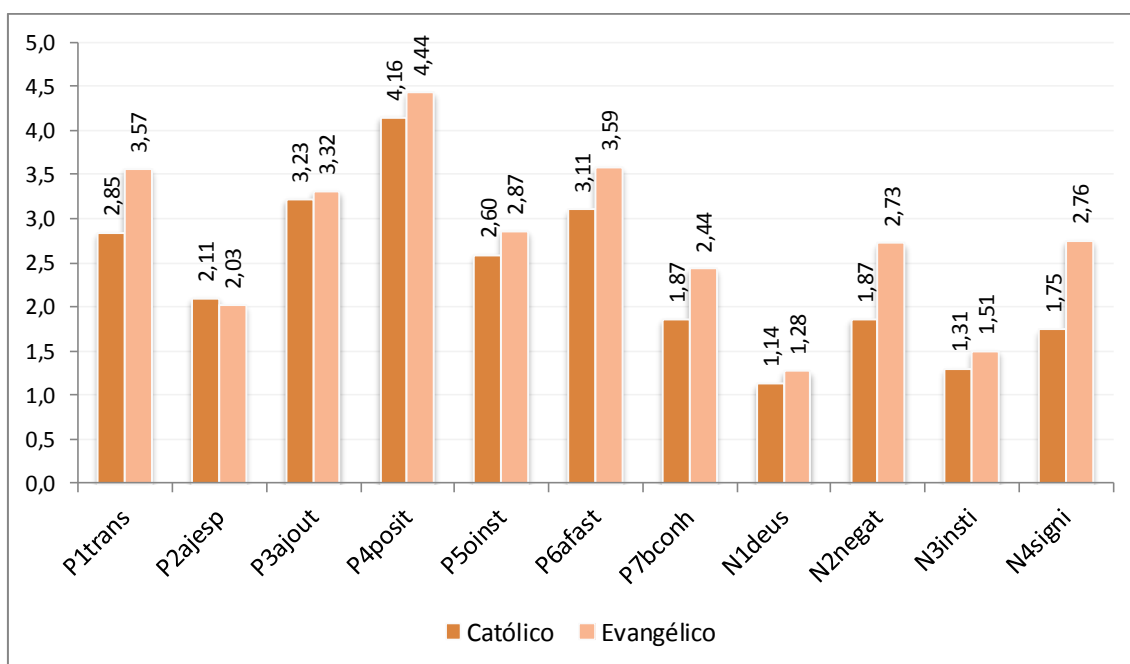


Tabela 43: Compara Religião para CRE Fatores

Todos		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
P1trans	Católico	2,85	2,89	0,88	31%	1,00	4,89	137	0,15	<0,001
	Evangélico	3,57	3,67	0,73	20%	2,00	5,00	68	0,17	
P2ajesp	Católico	2,11	2,00	0,78	37%	1,00	4,20	137	0,13	0,474
	Evangélico	2,03	1,90	0,92	45%	1,00	4,40	68	0,22	
P3ajout	Católico	3,23	3,20	0,75	23%	1,40	4,60	137	0,12	0,463
	Evangélico	3,32	3,33	0,82	25%	1,60	5,00	68	0,19	
P4posit	Católico	4,16	4,40	0,73	17%	1,00	5,00	137	0,12	0,005
	Evangélico	4,44	4,60	0,53	12%	3,20	5,00	68	0,13	
P5oinst	Católico	2,60	2,50	1,05	40%	1,00	5,00	137	0,18	0,094
	Evangélico	2,87	2,75	1,13	40%	1,00	5,00	68	0,27	
P6afast	Católico	3,11	3,33	1,03	33%	1,00	5,00	137	0,17	0,002
	Evangélico	3,59	3,67	0,93	26%	1,67	5,00	68	0,22	
P7bconh	Católico	1,87	1,67	0,86	46%	1,00	5,00	136	0,14	<0,001
	Evangélico	2,44	2,50	0,96	39%	1,00	4,67	66	0,23	
N1deus	Católico	1,14	1,00	0,32	28%	1,00	3,20	137	0,05	0,029
	Evangélico	1,28	1,00	0,65	51%	1,00	4,00	68	0,16	
N2negat	Católico	1,87	1,67	0,79	42%	1,00	4,33	137	0,13	<0,001
	Evangélico	2,73	2,67	1,04	38%	1,00	5,00	68	0,25	
N3insti	Católico	1,31	1,00	0,51	39%	1,00	4,00	137	0,09	0,017
	Evangélico	1,51	1,25	0,65	43%	1,00	4,00	68	0,16	
N4signi	Católico	1,75	1,67	0,74	42%	1,00	4,00	137	0,12	<0,001
	Evangélico	2,76	2,84	1,10	40%	1,00	5,00	68	0,26	



Gráfico 32: Compara Religião para CRE Fatores



Concluimos que também existem resultados diversos estatisticamente significantes entre as duas religiões, como por exemplo, no escore RELIG de EMEP para ambos os contingentes (tabela 22), onde a média do Catolicismo foi 2,87 contra 3,26 do Cristianismo Pentecostal ( $p$ -valor  $<0,001$ ). O escore RELIG para evangélicos, tanto em cada contingente separadamente quanto no total, apresentou uma diferença na ordem de maior utilização entre os demais escores da escala, em comparação ao grupo católico. Enquanto que no grupo católico o modo religioso de enfrentamento foi o terceiro mais utilizado após os modos focado no problema e no apoio social, no grupo evangélico o modo religioso foi o segundo mais utilizado, atrás apenas do modo de enfrentamento focado no problema.

Na comparação entre católicos e evangélicos nos escores de CRE observa-se maior diferença estatística entre CREP, CREN (com maior média entre evangélicos) e RazCRENP (onde o menor valor entre os católicos denota maior uso de CREP em relação a CREN dentro desse grupo religioso).

Os fatores que alcançaram significância estatística na diferença entre catolicismo e cristianismo pentecostal foram P1, P4, P6, P7, N1, N2, N3 e N4, todos com maior uso por parte dos evangélicos.

#### D. CAPELÃES MILITARES

Os oito capelães que responderam ao questionário possuíam o seguinte perfil descrito na TABELA 44:

TABELA 44: Capelães Militares

CAPELÃO	IDADE	NATURALIDADE	RELIGIÃO	TEMPO DE SERVIÇO (anos)	POSTO	ANO DA MISSÃO
C1	37	Porto Alegre (RS)	Católico	7	Tenente	2013-2014
C2	42	Magé (RJ)	Católico	6	Capitão	2011-2012
C3	57	Macaé (RJ)	Evangélico	37	Tenente-Coronel	2004
C4	33	Passo Fundo (RS)	Católico	5	Tenente	2014-2015
C5	57	Lorena (SP)	Católico	18	Major	2006
C6	48	Areado (MG)	Católico	10	Capitão	2006-2007
C7	45	Santa Rosa (RS)	Evangélico	11	Capitão	2011
C8	42	Rio de Janeiro (RS)	Evangélico	9	Capitão	2011-2012

Todos participaram de apenas uma missão ao exterior. Serviam no momento em que colaboraram com a pesquisa em Organizações Militares de diversas regiões do Brasil, distribuídos nos Comandos Militares do Planalto (CMP), do Sul (CMS), da Amazônia (CMA) e do Leste (CML).

Sobre as atividades concernentes ao serviço religioso que desenvolveram no Haiti, há uma variedade de práticas litúrgicas, congregacionais, recreativas e humanitárias.

Segundo C1, de denominação católica, havia *“missa durante a semana, reuniões de instrução catequética para militares/momento de oração em conjunto. Músicas com temas sagrados, devoções de domínio popular (rosário, via-sacra, adoração ao Santíssimo Sacramento), aconselhamento individualizado com o padre e confissões sacramentais”*. Para C2, também católico, em conjunto com o pastor que também compunha o mesmo contingente (BRABAT 15), *“dispúnhamos a conversar, confessar, orar com os militares, abençoando suas missões. Dávamos assistência a alguns orfanatos. No meu caso, levava alimento nas quartas-feiras e aos domingos, levávamos comida pronta para as crianças do Orfanato Soldadinho*

da Paz”. Outras atividades nos últimos meses da missão com os militares incluíam “palestras motivacionais com dinâmicas, a fim de ajudar no relacionamento dos militares”.

O capelão C3, evangélico, participou do primeiro contingente de militares brasileiros no Haiti. Os cultos eram realizados em barracas, uma vez que a tropa estava dispersada em diferentes locais: “*havia uma Companhia de soldados no Palácio do Governo, outra na região portuária e o restante da tropa ficava nas proximidades do Aeroporto Toussaint l’Ouverture. Além disso, havia também o Force Commander (Gen Heleno) com o seu efetivo, que tinha o seu PC [Posto de Comando] em Pétion Ville, a sede da MINUSTAH. Nossa missão era visitar constantemente esses locais para levar o conforto da Palavra de Deus, para as orações, para os aconselhamentos e os atendimentos individuais, ou simplesmente para marcar presença pastoral junto aos soldados*”. Atividades humanitárias também eram realizadas: “*atendíamos a população, realizando doações de alimentos para os orfanatos, reformando escolas, apoiando as igrejas e os doentes nos hospitais e leprosários*”, assim como C5, que dava “*assistência social às Creches Haitianas, como visitas e doações de alimentos, etc*” e C8, com apoio a orfanatos e atividades CIMIC.

Outras companhias estrangeiras (Paraguai, Guatemala, Bolívia e Chile) receberam missas ministradas por C4, padre católico. Havia também por parte deste capelão atendimento individual ao se deslocar nas dependências da Base General Bacelar (onde o BRABAT e a BRAENGCOY se localizavam no Campo Charlie), “*conversando e atendendo os militares nas suas seções de trabalho, durante o TFM e nos períodos fora do horário do expediente (se bem que lá sempre é horário de expediente!)*. Isso também foi feito nas duas Cias externas (1ª e 2ª) nas quais o capelão ia uma vez por semana (segunda-feira na 1ª Cia e quarta-feira na 2ª Cia), ficando lá durante toda a jornada”. Coordenou outras celebrações religiosas como procissões, Via-Sacra e oração do santo Terço uma vez por semana, visita a militares brasileiros e estrangeiros internados no Hospital Argentino (instalação médica de maior complexidade em Porto Príncipe).

Nas datas religiosas festivas, como Natal e Páscoa, houve celebração solene da missa realizada por C6, além de “*atendimentos à população local onde se faziam*

*exames de saúde, atendimento odontológico, recreação, e a mensagem religiosa por parte do capelão”.*

Sobre se havia militares de outras religiões e de outros países que participavam dos cultos do capelão, relatou-se a presença de funcionários civis ligados à ONU e de militares estrangeiros. Segundo C3, pastor evangélico do primeiro contingente brasileiro, *“tínhamos atividades ecumênicas, católicas, evangélicas e também espíritas, que não tinham capelão, mas havia um representante (Cel Waldino) desse segmento que participava conosco. Esse tipo de trabalho era mais comum entre os brasileiros. Em relação aos militares de outros países, havia somente a presença deles na assistência religiosa que era prestada na sede da MINUSTAH. Os militares de outros países que integravam a MINUSTAH não levaram capelães”.* Porém, em outros contingentes havia uma maior distinção entre os cultos notado por C4: *“não houve nem Culto Ecumênico (que é o que ocorre somente entre Cristãos Católicos e Cristãos Protestantes), nem Culto Inter-Religioso (que é o que ocorre quando, além de católicos e protestantes, há a presença dos espíritas), dada a especificidade de cada segmento religioso. De forma geral, os militares permanecem frequentando seu próprio segmento, sem trânsito entre seguimentos diferentes. Não havia capelão protestante no BRABAT 21, mas um militar foi designado para exercer a função de coordenador do segmento protestante, SEMPRE TRABALHANDO EM CONJUNTO COM O CAPELÃO, e assim os militares protestantes foram atendidos, pois buscavam os cultos e programações organizados por este coordenador. Da mesma maneira os militares espíritas, tinham seu representante e ele os reunia e organizava as reuniões. Tive contato, sim com capelães de outros países: dois padres católicos (Paraguai e Argentina) e um pastor protestante (Paraguai). Eles me auxiliavam e eu também os auxiliava quando podia”.*

A presença de militares de outras religiões e outras nacionalidades foram observadas por C8: *“como pastor fui procurado por militares de diversas religiões. Católicos e espíritas iam aos cultos em ocasiões específicas”.* C7 relata que *“havia evangélicos participando de Missas com o Padre do outro Batalhão, e Católicos que participavam dos cultos conosco. Poucos militares (4 ou 5) de outros países participavam das atividades religiosas”* e C5 e C6 mencionaram a presença e assistência religiosa a militares paraguaios, argentinos, chilenos, etc.

Sobre os estressores observados pelos capelães, que os militares tinham que enfrentar durante a missão, C1 relata *“o tempo passando longe das suas rotinas, as mortes e doenças dos seus queridos, problemas conjugais aumentados no período da missão. Também a convivência no local era notada”*. Nesse sentido, *“havia a visita do capelão a pessoas mais fragilizadas, tais como aquelas que tiveram entes queridos falecidos no Brasil e que enfrentavam outros conflitos, como por exemplo alcoolismo”*. O problema do uso abusivo de álcool está presente no relato de C4: *“problemas familiares que acabavam por influenciar o ânimo dos militares durante a missão; falecimento de parentes que estavam no Brasil; eventuais confrontos com tropas adversas; convívio nos corimecs [alojamentos] que, após certo tempo, em alguns casos, fica insustentável, gerando estresse e busca de compensação, especialmente mediante o uso de álcool”*. C5 também salientou o confronto com grupos armados como evento estressante, *“bandidos que eram muitos no Haiti financiados pelos políticos do próprio País”*. C6 relata que *“havia enfrentamentos com combate real com os grupos paramilitares do Haiti. Isto preocupava muito nossos militares pelo risco real de ser ferido em combate”*.

Para C2, *“o estresse maior viviam entre si, nas barracas sobretudo. Problemas de relacionamento pessoal e outros ligados a problemas percebidos no Brasil, com a família e a pessoa não conseguia resolver (a internet aproximava distantes, e afastava próximos)”*. Perdas dentro do batalhão também foram sentidas: *“fato que muito nos comoveu foi a morte de um soldado nosso, que caiu da viatura. Isso chocou os companheiros e baixou o moral de alguns”*. Nos primórdios da MINUSTAH, C3 presenciou outras situações de perigo, além dos eventos estressantes que permeiam as missões subsequentes: *“o falecimento de algum ente querido no Brasil era algo que angustiava muito o militar envolvido nessa situação (8 casos). As patrulhas em locais violentos, tais como Cité Soleil, também elevava o estresse. Além disso, aqueles que ficavam doentes nas enfermarias ou sofriam algum acidente por conta da dificuldade da primeira missão demandavam maior preocupação dos capelães. Saudades do Brasil, preocupação com a família, dificuldades de comunicação, a sensação do expediente contínuo, tudo isso elevava também o estresse da tropa”*. Em tempos de calma, quando a estabilidade já foi alcançada e deve ser mantida, os estressores internos são mais comuns. Para C7, *“a maior dificuldade sempre foi o tempo fechado dentro dos muros da Base. Esse*

era o fator de maior stress”, e C8 mantém que os maiores estressores foram o “afastamento da família e a convivência por um período prolongado na Base. Penso que para os fuzileiros os horários de patrulha faziam até bem”.

Perguntados sobre como os serviços da capelania militar auxiliavam os militares a lidar com as dificuldades, os capelães enunciaram a importância do contato com o sagrado. Para C1, “a oração, os louvores a Deus abrem a possibilidade de vislumbrar algo melhor que o ambiente da missão e da própria casa. É uma abertura ao Ser supremo, uma forma de deixar ele agir”. O ambiente onde a missão e seus estressores característicos circundavam os militares destacaram-se nas palavras de C3: “nenhum outro local se faz mais necessária a presença de capelães do que em ambientes difusos como este. A incerteza sobre as missões, as dificuldades de toda ordem, o perigo de vida por estar numa missão real, forçava o militar a ter uma perspectiva de vida mais aberta ao apoio religioso. Além disso, por mais planejada que seja uma missão militar, por mais experiente que seja o militar, há sempre uma componente de incerteza que só Deus pode suprir. Eram nestes momentos que entrávamos com a palavra da fé, com a oração pela proteção divina e com a nossa presença junto a eles para infundir o fato de que Deus está conosco nessas circunstâncias bastante adversas”. C5 considera que o auxílio estava “na conduta da verdade, justiça e do amor a exemplo de Jesus pois somos seus seguidores e devemos [nos] portar como Ele se portou diante dos maus”. As atividades religiosas que aglomeravam os militares, para C7 “eram oportunidades para circulação entre as bases, e, acima de tudo, a oportunidade para estar em momento de louvor, adoração e estudo da Palavra de Deus com outras pessoas”.

O contato e vínculo que o capelão estabelecia com os militares também constavam entre os auxílios que a capelania tinha a oferecer. Segundo C2, “eu procurava observar sobretudo aqueles que estavam muito cabisbaixos e distantes. Fazia uma pastoral de aproximação. Andava por todos os ambientes da base, observando. Muitos nos procuravam para conversar, desabafar, pedir conselho, confessar. Nos meses finais houve palestras para todos os militares da base”. C4 sublinha que o auxílio vinha “mediante o diálogo e o acompanhamento dos militares, conversando com seus superiores (Cmt de Cia) para saber sobre a evolução de cada caso e indo ao encontro do militar, ouvindo-o e aconselhando-o, e mediante a

*oportunização [sic] de envolvimento dos mesmos nas atividades religiosas, dentro de seu segmento (a música ajuda muito nesse sentido)”. O objetivo de motivar os militares fez parte das atividades de C6: “nós trabalhamos com o propósito de elevar o moral da tropa. Sendo nas mensagens ou nas bênçãos que ministrávamos antes de saírem as patrulhas. Fizemos um trabalho interdisciplinar, segundo a orientação do nosso comandante”. O apoio terapêutico, na falta do profissional de psicologia, era de alguma forma conduzido por C8: “não havia psicólogo no meu contingente. Assim, além dos ritos religiosos, como capelão, desenvolvi estratégias de prevenção, confrontação e resolução de conflitos, por meio de dinâmicas de grupo”.*

O convívio com práticas religiosas locais em geral era restrito. C2 diz que *“não havia convívio com praticas religiosas locais. Apenas visitamos alguns religiosos locais”*. C3 explica que *“era um convívio restrito por conta dos cuidados com os elementos estranhos que poderiam aproveitar-se da ocasião para infiltrar-se em nosso meio e causar danos, como, por exemplo, o roubo de armas. Mas de um modo geral, as ações eram acompanhadas e veladas, e também bem sucedidas, como foi na concentração religiosa das igrejas evangélicas em Cité Soleil (bairro muito violento), que contou com o nosso apoio e a nossa presença. A segurança do evento, a distribuição de água, a sonorização do culto, a presença do pastor capelão, tudo foi feito com o apoio da Brigada Haiti”*. C6 também apontou o cuidado com a segurança: *“nós não participamos muito com a população em relação às práticas religiosas. Até porque não era possível para nós estar sem garantia de proteção junto à população. Quando havia os atendimentos geralmente era preparado um forte esquema de segurança. Havia um sacerdote católico haitiano que nos visitava e algumas vezes presidiu a missa em nossa base”*.

O capelão C4 esteve somente em contato com igrejas católicas locais, *“bastante jovem e viva”* em suas palavras. Já o capelão evangélico C7 diz que *“apenas prestamos institucionalmente (era ação de todo o Batalhão, com autorização e participação do Comando) assistência material a um Orfanato pertencente a uma Igreja Evangélica do Haiti”*. Não houve muito contato com práticas religiosas peculiares do Haiti, notadamente o vodu. C1 comenta que *“não vimos adversidades religiosas, mas observávamos as formas curiosas de certas práticas religiosas, como o vodu”*. Segundo C4, *“o sincretismo religioso ainda existe, mas depois do terremoto o Vodu caiu em descrédito, especialmente na capital”*.

Sobre as particularidades dos serviços religiosos da capelania militar praticados nas missões de paz em comparação com os realizados no Brasil, o depoimento de C2 revela que *“na missão, a gente se entrega todos os dias. A função do capelão é plenamente exigida e possível de ser realizada. Há real apoio e valorização ao trabalho do capelão. No Brasil, nem sempre há possibilidade de exercer a função específica do capelão, nem sempre há apoio e valorização do mesmo (...). No Brasil, muito [capelão] tem paróquia e ficam ligados apenas a ela, esquecendo-se das demais unidades ou prestando-lhe pouca atenção. Na missão não é assim. Somos itinerantes. O capelão não para”*. Para C3, *“a particularidade mais evidente é o fato de que numa situação real, com risco de vida, o afastamento da família, e os perigos de morrer longe de casa, faz com que os militares fiquem mais susceptíveis ao aspecto espiritual. A própria dificuldade eleva a necessidade do apoio religioso e o faz ser mais presente no decorrer da missão. Logo que chegamos ao Haiti, em junho de 2004, um militar da Marinha do Brasil morreu no Navio Matoso Maia. Na despedida do seu corpo para o Brasil, durante a cerimônia que aconteceu no Aeroporto, pude observar como esse aspecto impactou os militares que lá ficaram”*. Já para C6 *“o serviço é o mesmo. Porém cabe ressaltar que na Missão de Paz, há situações bem próprias, tais como: maior stress provocado pela distância da família, a falta de liberdade física, ficar muito tempo dentro da base. Todos foram fatores estressantes. O serviço de assistência religiosa procurou atender e responder às necessidades dos militares a partir destas situações”*. Esta visão também é compartilhada por C7: *“como os militares estão 24 horas dentro de um ambiente militar, a participação nas atividades religiosas é maior e, além do aspecto religioso, transforma-se em um importante momento de interação social”*. A busca maior pelo serviço religioso foi notada por C1 através de *“uma forte procura pelo assistente espiritual, um desejo aumentado de saber seguir adiante dentro da distância, da solidão, dos problemas etc. Mas quando ‘o sapato não apertava’ as práticas religiosas diminuía em alguns militares”*.



## 7. ANÁLISE DOS DADOS

### A. Perfil das amostras, EMEP E CRE

A média de idade dos participantes foi similar nos dois contingentes (entre 27 e 28 anos), sendo a maioria solteira (53,2% no contingente 15 e 54,6% no contingente 19) e provenientes do estado de São Paulo (50,4% no contingente 15 e 60,6% no contingente 19). A maior parte possui ensino médio completo (58,7% no contingente 15 e 48,8% no contingente 19) e as patentes mais frequentes são compostas por cabos e soldados (47,2% no contingente 15 e 58,5% no contingente 19).

A respeito das dificuldades percebidas pelo contingente 19, o distanciamento das relações familiares e sociais correspondeu ao grau “difícil” por 34% da amostra, enquanto que 25,6% disseram ser “pouco difícil” deixar a família e amigos no Brasil. Já o convívio com outros militares durante a missão (sejam estes companheiros do mesmo nível hierárquico, subalternos ou superiores), foi considerado “pouco difícil” por 34% da amostra e “mais ou menos difícil” por 31%. O estresse da missão em si teve 37% de respostas “pouco difícil” e 32,3% consideraram “mais ou menos difícil” as missões desempenhadas no Haiti.

A dimensão religiosa dos militares evidenciou que a maioria segue o catolicismo (59,5% no contingente 15 e 50% no contingente 19). Em seguida veio o grupo pertencente ao cristianismo pentecostal, com 23% no contingente 15 e 30,8% no contingente 19. As demais religiões e os que se declararam não pertencer a nenhuma religião ou que eram ateus corresponderam a 17,3% da amostra do contingente 15 e a 19,3% do contingente 19. Já a frequência a instituições religiosas demonstrou ser mais heterogênea entre os dois contingentes, onde os que vão de uma vez a mais de uma vez por semana a um templo religioso no contingente 15 respondem por 51% da amostra, enquanto que no contingente 19 esta periodicidade alcança 40%. A proporção dos que nunca frequentam é de 6% no contingente 15 e de 10% no contingente 19.

Outra diferença encontrada na vida religiosa está relacionada à capelania militar. Duas perguntas buscaram compreender a participação e busca dos serviços

religiosos da capelania militar no Brasil e durante a missão no Haiti. A variável “Capelania Militar no Brasil” refere-se à pergunta se o militar tem costume de utilizar os serviços religiosos do SAREx em território brasileiro, e a variável “Capelania MINUSTAH” se o participante utilizou os serviços da capelania durante a missão de paz. Mesmo que haja uma busca proporcionalmente similar pelos serviços religiosos no Brasil nos dois contingentes, a busca durante a missão aumentou no contingente 15 em relação ao 19, isso porque no contingente 15 havia dois capelães (um católico e outro evangélico) e no 19 somente o capelão católico. Apesar de que os serviços religiosos como cultos de outras denominações religiosas foram ministrados por outros militares não-capelães, a figura do capelão militar ocupa um papel exclusivo na prestação desses serviços, não sendo possível a outro militar, que já ocupa sua função específica no BRABAT, estar disponível todo o tempo para atendimento religioso aos militares que procuravam auxílio espiritual fora dos eventos coletivos. Porém, deve-se atentar ao fato de que pela variável da frequência a templos, o perfil religioso do contingente 15 costuma ir mais vezes a locais de culto do que os militares do contingente 19, com 50% da amostra do contingente 15 que frequenta algum templo pelo menos uma vez por semana, contra 40% da amostra do contingente 19 que frequenta pelo mesmo período.

Em todo caso, a procura pelos serviços religiosos durante a missão aumentou nos dois contingentes em comparação ao que havia no Brasil. Podemos considerar que parte dos militares no Brasil tinha suas congregações próprias que frequentavam no meio civil, continuando a busca pelo apoio espiritual na capelania militar no Haiti. Outro ponto a ser considerado, é que alguns militares possam ter procurado os serviços religiosos devido às dificuldades encontradas na missão.

Segundo a percepção da importância da religião no enfrentamento de problemas avaliada no contingente 19, tanto em relação a problemas cotidianos quanto a problemas graves a religião foi percebida como muito importante.

Pelas escalas aplicadas, observamos que a somatória das amostras revelou que a média dos escores da EMEP aponta como modo de enfrentamento mais empregado o focado no problema, com manutenção de uma percepção positiva frente às dificuldades. Os itens desse fator “representam condutas de aproximação em relação ao estressor, desempenhadas pelo indivíduo, no sentido de solucionar o problema, lidar ou manejar a situação estressora” (Seidl, Tróccoli & Zannon, 2001, p.

229). Em seguida o modo de busca de suporte social em que o indivíduo procura informações e instrumentos do meio social para lidar com o problema ou mesmo conforto emocional com outras pessoas. Em terceiro o modo comporta atitudes de enfrentamento através da religião ou do pensamento fantasioso, aglomerando tanto práticas espirituais (como orações e apego à fé) quanto pensamentos de esquiva e fuga. Sendo assim, há elementos deste fator que se aproximam do *coping* religioso tanto positivo quanto negativo, focado no problema ou na emoção, embora não abarque toda a variabilidade do enfrentamento religioso contido na CRE-Breve. Por fim, o último fator mais utilizado foi o focado na emoção, abarcando estratégias cognitivas e comportamentais com função paliativa e de afastamento do estressor.

Já na escala CRE-Breve, a média de CRE TOTAL (3,69) é considerada alta, de acordo com parâmetro estipulado por Panzini (2004). Os fatores positivos se sobrepõem aos negativos (média=2,96 de CREP contra média=1,57 de CREN). O fator P4 (Posicionamento positivo frente a Deus) foi a estratégia de *coping* religioso mais utilizada, com itens que buscam apoio divino e atitudes auto-diretivas. Nesse caso, há tanto o cuidado em o indivíduo agir por si quanto em contar com o apoio de Deus. Não há uma noção de abandono divino, pois se presume que em situações controláveis o indivíduo possa agir sem intervenção divina. Porém, o estilo auto-diretivo de *coping* é um construto multidimensional (Phillips III et al., 2004), segundo o qual situações de pouco controle individual favorecem o surgimento de efeitos negativos decorrentes de uma ineficiência pessoal. Neste fator, entretanto, está incluído o apoio divino, como se a proteção de Deus estivesse à disposição em situações que o indivíduo não consegue por si resolver.

Em seguida o fator P3 (Oferta de ajuda ao outro) engloba estratégias de ação social tais como atividades voluntárias e trabalhos de caridade e também provimento de ajuda religiosa, como orar pelo bem-estar alheio e proporcionar conforto espiritual. O terceiro fator de *coping* religioso que obteve maior média é o fator P6 (Afastamento através de Deus/religião/espiritualidade), podendo ser incorporada às estratégias focadas na emoção em busca de alívio, após o indivíduo ter feito o que podia em relação ao problema enfrentado. Não houve esquiva do problema, mas a busca de redenção quando os recursos direcionados à sua resolução não foram suficientes.

O fator P1 (Transformação de si) envolve redirecionamento para o caminho divino, a busca por um novo propósito espiritual de vida, reconsideração de atitudes prévias para um re-despertar com Deus, busca de perdão e reavaliação da dificuldade como forma de aproximação com o sagrado. Cabem aqui processos de conversão e expiação, purgação dos pecados e a ressignificação do sentido. O quarto fator mais empregado foi P5 (Ações em busca do outro institucional), com estratégias de ida ao templo religioso, a realização de atividades religiosas (confissão, sinal da cruz, citação de provérbios), participação em festividades ou eventos religiosos. Em seguida o fator P7 (Busca de conhecimento espiritual) refere-se a “todo comportamento de *coping* religioso espiritual no qual a pessoa procura por um maior conhecimento religioso-espiritual” (Panzini, 2004, p. 102), como por exemplo leitura bíblica.

Os dois fatores de *coping* mais frequentes que vieram em seguida foram negativos. N2 (Posicionamento negativo frente a Deus) descreve “todo comportamento de *coping* religioso espiritual no qual a pessoa pede ou simplesmente espera que Deus tome o controle da situação e se responsabilize por resolvê-la, sem a sua participação individual” (Ibidem, p. 105), enfatizando o estilo de *coping* delegante. N4 (Reavaliação negativa do significado) já atribui a causalidade das dificuldades e do transtorno a alguma entidade ou força maléfica que atua para prejudicar o indivíduo ou o tenta para afastá-lo de Deus. Também inclui percepções punitivas de Deus. Os demais fatores (P2, N3 e N1) serão explorados quando surgirem em outros achados estatísticos e significantes da pesquisa.

A comparação entre os círculos de praças e oficiais mostrou diferenças nos dois contingentes e no total das amostras. Os oficiais do contingente 19 utilizaram mais modos de enfrentamento de apoio social do que as praças. Nos dois contingentes as praças usavam mais fatores de *coping* religioso negativo. Enquanto que a diferença nos fatores do contingente 15 foi maior em P1, no contingente 19 foi em N2 (em ambos, as praças fizeram mais uso desses fatores que os oficiais). Na amostra como um todo, fator de EMEP com diferença significativa passa a ser o de enfrentamento focado na emoção (média mais alta entre oficiais), enquanto que os fatores de *coping* religioso que diferem significativamente são todos os negativos, além de P1 e P4 (maior frequência nas praças). Podemos observar que as praças

fazem mais uso de estratégias negativas de *coping* religioso como um todo, mas diferem na situação em que cada contingente viveu no contexto específico de sua missão. Se formos verificar a filiação religiosa entre as patentes, teremos a seguinte distribuição (TABELA 45):

TABELA 45: Distribuição de filiação religiosa por patente

		Oficial		Praça	
		N	%	N	%
Cont.15	Afro-brasileira	0	0,0%	1	1,1%
	Catolicismo	14	58,3%	57	64,0%
	Cristianismo Pentecostal	3	12,5%	25	28,1%
	Espírita kardecista	3	12,5%	2	2,2%
	Protestantismo Histórico	4	16,7%	4	4,5%
Cont.19	Catolicismo	11	50,0%	54	50,0%
	Cristianismo Pentecostal	2	9,1%	38	35,2%
	Espírita kardecista	3	13,6%	1	0,9%
	Outra	4	18,2%	9	8,3%
Todos	Protestantismo Histórico	2	9,1%	6	5,6%
	Afro-brasileira	0	0,0%	1	0,5%
	Catolicismo	25	54,3%	111	56,3%
	Cristianismo Pentecostal	5	10,9%	63	32,0%
	Espírita kardecista	6	13,0%	3	1,5%
	Outra	4	8,7%	9	4,6%
	Protestantismo Histórico	6	13,0%	10	5,1%

Observamos que há maior número de evangélicos pentecostais entre praças do que entre católicos. Como será analisado posteriormente, este dado pode explicar em parte as diferenças de *coping* religioso encontradas entre oficiais e praças.

Surpreende o fato de que os oficiais façam mais uso de *coping* focado na emoção do que as praças quando as duas amostras são aglomeradas, mas é importante considerar que esta diferenciação é estatisticamente manifesta justamente por essa reunião de dados nos dois contingentes, quando na verdade cada contingente vivenciou outra configuração de enfrentamento com diferença notável somente no contingente 19, e que no caso foi maior o uso do modo de apoio social por parte dos oficiais na EMEP. Em todo caso, não se deve desconsiderar esse dado do modo de enfrentamento focado na emoção quando já havia uma maior média averiguada entre oficiais nos dois contingentes, mas ainda sem significância estatística; o que sublinha a complexidade relacionada ao contexto de cada missão

e a formação, atribuições e aspirações das patentes militares. Cabe notar que o círculo de militares possui nível de escolaridade maior do que a de praças, corroborando o dado levantado por Seidl, Tróccoli e Zannon (2004) que a escolaridade não influi no modo de enfrentamento focado na emoção.

Na comparação entre religiões catolicismo e cristianismo pentecostal, nos dois contingentes o modo de enfrentamento religioso é maior entre evangélicos do que entre católicos pela EMEP. Mais ainda, o modo de enfrentamento religioso é o segundo mais utilizado entre evangélicos (atrás apenas do modo de enfrentamento focado no problema), enquanto que nos católicos o fator religioso vem em seguida ao modo de enfrentamento focado no problema e ao modo de apoio social.

Na escala CRE-Breve, o contingente 15 apresentou diferenças significativas do grupo pertencente ao cristianismo pentecostal entre os escores de CREP, CREN e Razão CREN/CREP, enquanto que no 19 os evangélicos também salientaram as estratégias tanto positivas quanto negativas mas sem diferença significativa na Razão CREN/CREP.

Os fatores de CRE P1, P7, N2 e N4 do contingente 15 foram mais significativos entre os evangélicos em comparação aos católicos, enquanto que no 19 foram significativos estatisticamente os fatores P1, P4, P6, P7, N2 e N4. Unindo as duas amostras, os fatores que mais se destacaram no cristianismo pentecostal em comparação ao catolicismo foram P1, P4, P6, P7, N1, N2, N3 e N4.

Em comum a essas três análises (contingente 15, contingente 19 e total das amostras) tivemos os fatores de CRE P1, P7, N2 e N4 com maior utilização entre evangélicos, com  $p < 0,001$  ao unir os dois contingentes. Utilizaremos agora a regressão logística, que serve para tentarmos através dos dados observados, prever a probabilidade de ocorrência da variável de interesse (variável independente). Tentaremos criar um modelo que possa prever (“prever”) a probabilidade de uma pessoa ser católica e outro modelo para prever a probabilidade de uma pessoa ser evangélica, com base nos resultados do EMEP e dos fatores do CRE.

A seguir temos os coeficientes do modelo de regressão para a probabilidade de uma pessoa ser católica (TABELA 46):

Tabela 46: Coeficientes do Modelo de Regressão Logística para Católica

Fatores	Coeficiente	P-valor	Odds Ratio
Constante	1,840	0,253	
(A) PROBL	-0,605	0,072	0,55 (0,28 a 1,05)
(B) EMOC	0,022	0,949	1,02 (0,52 a 1,99)
(C) RELIG	0,356	0,299	1,43 (0,73 a 2,8)
(D) SOCIAL	0,217	0,270	1,24 (0,85 a 1,83)
(E) P1trans	-0,356	0,263	0,70 (0,38 a 1,31)
(F) P2ajesp	1,159	<0,001	3,19 (1,76 a 5,76)
(G) P3ajout	0,159	0,559	1,17 (0,69 a 2)
(H) P4posit	0,077	0,798	1,08 (0,6 a 1,95)
(I) P5oinst	0,186	0,421	1,20 (0,77 a 1,9)
(J) P6afast	0,300	0,156	1,35 (0,89 a 2,04)
(K) P7bconh	-1,047	<0,001	0,35 (0,21 a 0,6)
(L) N1deus	-0,263	0,591	0,77 (0,29 a 2,01)
(M) N2negat	-0,545	0,017	0,58 (0,37 a 0,91)
(N) N3insti	0,607	0,120	1,83 (0,85 a 3,94)
(O) N4signi	-0,831	<0,001	0,44 (0,28 a 0,68)

A seguir nós temos que verificar o quão bom é o modelo, ou seja, verificar a sua aderência. Isso quer dizer que iremos testar o modelo para ver se ele consegue identificar (predizer) a probabilidade do sujeito ser católico (TABELA 47).

Tabela 47: Testes de Aderência do Modelo de Regressão Logística (Católico)

Método	P-valor
Pearson	0,220
Deviance	0,108
Hosmer-Lemeshow	0,549

Verificamos que o modelo é bom, pois nos três testes que realizamos para medir a aderência, nós não encontramos significância e por isso consideramos que o modelo é bom e possui boa aderência (aceitamos a hipótese de que é aderente o modelo).

Existe outra forma de medirmos a qualidade do modelo. Nós aplicamos o modelo nos dados originais e com isso verificamos o percentual de resultados concordantes e discordantes (TABELA 48).

Tabela 48: Testes de Aplicação do Modelo de Regressão Logística (Católico)

<b>Pares</b>	<b>Percentual</b>
Concordante	81,0%
Discordante	18,8%
Empates	0,2%

Averiguamos que ao aplicarmos o modelo nos dados originais, nós tivemos um percentual de concordância nos resultados de 81,0%, ou seja, um percentual alto que mostra de outra forma que o modelo é bom e bem aderente.

Por fim, nós vamos analisar o resultado que obtemos na regressão logística que é o que chamamos de Odds Ratio (razão de Chances), mostrado na tabela 1. O Odds Ratios a chance de se observar casos expostos ao fator de risco sobre a chance de se observar controles expostos ao fator de risco. Se a exposição ao fator de risco for a mesma para casos e controles, o odds ratio vale 1.

Concluimos que o modelo é bom, pois tem boa aderência e também um bom percentual de resultados concordantes. Mas se quisermos simplificar o modelo, existem somente quatro variáveis com significância no modelo, ou seja, que seus coeficientes são estatisticamente diferentes de zero e que elas auxiliam muito na explicação de uma pessoa ser católica, são elas: P2, P7, N2 e N4. Notamos que somente P2 teve coeficientes positivo, ou seja, contribui para positivamente para a probabilidade de uma pessoa ser católica. No caso, o fator P2 diz sobre ações em busca de ajuda espiritual, que converge itens referentes à procura de tratamentos espirituais, passe energético, orientação através de entidades espirituais. Estas práticas estão mais ligadas ao arcabouço de uma religiosidade sincrética, próxima de um catolicismo popular, onde há intervenção de outras entidades e de rituais alheias à tradição cristã. Porém, vale lembrar que o neopentecostalismo possui práticas similares, embora com outros objetivos (em vez de chamar entidades para ajudar, as expulsa do corpo do fiel).

A seguir nós vamos fazer outro modelo, mas agora para prever a probabilidade de uma pessoa ser evangélica. Abaixo temos os coeficientes do modelo de regressão (TABELA 49)



Tabela 49: Coeficientes do Modelo de Regressão Logística para Evangélica

Fatores	Coeficiente	P-valor	Odds Ratio
Constante	-6,594	0,004	
(A) PROBL	-0,071	0,856	0,93 (0,43 a 2,01)
(B) EMOC	0,122	0,761	1,13 (0,51 a 2,48)
(C) RELIG	-0,444	0,254	0,64 (0,3 a 1,38)
(D) SOCIAL	-0,341	0,141	0,71 (0,45 a 1,12)
(E) P1trans	0,291	0,448	1,34 (0,63 a 2,84)
(F) P2ajesp	-1,055	0,001	0,35 (0,18 a 0,66)
(G) P3ajout	-0,610	0,062	0,54 (0,29 a 1,03)
(H) P4posit	1,340	0,007	3,82 (1,45 a 10,08)
(I) P5oinst	0,375	0,166	1,46 (0,86 a 2,47)
(J) P6afast	-0,427	0,085	0,65 (0,4 a 1,06)
(K) P7bconh	0,437	0,125	1,55 (0,89 a 2,7)
(L) N1deus	1,066	0,059	2,90 (0,96 a 8,79)
(M) N2negat	0,912	<0,001	2,49 (1,51 a 4,1)
(N) N3insti	-0,351	0,436	0,70 (0,29 a 1,7)
(O) N4signi	0,918	<0,001	2,51 (1,54 a 4,09)

O teste de aderência do modelo segue na TABELA 50:

Tabela 50: Testes de Aderência do Modelo de Regressão Logística (Evangélico)

Método	P-valor
Pearson	0,711
Deviance	0,919
Hosmer-Lemeshow	0,273

Verificamos que o modelo é bom, pois nos três testes que realizamos para medir a aderência, nós não encontramos. O percentual de resultados concordantes e discordantes são mostrados na TABELA 51:

Tabela 51: Testes de Aplicação do Modelo de Regressão Logística (Evangélico)

Pares	Percentual
Concordante	86,1%
Discordante	13,7%
Empates	0,3%

Averiguamos que ao aplicarmos o modelo nos dados originais, nós tivemos um percentual de concordância nos resultados de 86,1%, ou seja, um percentual alto que mostra de outra forma que o modelo é bom e bem aderente.

Verificamos que o modelo também é bom. As quatro variáveis com significância no modelo e que elas auxiliam muito na explicação de uma pessoa ser

evangélica, são: P2 (coeficiente negativo), P4, N2 e N4. Concluímos pela análise de regressão logística que são esses fatores que mais “predizem” se uma pessoa for católica ou evangélica, de acordo com o próprio sentido dos itens da escala CRE-Breve que mais se aproximam de determinadas práticas de enfrentamento prováveis de cada religião.

Podemos salientar que o grupo evangélico, pela importância verificada na EMEP dada à religião e pela preponderância dela em todos os fatores que apresentaram diferenças significativas, manifesta uma religiosidade intensa em comparação ao grupo católico, tanto nos fatores positivos quanto nos negativos. Em estudo realizado sobre enfrentamento religioso de homens portadores de HIV, houve também diferença nos fatores de P1, P5, P7, N2 e N4 de evangélicos em relação a católicos (Mellagi, 2009). Observamos que também há uma maior intensidade nos fatores entre evangélicos, ainda que a situação sob a qual os indivíduos se encontram sob estresse e o perfil da amostra demonstrem certas particularidades.

## B. CAPELÃES MILITARES

O serviço religioso prestado nas missões de paz caracterizam-se por ampla variedade de práticas coordenadas pelos capelães militares. Havia desde as celebrações litúrgicas (missas e cultos) até atividades humanitárias e recreativas, adaptadas ao momento que se encontrava a missão do contingente do referido capelão. Nos primeiros contingentes, as reuniões e locais de celebração eram improvisados ou realizados em instalações provisórias como barracas. Muitos exerciam suas atividades de maneira itinerante, deslocando-se em diversas companhias, visitando enfermos, participando de organizações e entidades do meio civil, cooperando com atividades CIMIC. Muitos não se limitavam a ministrar missas ou cultos, mas também prestavam auxílio religioso, faziam palestras e dinâmicas motivacionais, davam suporte a quem passava por algum tipo de sofrimento.

No geral, os capelães brasileiros mantinham contato com capelães de outras nacionalidades, assim como a prestação de serviços religiosos a militares estrangeiros em algumas ocasiões. O trânsito inter-religioso (pessoas de determinada religião que assistiam a alguma celebração de uma religião diferente) também esteve presente em alguns relatos.

Os estressores observados em comum pelos capelães durante as missões de paz foram o afastamento da família e o convívio prolongado com companheiros de farda, além da rotina absorvida todo o tempo no ambiente organizacional. Perdas como falecimento de familiar ou de pessoas importantes que ficaram no Brasil foram mencionadas nos relatos, exigindo uma atuação por parte do capelão nesses momentos de crise. Era frequente também o uso de bebida alcóolica para amenizar os estressores, como relatado por alguns capelães. Outros estressores relatados surgiam de acordo com o momento de instabilidade no Haiti, como nos períodos de maior confronto contra grupos armados ou patrulhas em bairros onde a segurança era frágil. Também incidentes como morte de companheiros impactavam sobremaneira a tropa.

O auxílio espiritual prestado atua diretamente nos ambientes de incerteza e insegurança. Diante da adversidade, os capelães consideram que a fé na proteção divina possa transcender os sofrimentos presentes, como se enfim o indivíduo encontrasse um terreno estável onde pudesse se apoiar. Este espaço era preenchido pela propagação da mensagem divina, por louvores e atualização do mito. Aqui entendemos o mito enquanto história sagrada (por exemplo, recontar passagens da vida de Jesus no Novo Testamento). Na acepção de Mircea Eliade, uma vez revelado, “o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta” (Eliade, 1957/1995, p. 84).

O vínculo que o capelão estabelecia com os militares também se evidencia no auxílio prestado, uma vez que sua figura foi receptora de muitas angústias que os indivíduos tinham necessidade de relatar. Trabalhos motivacionais e palestras tinham função de agir sobre o clima organizacional dos contingentes onde atuavam os capelães. Relatou-se também o auxílio espiritual prestado a militares enfermos ou baixados em estabelecimentos de saúde.

O relacionamento com entidades religiosas locais limitavam-se a alguns eventos previamente organizados, sem muito contato com práticas religiosas nativas, como o vodu. Em geral, entidades filantrópicas ou igrejas locais representadas por algum sacerdote haitiano foram citadas em algumas atividades em conjunto.

A singularidade das atividades religiosas desempenhadas numa missão de paz em comparação às que são realizadas no Brasil relaciona-se com as situações que também são geradoras de estresse. A distância da família, o perigo da missão e a rotina prolongada num ambiente militar, fazem com que o capelão esteja à disposição 24 horas a todo e qualquer evento que acometa o bem-estar dos militares. O capelão não restringe sua área de atuação na sua capela, mas percorre diferentes ambientes onde os demais militares exercem suas atividades. Além disso, há a percepção por parte de alguns capelães na maior procura das pessoas pelos serviços religiosos em momentos de dificuldade.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de enfrentamento ao estresse nas operações de manutenção da paz está vinculado aos recursos e ao sistema de orientação do indivíduo, aos estressores específicos deste tipo de missão, ao meio institucional da ONU e das Forças Armadas (referente às regras e ao aquartelamento que abriga os *peacekeepers*), e à situação sócio-política do país onde os militares operam. Sintetizando a atuação do militar neste tipo de missão, “o *peacekeeper* opera na intersecção entre objetivos políticos, humanitários e militares” (Weisaeth, 2003, p. 211). O processo de *coping* mantém sua finalidade primordial: buscar sentido/significância diante das situações de crise.

Os principais estressores em missões de paz englobam o distanciamento dos vínculos familiares e sociais que perdura ao longo da missão, concomitante com o convívio continuado com o pessoal de serviço; os riscos inerentes à missão, o regulamento institucional, a infraestrutura das acomodações; a diferença cultural, o impacto diante de uma realidade social desconhecida que muitas vezes é intensificada pela percepção de extrema escassez da população; e, por fim, a adequação das expectativas e motivações com o que é de fato conquistado pelos militares, uma vez que há um propósito pessoal no comprometimento com a missão que pode ser realizado ou frustrado. Cada um procura atingir seus objetivos ao se voluntariar à missão, e “a resposta à pergunta do que leva alguns membros de serviço extraírem benefícios de sua participação em operações de paz, enquanto outros podem vivenciar uma série de consequências negativas, está no sentido que os militares atribuem à sua participação na operação de manutenção da paz” (Britt, 2003, p. 83). A própria motivação do *peacekeeper* à missão está atrelada ao sentido que também encontra sua validade no grupo social maior, uma vez que “se a missão faz sentido e confirma suas próprias concepções, se os membros de seus grupos de referência mais importantes (família, amigos, companhia, pelotão, etc) compartilham este sentido e se a sociedade em grande parte apoia a operação, a motivação e a performance serão altas” (Franke, 2003, p. 39). Diante do que foi exposto, abordaremos como os contingentes do BRABAT 15 e 19 lidaram com os estressores e a construção de sentido e como os capelães militares percebiam o enfrentamento religioso no ambiente das missões de paz.

A intensidade da dificuldade dos estressores percebida pelos militares do BRABAT 19 foi verificada como “Difícil” ou “Muito difícil” por 47,3% da amostra em relação ao afastamento familiar e social, 17,7% em relação à missão em si e 16,3% em relação ao estresse de convívio. Embora nos dois contingentes não haja relatos de estressores traumáticos, como catástrofes naturais ou confrontos letais com grupos armados, no geral os estressores ligados a aborrecimentos crônicos foram mais sentidos conforme sua ampliação na evolução da missão. Os relatos dos capelães confirmam a presença desses estressores em diferentes contingentes, havendo proeminência de um ou outro, conforme a particularidade da missão e o surgimento de eventos singulares (morte de um companheiro de farda, maior instabilidade na segurança das operações). O terremoto de 12 de janeiro de 2010 é um fato que não pode ser desconsiderado entre os militares que participaram daquele contingente (no caso, o BRABAT 11), que pode ter desenvolvido alguns sintomas mais característicos de TEPT nos indivíduos mais vulneráveis, além de trazer mais um elemento de incerteza nos contingentes posteriores.

Os militares nos dois contingentes fazem mais uso de modos de enfrentamento focados no problema, seguido por busca de apoio social, religião e focados na emoção. Porém, observou-se que apesar da diferença de médias, a diferença é pequena entre os que buscam apoio social e/ou religioso. Vale lembrar que a religião permeia todos os outros modos de enfrentamento, uma vez que estratégias de *coping* religioso podem ser focadas no problema, na emoção ou contar com o apoio social congregacional. O que torna o *coping* exclusivamente religioso é a presença do sagrado tanto nas ações quanto nos sentidos que são conservados ou transformados no processo de enfrentamento. Assim, o *coping* religioso pode tanto dar sentido sagrado a um problema quanto dar confiança às ações de enfrentamento, pode aliviar um desconforto emocional através de uma “fuga” espiritual ou disponibilizar apoio social dentro da comunidade religiosa.

A religião na cultura contemporânea está entre outras dimensões de significância geradoras de signos, que oferecem a roupagem ou a essência de um sentido construído pelo indivíduo, que tanto pode conseguir quanto falhar na conciliação de sentidos seculares e sagrados. O valor de sentidos que transitam no trabalho ou nas relações afetivas, na arte, na política ou na ciência, concorre com o valor dos sentidos fornecidos pelas religiões. A religião não deixa de, quando

incorporada e valorizada, fornecer as diretrizes para a construção de um sentido a uma situação de sofrimento, além de prover os recursos disponíveis a enfrentá-la. Mesmo assim, a pessoa religiosa dispõe de outros meios dessacralizados que servem às estratégias de enfrentamento a determinados problemas. E nada impede que recursos religiosos irrompam entre indivíduos que não têm a hegemonia da religião nos seus sistemas de orientação. O que leva o indivíduo a lançar mão de um  *coping*  religioso ou não religioso dependerá das circunstâncias onde se encontram a situação de estresse e sua perspectiva em relação aos recursos religiosos.

Em relação ao enfrentamento religioso, os fatores preponderantes foram em geral mais positivos do que negativos. Os recursos religiosos disponíveis aos militares em missão de paz estavam institucionalmente centrados nas ações do capelão militar, além de outros militares que coordenavam as atividades de outras denominações religiosas. O serviço de assistência religiosa ofertou na medida do possível os mesmos recursos institucionais das igrejas no Brasil, adaptados à realidade da missão. Como observado tanto no relato dos capelães quanto nos dados sobre estresse e enfrentamento, as práticas espirituais buscavam atuar sobre os estressores específicos das missões de paz, principalmente os que envolvem o afastamento social e familiar, o relacionamento interpessoal nas companhias do batalhão, a infraestrutura das instalações, os riscos da missão, as condições climáticas e estrutura urbana de Porto Príncipe (principalmente em relação ao trânsito caótico), a restrição de liberdade. Também a perda de parentes ou amigos no Brasil por morte é uma constante em todos os contingentes, devendo o militar elaborar seu luto ainda no decorrer da missão. Os capelães agiam não somente nos horários e espaços dedicados à celebração religiosa, mas atendiam ao pessoal de serviço acometido por eventos graves na urgência necessária e no local disponível. Destaca-se o trabalho que era realizado muitas vezes em conjunto com o psicólogo de cada batalhão, que por sua vez também era assessorado por levantamentos de avaliações de clima organizacional realizadas pelo DOP (Destacamento de Operações Psicológicas). Manter a motivação e o bem-estar da tropa foram objetivos organizacionais básicos perseguidos pelo capelão, psicólogo, equipe de saúde e DOP.

Os três fatores de  *coping*  religioso mais utilizados foram de posicionamento positivo frente a Deus, oferta de ajuda ao outro e afastamento através de Deus. As

práticas religiosas de enfrentamento não se limitam ao ambiente institucional das capelas e congregações, mas os recursos próprios das pessoas e sua busca pessoal pelo que é significativo assinam o modo particular de enfrentamento de cada um pela religião, ou melhor dizendo, pela relação do indivíduo com sua espiritualidade. Na definição de Pargament (1999), a religião é a busca de significância de maneiras relacionadas com o sagrado abrangendo o individual e o institucional, enquanto que a espiritualidade é a busca pelo sagrado. Este conceito dinâmico pressupõe a ação do indivíduo nessa busca, um propósito inerente que tanto podem ser objetos de significância quanto o sagrado em si. Nem todas as buscas são religiosas, mas o que as torna religiosas é o envolvimento do sagrado na busca por significância (Pargament, Magyar-Russel & Murray-Swank, 2005). A presença do sagrado foi pontuada em alguns relatos dos capelães, como em C1: *“a oração, os louvores a Deus abrem a possibilidade de vislumbrar algo melhor que o ambiente da missão e da própria casa. É uma abertura ao Ser supremo, uma forma de deixar ele agir”*.

As diferenças entre os grupos católicos e evangélicos pentecostais foi significativa nos modos de enfrentamento e nos fatores de *coping* religioso. Além de haver diferença estatística em relação a católicos, os evangélicos utilizam mais o modo de enfrentamento religioso do que o modo de apoio social pela EMEP.

Os fatores que obtiveram maior diferença estatística variavam conforme a análise das amostras, sendo alguns mais salientes no contingente 15 do que no contingente 19 (escore de Razão CREN/CREP), outros que mais se sobressaíram no contingente 19 em relação ao 15 (P4: Afastamento positivo frente a Deus e P6: Afastamento através de Deus, religião e/ou espiritualidade). A análise das duas amostras conjuntas evidenciou diferenças significativas nos fatores positivos P1, P4, P6 e P7 e em todos os fatores negativos, com maior uso entre evangélicos. Enfatiza-se, portanto, o caráter circunstancial do processo de *coping*, pois “a chave do enfrentamento reside não em crenças ou práticas particulares, mas na integração das dimensões psicológica, social e situacional que modelam o processo de *coping*” (Pargament, 1997, p. 358). Contudo, não podemos rejeitar a influência das diferentes religiões com significados e práticas distintas que também modelam no nível cultural o processo de *coping*. Todo indivíduo que agrega o sagrado ao seu sistema de orientação, pode vir de uma tradição religiosa que lhe empresta desde



muito cedo os símbolos e práticas que servirão ao processo de *coping*, ou então busca por entre variadas denominações religiosas as que mais ganham importância e afinidade na construção de um sentido global. Uma religião específica oferece uma moldura de representações, símbolos e práticas consagradas que o indivíduo pode utilizar para perceber e avaliar determinado evento estressor, recuperar recursos de enfrentamento exclusivos de um repertório religioso peculiar e alcançar objetos de significância adequados a alguma tradição ou expressão moderna religiosa. A inter-relação entre o individual e o institucional faz parte da definição de Pargament que compreende o fenômeno religioso, o qual não está desvincilhado da espiritualidade, também inserida na cultura.

Para delimitar a análise, focaremos apenas nos fatores em comum que apresentaram diferença significativa em cada contingente e nas duas amostras combinadas. Vale apontar que na última forma de análise de amostras combinadas, as diferenças entre católicos e evangélicos obtiveram  $p < 0,001$ . Dessa forma, destacam-se os fatores P1, P7, N2 e N4, todos de maior uso entre evangélicos pentecostais e neopentecostais.

O fator P1 (Transformação de Si) está presente em situações de muitos que abraçaram a religião evangélica pela conversão ou por alguma reorientação na vida pessoal, onde os testemunhos de fé reatualizam o poder de transformação divino. Pode abranger mudanças de sentido global e transformação da significância. Dado o período relativamente recente na sociedade brasileira do surgimento e proliferação das igrejas neopentecostais, sua adesão em boa parte se dá pela transformação de uma tradição anterior (seja católica ou mesmo protestante, além de outras vertentes religiosas) para um novo ramo da matriz cristã.

O fator P7 (Busca Pessoal de Conhecimento Pessoal) enfatiza o aspecto predominante da palavra divina expressa na Bíblia no protestantismo (*Sola Scriptura*) em contraste com as obras e a liturgia na Igreja Católica. A primazia da leitura bíblica entre os pentecostais e neopentecostais ainda se dá de maneira mais divergente em relação ao catolicismo popular, que é mais propenso a absorver práticas e cultos alheios ao dogma tradicional, embora o movimento neopentecostal esteja atento às peculiaridades desses ritos para incorporá-los em sua guerra espiritual.

O fator N2 (Posicionamento Negativo frente a Deus) refere-se a atitudes e estratégias delegantes. A centralidade de Jesus na mediação do homem com Deus excluiu a necessidade de outros mediadores personificados nas figuras dos santos católicos, que podiam atender às necessidades dos fiéis conforme eram agraciados por trabalhos espirituais. Entre os pentecostais, a salvação está garantida na fé em Jesus Cristo e na entrega do fiel aos seus preceitos após o batismo. Na visão evangélica, o ato de se entregar é considerado “um ponto de inflexão crucial no processo de conversão; (...) um prelúdio para um comprometimento genuíno, um ponto em que a pessoa, depois de admitir que é uma pecadora perdida, entrega-se a Cristo como salvador” (Chong, 2015, p. 116). Podemos supor que essa ênfase no conceito de entrega entre os evangélicos também ocorra nas atitudes referentes ao enfrentamento, delegando a um poder maior o controle da vida do indivíduo.

O fator N4 (Reavaliação Negativa do Significado) abrange a presença de entidades do mal que afastam o homem de Deus e que agem para o sofrimento abater sobre o indivíduo. Também inclui percepções negativas de Deus como um agente punitivo que castiga os erros dos fiéis. O primeiro aspecto de forças diabólicas que atormentam o fiel, é um aspecto marcante das religiões neopentecostais que anunciam uma perene guerra espiritual mesmo após o batismo, pois “incessantemente o inimigo tenta, oprime, possui, escraviza e aflige suas vítimas com sofrimentos físicos e psíquicos. O príncipe deste mundo está sempre em posição de ataque (...). Deus vem em seguida para exorcizar, curar, acudir e abençoar aos que caíram nas garras do Diabo” (Mariano, 2005, p. 146). O indivíduo elabora a percepção desse conflito com o mal em termos de visão de mundo, formula “a verdadeira natureza das forças destrutivas que existem dentro de cada um e fora dele, uma forma de interpretar o assassinato, o fracasso das colheitas, a doença, os terremotos, a pobreza e a opressão de maneira tal que torne possível um tipo de convivência com tudo isso” (Geertz, 1989, p. 148).

As diferenças entre a religião católica e o cristianismo pentecostal também foram observadas em estudo anterior entre homens portadores de HIV (Mellagi, 2009). Porém, um fator de diferença que se acrescentou a esta outra amostra foi o P5 (Ações em Busca do Outro Institucional, referentes aos ritos e à procura de templos), em conjunto aos que foram observados também na amostra de militares (P1, P7, N2 e N4). Isto se deve ao fato que na amostra de portadores de HIV, os

indivíduos tinham livre acesso às suas congregações religiosas na sociedade civil, algo que não pôde ser alcançado pelos militares na missão de paz por estarem limitados às fronteiras institucionais dos batalhões. Não havia capelão evangélico no BRABAT 19 e mesmo com a presença deste capelão no BRABAT 15, ou com outros militares que assumissem a função de ministrar cultos evangélicos, as celebrações eram restritas aos dias e horários disponíveis dentro da estrutura organizacional. Sendo assim, as estratégias de enfrentamento de cada referencial religioso podem ser exacerbadas ou atenuadas, conforme as características do *locus* onde o indivíduo guarnecido por símbolos e sentidos de sua religião se depara com o estressor. É preciso um olhar atento às particularidades de cada religião e à maneira como o indivíduo recorre ao seu repertório de enfrentamento em uma dada situação. *Coping* é um processo dinâmico, assim como as religiões também o são uma vez que se transformam na sociedade contemporânea. Mesmo que muitas tradições religiosas resistam às demandas seculares, “na cultura global podemos imaginar muitos recortes, se levarmos em conta a presença ativa de indivíduos que, de acordo com este ou aquele critério, pensam e agem diversamente, construindo e manipulando de forma desigual símbolos da mesma matriz” (Prandi, 2008, p. 158).

As análises de enfrentamento religioso entre oficiais e praças também encontraram diferenças estatísticas, tanto nos modos de enfrentamento em geral quanto nas estratégias de enfrentamento religioso. As características diversas da carreira militar concorrem com outras variáveis em questão, sublinhando a complexidade no estudo do enfrentamento aos estressores deste tipo de missão por parte dos indivíduos que a compõem. As etapas da missão da MINUSTAH compreendidas neste estudo (no biênio 2011-2012 com o BRABAT 15 e no biênio 2013-2014 com o BRABAT 19) arregimentaram diferentes pessoas que atuaram em períodos diversos, havendo maior ou menor grau de determinados estressores, o surgimento de novos ou ausência de antigos. Conseqüentemente, os modos e estratégias de enfrentamento poderão apresentar diferenças, sendo elas tão úteis no estudo de determinada situação de uma missão em particular, quanto os modos e estratégias em comum que descrevem a ação dos militares neste tipo de missão.

Voltamos ao caráter abrangente das situações de crise que despertam ações de *coping*. Tanto no sentido global quanto no sentido situacional, a ameaça que permeia as situações de crise está ligada a uma percepção de incontabilidade ou

incerteza. O referencial religioso pode atuar para resgatar a segurança e os objetos de significância carregados de sentido, além de aplacar o desamparo através de uma força maior onde a fé é o motor de ação. Talvez seja o próprio sentimento de desamparo, a tônica psicológica que a crise suscita, o medo de não encontrar o sentido, de perder o que é significativo para o indivíduo. Nas palavras de Clifford Geertz (1989),

a estranha opacidade de certos acontecimentos empíricos, a tola falta de sentido de uma dor intensa ou inexorável e a enigmática inexplicabilidade da flagrante iniquidade, tudo isso levanta a suspeita inconfortável de que talvez o mundo, e portanto a vida do homem no mundo, não tenha de fato uma ordem genuína qualquer – nenhuma regularidade empírica, emocional, nenhuma coerência moral. A resposta religiosa a essa suspeita é sempre a mesma: a formulação, por meio de símbolos, de uma imagem de tal ordem genuína do mundo, que dará conta e até celebrará as ambiguidades percebidas, os enigmas e paradoxos da experiência humana (p. 123-124).

O sagrado já foi definido por Mircea Eliade (1957/1995) como a potência plena de sentido que ordena o cosmos, o tempo e o espaço sacralizados que se diferenciam da percepção caótica do tempo e espaço profanos. Quando a discrepância entre o sentido global e o sentido situacional aumenta, exigem-se esforços de *coping* para lidar com o estresse que se manifesta pela incerteza, pois “manter a coerência e consistência entre a visão de mundo e as experiências do indivíduo é um atributo básico da adaptação e atividade humanas” (Park & Folkman, 1997, p. 134).

A incerteza já foi mencionada anteriormente como fator presente tanto nas operações de guerra como nas operações de manutenção da paz. No ambiente das OMP, essa situação foi percebida pelo relato de um dos capelães (C3): “*por mais planejada que seja uma missão militar, por mais experiente que seja o militar, há sempre um componente de incerteza que só Deus pode suprir*”. Porém, não podemos esquecer que quando a situação não é assimilada pelo sentido global a ponto de contradizer o próprio sistema de crenças do indivíduo, a ameaça à estabilidade desse sistema é acrescentada ao sofrimento causado pelo estressor, às vezes até mais pungente do que situação de crise. Nesse caso, “quando não somos mais capazes de mudar uma situação (...) nós somos desafiados a mudar nós mesmos” (Frankl, 2006, p. 112). Diante de situações que exigem transformação, a resiliência não se limita a recuperar um estado de saúde física, mental e moral

prévias ao acometimento do sofrimento. Ao atravessar o processo de enfrentamento com êxito, diminuindo a discrepância dos sentidos globais e situacionais, o que resulta são mudanças no próprio indivíduo que passa a conviver com as marcas de sua experiência.

A história da participação militar brasileira na MINUSTAH contou com episódios onde o inesperado arrojou trazendo esta carga de incerteza à missão, desde o suicídio de militares (um dos quais era o *Force Commander* da MINUSTAH, general Bacellar), morte acidental ou fatal de companheiros de farda (no final de 2015, o *Force Commander* general Jaborandy faleceu de infarto agudo durante um voo de visita ao Brasil), passando por confrontos armados imprevistos, pela fragilidade institucional do Haiti (eleições adiadas, rivalidade política que irrompe manifestações de rua), até o inesperado como o terremoto de 2010, que ceifou centenas de milhares de vidas. Os modos de enfrentamento não apenas lidam com os estressores no momento que acontecem, mas são impelidos a construir um sentido para o que ocorreu através da conformidade da intensidade da experiência vivida com a abertura à compreensão do fenômeno. A linguagem da religião, por sua vez, diz sobre os limites do poder humano, e quando a vida está fora de controle e parece não haver explicação racional aos eventos, “crenças e práticas orientadas ao sagrado parecem ter uma habilidade especial para prover significado último, ordem e segurança no lugar das dúvidas humanas, caos e medo” (Pargament, Magyar-Russell & Murray-Swank, 2005, p. 676).

O estudo do enfrentamento dos boinas azuis em missões de paz é de interesse institucional das Forças Armadas, da psicologia do estresse e das políticas nacionais e internacionais da ONU ligadas à resolução de conflitos em países desestabilizados. A psicologia social da religião também se beneficia deste estudo ao investigar a miríade de ações de enfrentamento religioso nesses ambientes específicos, onde o confinamento por longo período em países vulneráveis à violência generalizada demanda por respostas adequadas, e a religião, de forma institucionalizada ou pessoal, também se adapta a esses ambientes. A capelania militar também se favorece ao compreender o vínculo do indivíduo com o sagrado em situações específicas das missões de paz, com seus estressores esperados. Caberá a estudos futuros aprofundar o estudo do enfrentamento em outros desenhos de pesquisa, para que a preparação da tropa e seu acompanhamento ao

longo da missão consigam atingir, o máximo possível, os objetivos institucionais e os objetivos pessoais carregados de sentido pelos que executam a tarefa de manutenção da paz.

## REFERÊNCIAS<sup>2</sup>

- Abu-Ras, W., & Hosein, S. (2015). Understanding resiliency through vulnerability: cultural meaning and religious practice among Muslim military personnel. *Psychology of Religion and Spirituality, 7*(3), 179-191
- Acemoglu, D. & Robinson, J. (2012). *Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Adler, A. B., Litz, B. T. & Bartone, P. T. (2003). The nature of peacekeeping stressors. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 149-167). Westport: Praeger.
- Bailey, D. C. (2009). Religious coping, trait forgiveness, and meaning as protective barriers for soldiers. Tese de Doutorado, Iowa
- Boniecki, K. A. & Britt, T. W. (2003). Prejudice and the peacekeeper. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 53-70). Westport: Praeger.
- Brelsford, G. & Friedberg, R. D. (2011). Religious and spiritual issues: family therapy approaches with military families coping with deployment. *Journal of Contemporary Psychotherapy, 41*(4), 255-262
- Briere, J. (2004). *Psychological Assessment of Adult Posttraumatic States: phenomenology, diagnosis, and measurement*. Washington: APA.
- Britt, T. W. (2003). Can participation in peacekeeping missions be beneficial? The importance of meaning as a function of attitudes and identity. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 71-88). Westport: Praeger.
- Britt, T. W., & Adler, A. B. (2003). The psychology of the peacekeeper: an introductory framework. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 3-10). Westport: Praeger.
- Cajou, P. P. (2013). *O processo de democratização do Haiti e suas limitações*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.
- Castanho, A. M. C. (2009). *Stress e Sintomas de Stress Pós-Traumático: a PSP nas Missões Internacionais*. Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget Campus Universitário de Almada, Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares, Almada.

---

<sup>2</sup> De acordo com o estilo da APA (American Psychological Association)

- Castro, C. A. (2003). Considerations when conducting psychological research during peacekeeping missions: the scientist and the commander. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp.11-27). Westport: Praeger.
- Chong, K. H. (2015). Feminine habitus: rethoric and rituals of conversion and commitment among contemporary South Korean evangelical women. In Coleman, S. & Hackett, R. I. J. (Eds.) *The Anthropology of Global Pentecostalism and Evangelicalism* (pp. 109-128). New York: New York University Press.
- Clausewitz, C. v. (1832/2003). *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes
- Cornum, R. L. & Lester, P. B. (2012). Comprehensive Soldier Fitness: why? And why now? In J.H. Lawrence and M.D. Matthews (Orgs.), *The Oxford Handbook of Military Psychology* (pp. 4-14). New York: Oxford University Press.
- Currier, J. M., Holland, J. M., & Drescher, K. D. (2015). Spirituality factors in the prediction of outcomes of PTSD treatment for U. S. military veterans. *Journal of Traumatic Stress, 28*, 57-64
- Eliade, M. (1957/1995). *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkel-Schetter, C., DeLongis, A. & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology, 50* (5), 992-1003
- Folkman, S. (Ed.). (2011). *The Oxford Handbook of Stress, Health, and Coping*. New York: Oxford University Press.
- Franke, V. C. (2003). The social identity of peacekeeping. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 31-51). Westport: Praeger.
- Frankl, V. E. (2006). *Man's Search for Meaning*. Boston: Beacon Press.
- Galantino, M. G. (2003). Work motivation and the peacekeeper. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 111-125). Westport: Praeger.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Hourani, L. L., Williams, J., Forman-Hoffman, V., Lane, M. E., Weimer, B. & Bray, R. M. (2012) Influence of Spirituality on Depression, Posttraumatic Stress Disorder, and Suicidality in Active Duty Military Personnel. *Depression Research and Treatment, 2012*, 1-9 doi:10.1155/2012/425463
- James, C. L. R. (1989). *The Black Jacobins: Toussaint l'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York: Vintage Books.



- Larner, B. & Blow, A. (2011). A model of meaning-making coping and growth in combat veterans. *Review of General Psychology*, 15(3), 187-197
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal, and Coping*. New York: Springer.
- Lundahl, M. (1989). History as an Obstacle to Change: the case of Haiti. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 31 (1-2), 1-21
- Mariano, R. (2005). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola
- Mellagi, A. G. (2009). *O Enfrentamento Religioso em Pacientes portadores de HIV/AIDS: um estudo psicossocial entre homens católicos e evangélicos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.
- Ministério da Defesa (2013). *MD34-M-02 Manual de Operações de Paz*
- Moldjord, C., Fossum, L. K., & Holen, A. (2003). Coping with peacekeeping stress. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 169-184). Westport: Praeger.
- Monteiro da Silva, A. M. & Teixeira Júnior, J. C. (2006). Estressores e reações de estresse em tropas de paz brasileiras o Haiti: um estudo comparativo entre os contingentes I e II. In J. C. Gomes & S. L. Schaffel (orgs.), *Coletânea de Artigos Científicos – 2006* (pp. 106-118). Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal
- Neves, G. M. (2009). *Comissão das Nações Unidas para Consolidação da Paz: perspectiva brasileira*. Brasília: FUNAG.
- ONU (2004). *Security Council – Resolution 1542*. Recuperado em 6 de janeiro de 2016, de <http://www.refworld.org/docid/48bfc5642.html>
- ONU (2008). *United Nations Peacekeeping Operations: principles and guidelines*. Recuperado em outubro de 2013 de [http://pbpu.unlb.org/pbps/Library/Capstone\\_Doctrine\\_ENG.pdf](http://pbpu.unlb.org/pbps/Library/Capstone_Doctrine_ENG.pdf)
- ONU (2015). Troop and police contributors archive. Recuperado em julho de 2015, de [http://www.un.org/en/peacekeeping/resources/statistics/contributors\\_archive.shtml](http://www.un.org/en/peacekeeping/resources/statistics/contributors_archive.shtml)
- Panzini, R.G. (2004). *Escala de Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE): tradução, adaptação e validação da Escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.

- Panzini, R.G. & Bandeira, D.R. (2005). Escala de *Coping* Religioso-Espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 507-516
- Panzini, R. G. & Bandeira, D.R. (2006). *Validação da Escala de Coping Religioso/Espiritual Abreviada (Escala CRE-Breve)*. Manuscrito não-publicado, 2006
- Pargament, K. I. (2005). The sacred and the search of significance: religion as a unique process. *Journal of Social Issues*, 61(4), 665-687
- Pargament, K. I. (1999). The psychology of religion *and* spirituality? Yes and no. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 9(1), 3-16
- Pargament, K. I. (1997). *The Psychology of Religion and Coping*. New York: The Guilford Press.
- Pargament, K. I., & Sweeney, P. J. (2011). Building spiritual fitness in the Army: an innovative approach to a vital aspect of human development. *American Psychologist*, 66(1), 58-64
- Pargament, Koenig & Perez (2000). The many methods of religious coping: development and initial validation of the RCOPE. *Journal of Clinical Psychology*, 56(4), 519-543
- Pargament, K. I., & Park, C. L. (1995). Merely a defense? The variety of religious means and ends. *Journal of Social Issues*, 51(2), 13-32
- Pargament, K. I., Smith, B. W., Koenig, H. G., & Perez, L. (1998). Patterns of positive and negative religious coping with major life stressors. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 37(4), 710-724
- Pargament, K. I., Kennel, J., Hathaway, W., Grevengoed, N., Newman, J., & Jones, W. (1988). Religion and the problem-solving process: three styles of coping. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 27(1), 94-104
- Park, C. L. (2005). Religion as a meaning-making framework in coping with life stress. *Journal of Social Issues*, 61(4), 707-729
- Park, C. L. & Folkman, S. (1997). Meaning in the context of stress and coping. *Review of General Psychology*, 1(2), 115-144
- Phillips III, R. E., Pargament, K. I., Lynn, Q. K., & Crossley, C. D. (2004). Self-directing religious coping: a deistic God, abandoning God, or no God at all? *Journal for the Scientific Study of Religion*, 43(3), 409-418
- Prandi, R. (2008). Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, 20(2), 155-172

- Pupo, M. C. (2014). *Estudo de seguimento de quarto anos de uma coorte de indivíduos expostos à violência urbana*. Tese de Doutorado, UNIFESP, Escola Paulista de Medicina, São Paulo.
- Sareen, J., Cox, B. J., Afifi, T. O., Stein, M. B., Belik, S., Meadows, G., & Asmundson, G. J. G. (2007). Combat and peacekeeping operations in relation to prevalence of mental disorders and perceived need for mental health care. *Archives of General Psychiatry*, 64 (7), pp. 843-852.
- Schincariol, M. F., & Vasconcellos, A. C. (2001). Suporte psicossocial a familiares de militares durante operação de manutenção de paz. *Psicologia: Teoria e Prática*, 3(2), 37-45
- Schok, M. L., Kleber, R. J., Elands, M. & Weerts, J. M. P. (2008). Meaning as a mission: a review of empirical studies on appraisals of war and peacekeeping experiences. *Clinical Psychology Review*, 28 (2008), 357-365
- Schok, M. L., Kleber, R. J. & Lensvelt-Mulders, G. J. L. M. (2010). A model of resilience and meaning after military deployment: personal resources in making sense of war and peacekeeping experiences. *Aging & Mental Health*, 14 (3), 328-338
- Seidl, Tróccoli & Zannon (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 225-234
- Souza, W. F. (2011). *Estudo Prospectivo do Impacto da Violência na Saúde Mental das Tropas de Paz Brasileiras no Haiti*. Tese de Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), Rio de Janeiro.
- Souza, W. F., Figueira, I., Mendlowicz, M. V., Volchan, E., Mendonça-de-Souza, A. C., Duarte, A. F., Monteiro da Silva, A. M., Marques Portela, C., Mari, J. J., & Coutinho, E. S. (2008). Negative affect predicts posttraumatic symptoms in Brazilian volunteer United Nations peacekeepers in Haiti. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 196 (11), pp. 852-855.
- Tolstói, L. (1879/1987). *A Confession and other religious writings*. Londres: Penguin Books.
- Valdés, J. G. (2008). La Minustah y la reconstrucción del estado haitiano. *Estudios Internacionales*, 40 (159), 129-142
- Wagner, A. W. & Jakupcak, M. (2012). Combat related stress reactions and suicide among US veterans of war-time service. In J.H. Lawrence and M.D. Matthews (Eds.), *The Oxford Handbook of Military Psychology* (pp.15-28). New York: Oxford University Press
- Weisaeth, L. (2003). The psychological challenge of peacekeeping operations. In T. W. Britt & A. B. Adler (Orgs.), *The Psychology of the Peacekeeper* (pp. 207-222). Westport: Praeger.

## ANEXO A

## FORMULÁRIO GERAL

## I. IDENTIFICAÇÃO DO FORMULÁRIO:

1. Código do(a) entrevistado(a)	_____
2. Data da entrevista	_____/_____/_____

## II. IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A):

3. Idade	_____
4. Local de nascimento	Cidade:_____ Estado:_____
5.	Sexo 1. ( ) Masculino 2. ( ) Feminino
6.	Sub-Unidade BRABAT:_____ Função:_____
7.	Qual seu posto/graduação?  1. ( ) Cabo/Soldado 2. ( ) 1º/ 2º/ 3º Sargento 3. ( ) Subtenente 4. ( ) 1º/2º Tenente 5. ( ) Capitão 6. ( ) Major 7. ( ) Coronel/Tenente-Coronel
8.	Qual seu estado civil?  1. ( ) Solteiro 2. ( ) Casado 3. ( ) Separado 4. ( ) Viúvo 5. ( ) Moro junto com companheiro (a)

9.	Qual a sua escolaridade (até que série você estudou)? 1. ( ) Até o 1º Grau ou Ensino Fundamental (até 8 anos de estudo) 2. ( ) Até o 2º Grau ou Ensino Médio (de 8 a 11 anos de estudo) 3. ( ) Ensino Superior Incompleto (de 11 a 15 anos de estudo) 4. ( ) Ensino Superior Completo (de 15 a 17 anos de estudo) 5. ( ) Pós-graduação (mestrado ou doutorado, mais de 17 anos de estudo)
10.	Já participou de alguma outra missão de paz? 1. ( ) Não 2. ( ) Sim. Quantas vezes? _____
11.	Há quanto tempo está no Exército? _____ anos

### III. EXPERIENCIA DE ESTRESSE DURANTE A MISSÃO

12.	Avalie o grau de dificuldade percebido em relação às <b>missões desempenhadas no Haiti</b> : 1.( ) Muito difícil 2.( ) Difícil 3.( ) Mais ou menos difícil 4.( ) Pouco difícil 5.( ) Nada difícil
13.	Avalie o grau de dificuldade percebido em relação ao <b>afastamento da família e dos amigos que ficaram no Brasil</b> : 1.( ) Muito difícil 2.( ) Difícil 3.( ) Mais ou menos difícil 4.( ) Pouco difícil 5.( ) Nada difícil
14.	Avalie o grau de dificuldade percebido em relação ao <b>convívio com companheiros de farda</b> : 1.( ) Muito difícil 2.( ) Difícil 3.( ) Mais ou menos difícil 4.( ) Pouco difícil 5.( ) Nada difícil
15.	Descreva, em termos gerais, quais suas maiores dificuldades enfrentadas durante sua missão no Haiti: _____ _____ _____ _____ _____

## IV. VIDARELIGIOSA

16.	<p>Qual a sua religião?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Catolicismo</li> <li>2. ( ) Protestantismo Histórico (Luterano, Batista, Metodista, Presbiteriano, etc.)</li> <li>3. ( ) Cristianismo Pentecostal (Congregação Cristã, Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, IURD, Renascer, Bola de Neve, Sara Nossa Terra, etc.)</li> <li>4. ( ) Espírita kardecista</li> <li>5. ( ) Afro-brasileira (umbanda ou candomblé)</li> <li>6. ( ) Outra. Qual? _____</li> </ol>
17.	<p>Quantas vezes costuma frequentar um templo religioso no Brasil (igreja, centro, terreiro, etc)?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Nunca</li> <li>2. ( ) De 1 a 5 vezes por ano</li> <li>3. ( ) Uma vez por mês</li> <li>4. ( ) De duas a três vezes por mês</li> <li>5. ( ) Uma vez por semana</li> <li>6. ( ) Mais de uma vez por semana</li> <li>7. ( ) Somente quando necessito ou quero</li> </ol>
18.	<p>Costuma frequentar o serviço religioso da Capelania Militar no Brasil?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Sim</li> <li>2. ( ) Não</li> <li>3. ( ) Às vezes</li> </ol>
19.	<p>Frequentou o serviço religioso da Capelania Militar durante a Missão de Paz?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Sim</li> <li>2. ( ) Não</li> <li>3. ( ) Às vezes</li> </ol>
20.	<p>Como considera o papel que sua religião tem na resolução de seus <b>problemas do dia-a-dia</b>?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Nada importante</li> <li>2. ( ) Um pouco importante</li> <li>3. ( ) Mais ou menos importante</li> <li>4. ( ) Bastante importante</li> <li>5. ( ) Muito importante</li> </ol>
21.	<p>Como considera o papel que sua religião tem na resolução de <b>problemas graves</b>?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. ( ) Nada importante</li> <li>2. ( ) Um pouco importante</li> <li>3. ( ) Mais ou menos importante</li> <li>4. ( ) Bastante importante</li> <li>5. ( ) Muito importante</li> </ol>

## ANEXO B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor para participar da Pesquisa "*Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento", sob a responsabilidade do pesquisador André Gonçalves Mellagi (inscrito no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e capitão do Exército Brasileiro, servindo no HMASP), a qual pretende investigar o recurso religioso de enfrentamento ao estresse entre militares que participaram de uma Missão de Paz da Organização das Nações Unidas. Sua participação é voluntária e se dará por meio deste formulário. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são praticamente nulos, uma vez que todos seus dados estarão sob sigilo e nenhuma informação fornecida servirá a outro propósito que não sejam os objetivos da referida pesquisa. Se o senhor aceitar participar, estará contribuindo para os profissionais que prestam auxílio aos militares em missões de paz (seja auxílio espiritual, psicológico, social ou médico), adquirirem uma maior compreensão dos processos que envolvem a religião no combate ao estresse. Se depois de consentir em sua participação o senhor desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O senhor não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Esta pesquisa não tem nenhuma função institucional do Exército Brasileiro em termos de avaliação ou desmobilização do Contingente Brasileiro da MINUSTAH. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o senhor poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço rua Aibi, 88 apto 12, CEP 05054-010, São Paulo-SP e pelo telefone (11) 30234036 e (11) 970303500

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

### ESCALA MODOS DE ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS

Código : \_\_\_\_\_

As pessoas reagem de diferentes maneiras a situações difíceis ou estressantes. Pense em uma situação ou problema que mais produziu estresse para o senhor durante a Missão de Paz da qual participou.

Para responder ao questionário, tenha em mente as coisas que você fez, pensou ou sentiu para enfrentar esta situação ou problema, **no momento em que esteve na missão.**

Veja um exemplo: **Eu busquei ajuda profissional para enfrentar o meu problema**

1	2	3	4	5
<b>Eu nunca faço isso</b>	<b>Eu faço isso um pouco</b>	<b>Eu faço isso às vezes</b>	<b>Eu faço isso muito</b>	<b>Eu faço isso sempre</b>

O senhor deve assinalar a alternativa que corresponde melhor ao que fez quanto à busca de ajuda profissional para enfrentar o seu problema. Se não buscou ajuda profissional, marque com um X ou um círculo o número 1 (nunca faço isso); se buscou sempre esse tipo de ajuda, marque o número 5 (eu faço isso sempre). Se a sua busca de ajuda profissional é diferente dessas duas opções, marque 2, 3 ou 4, conforme ela está ocorrendo.

Não há respostas certas ou erradas. O que importa é como o senhor está lidando com a situação. Pedimos que responda a todas as questões, não deixando nenhuma em branco.



1	2	3	4	5
Eu nunca faço isso	Eu faço isso um pouco	Eu faço isso às vezes	Eu faço isso muito	Eu faço isso sempre

- |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Eu levei em conta o lado positivo das coisas. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Eu me culpei. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Eu me concentrei em alguma coisa boa que pudesse vir daquela situação. ....                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Eu tentei guardar meus sentimentos para mim mesmo. ....                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Procurei um culpado para a situação. ....  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Esperei que um milagre acontecesse. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Pedi conselho a um parente ou a um amigo que eu respeitasse. ....                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Eu rezei/orei.....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Conversei com alguém sobre como estava me sentindo. ....                                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Eu insisti e lutei pelo que eu queria. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Eu me recusei a acreditar que aquilo estivesse acontecendo. ....                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Eu briguei comigo mesmo; eu fiquei falando comigo mesmo o que devia fazer. ....             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Descontei em outras pessoas. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Encontrei diferentes soluções para o meu problema. ....                                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Tentei ser uma pessoa mais forte e otimista. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Eu tentei evitar que os meus sentimentos atrapalhassem em outras coisas na minha vida. .... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Eu me concentrei nas coisas boas da minha vida. ....  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Eu desejei mudar o modo como eu me sentia. ....   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

1	2	3	4	5
Eu nunca faço isso	Eu faço isso um pouco	Eu faço isso às vezes	Eu faço isso muito	Eu faço isso sempre

19. Aceitei a simpatia e a compreensão de alguém. .... 1 2 3 4 5
20. Demonstrei raiva para as pessoas que causaram o problema. .... 1 2 3 4 5
21. Pratiquei mais a religião desde que tive aquele problema. .... 1 2 3 4 5
22. Eu percebi que eu mesmo trouxe o problema para mim. .... 1 2 3 4 5
23. Eu me senti mal por não ter podido evitar o problema. .... 1 2 3 4 5
24. Eu sabia o que devia ser feito e aumentei meus esforços para ser bem sucedido. .... 1 2 3 4 5
25. Eu achei que as pessoas foram injustas comigo. .... 1 2 3 4 5
26. Eu sonhei ou imaginei um tempo melhor do que aquele em que estava. .... 1 2 3 4 5
27. Tentei esquecer o problema todo. .... 1 2 3 4 5
28. Mudei e me tornei uma pessoa mais experiente. .... 1 2 3 4 5
29. Eu culpei os outros. .... 1 2 3 4 5
30. Eu lembrei que as coisas poderiam ser piores. .... 1 2 3 4 5
31. Conversei com alguém que pudesse fazer alguma coisa para resolver o meu problema. .... 1 2 3 4 5
32. Eu tentei não agir tão precipitadamente ou seguir minha primeira idéia. .... 1 2 3 4 5
33. Mudei alguma coisa para que as coisas acabassem dando certo. .... 1 2 3 4 5
34. Procurei me afastar das pessoas em geral. .... 1 2 3 4 5
35. Eu imaginei e tive desejos sobre como as coisas poderiam acontecer. .... 1 2 3 4 5
36. Encarei a situação por etapas, fazendo uma coisa de cada vez. .... 1 2 3 4 5
37. Descobri quem mais é ou foi responsável. .... 1 2 3 4 5

1	2	3	4	5
Eu nunca faço isso	Eu faço isso um pouco	Eu faço isso às vezes	Eu faço isso muito	Eu faço isso quase sempre

38. Pensei em coisas fantásticas ou irreais (como uma vingança perfeita ou achar muito dinheiro) que me fizessem sentir melhor. .... 1 2 3 4 5
39. Eu saí dessa experiência melhor do que entrei nela. .... 1 2 3 4 5
40. Eu disse a mim mesmo o quanto já consegui. .... 1 2 3 4 5
41. Eu desejaria poder mudar o que aconteceu comigo. .... 1 2 3 4 5
42. Eu fiz um plano de ação para resolver o meu problema e o cumpri..... 1 2 3 4 5
43. Conversei com alguém para obter informações sobre a situação. .... 1 2 3 4 5
44. Eu me apeguei à minha fé para superar esta situação. .... 1 2 3 4 5
45. Eu tentei não fechar portas atrás de mim. Tentei deixar em aberto várias saídas para o problema. .... 1 2 3 4 5

Favor verificar se todos os itens foram preenchidos.

## ANEXO D

Cód. Nº
---------

**ESCALA CRE-BREVE**

(PANZINI; BANDEIRA, 2005)

Estamos interessados em saber se e o quanto o senhor utiliza a religião e a espiritualidade para lidar com a situação de estresse durante a Missão de Paz. Considere os momentos mais difíceis que teve que suportar, como por exemplo o afastamento da família, a rotina no quartel, o convívio com companheiros de farda e com militares de outros países, as operações de patrulha, o serviço, problemas de saúde, as relações com a população local numa cultura diferente, etc.

As frases abaixo descrevem atitudes que podem ser tomadas em situações de estresse. Circule o número que melhor representa **o quanto o senhor fez ou não o que está escrito em cada frase para lidar com o estresse durante a Missão de Paz**. Ao ler as frases, entenda o significado da palavra Deus segundo seu próprio sistema de crença (aquilo que você acredita).

Exemplo:

**Tentei dar sentido à situação através de Deus.**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

Se **não** tentou, **nem um pouco**, dar sentido à situação através de Deus, faça um círculo no número (1)

Se tentou **um pouco**, circule o (2)

Se tentou **mais ou menos**, circule o (3)

Se tentou **bastante**, circule o (4)

Se tentou **muitíssimo**, circule o (5)

**Lembre-se: Não há opção certa ou errada**

**Marque só uma alternativa em cada questão.**

**Seja sincero(a) nas suas respostas e não deixe nenhuma questão em branco!**

**1. Orei pelo bem-estar de outros**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**2. Procurei o amor e a proteção de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**3. Não fiz muito, apenas esperei que Deus resolvesse meus problemas por mim**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**4. Procurei trabalhar pelo bem-estar social**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**5. Procurei ou realizei tratamentos espirituais**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**6. Procurei em Deus força, apoio e orientação**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**7. Senti insatisfação com os representantes religiosos de minha instituição**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**8. Pedi a Deus que me ajudasse a encontrar um novo propósito na vida**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**9. Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**10. Realizei atos ou ritos espirituais** (qualquer ação especificamente relacionada com sua crença: sinal da cruz, confissão, jejum, rituais de purificação, citação de provérbios, entoação de mantras, psicografia, etc.)

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**11. Tive dificuldades para receber conforto de minhas crenças religiosas**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**12. Fiz o melhor que pude e entreguei a situação a Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**13. Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**14. Pratiquei atos de caridade moral e/ou material**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**15. Procurei me aconselhar com meu guia espiritual superior** (anjo da guarda, mentor, etc)

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**16. Voltei-me a Deus para encontrar uma nova direção de vida**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**17. Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir a ajuda de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**18. Tentei proporcionar conforto espiritual a outras pessoas**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**19. Fiquei imaginando se Deus tinha me abandonado**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**20. Pedi para Deus me ajudar a ser melhor e errar menos**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**21. Pensei que o acontecido poderia me aproximar mais de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**22. Não tentei lidar com a situação, apenas esperei que Deus levasse minhas preocupações embora**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**23. Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**24. Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**25. Orei para descobrir o objetivo de minha vida**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**26. Fui a um templo religioso**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**27. Busquei proteção e orientação de entidades espirituais (santos, espíritos, orixás, etc)**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**28. Imaginei se minha instituição religiosa tinha me abandonado**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**29. Procurei por um total re-despertar espiritual**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**30. Confiei que Deus estava comigo**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**31. Comprei ou assinei revistas periódicas que falavam sobre Deus e questões espirituais**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**32. Pensei que Deus não existia**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**33. Questionei se até Deus tem limites**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**34. Busquei ajuda ou conforto na literatura religiosa**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**35. Pedi perdão pelos meus erros**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**36. Particpei de sessões de cura espiritual**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo



**37. Questionei se Deus realmente se importava**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**38. Tentei fazer o melhor que podia e deixei Deus fazer o resto**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**39. Envolvi-me voluntariamente em atividades pelo bem do próximo**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**40. Ouvi e/ou cantei músicas religiosas**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**41. Sabia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**42. Recebi ajuda através de imposição das mãos (passes, rezas, bênçãos, magnetismo, reiki, etc.)**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**43. Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**44. Senti que meu grupo religioso parecia estar me rejeitando ou me ignorando**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**45. Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**46. Procurei auxílio nos livros sagrados**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**47. Tentei mudar meu caminho de vida e seguir um novo: o caminho de Deus**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**48. Culpei Deus pela situação, por ter deixado acontecer**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**49. Refleti se não estava indo contra as leis de Deus e tentei modificar minha atitude**

(1) nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

**OBRIGADO POR PARTICIPAR!**

## ANEXO E

### ENFRENTAMENTO RELIGIOSO DE MILITARES EM MISSÃO DE PAZ

Convidamos o senhor para participar da Pesquisa "*Peacekeepers* e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento", sob a responsabilidade do pesquisador André Gonçalves Mellagi (inscrito no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e capitão do Exército Brasileiro, servindo no HMASP), a qual pretende investigar o recurso religioso de enfrentamento ao estresse entre militares que participaram de uma Missão de Paz da Organização das Nações Unidas. Sua participação é voluntária e se dará por meio deste formulário. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são praticamente nulos, uma vez que todos seus dados estarão sob sigilo e nenhuma informação fornecida servirá a outro propósito que não sejam os objetivos da referida pesquisa. Se o senhor aceitar participar, estará contribuindo para os profissionais que prestam auxílio aos militares em missões de paz (seja auxílio espiritual, psicológico, social ou médico), adquirirão uma maior compreensão dos processos que envolvem a religião no combate ao estresse. Se depois de consentir em sua participação o senhor desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O senhor não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o senhor poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço rua Aibi, 88 apto 12, CEP 05054-010, São Paulo-SP e pelo telefone (11) 30234036 e (11) 970303500

#### DADOS GERAIS

Nome de Guerra (não será divulgado)

Por favor, preencha os dados abaixo:

Idade

Cidade onde nasceu

Estado onde nasceu

Patente

Organização Militar atual

Filiação Religiosa

Tempo de Serviço (em anos)

Quantas Missões de Paz o senhor já participou?

## QUESTÕES

1. Como era realizado o serviço religioso durante a missão de paz no Haiti? (indicar quais serviços eram praticados tais como cultos, missas, reuniões, palestras, atendimento religioso e/ou social à população local, periodicidade)
2. Havia militares de outras religiões que participavam de seus cultos? Havia militares de outros países? (indicar se havia cultos ecumênicos, trânsito de militares em diferentes religiões, como era a prática religiosa de militares onde não havia capelão de mesma filiação religiosa, se havia participação de capelães militares de outros países)
3. Que eventos estressantes (dificuldades) os militares tinham que enfrentar durante a missão de paz que o senhor percebia?
4. De que maneira os serviços da capelania militar auxiliava os militares a lidar com essas dificuldades?
5. Na relação com a população, como era o convívio com práticas religiosas locais?
6. Quais particularidades o senhor observou no serviço de capelania realizado durante a Missão de Paz em comparação com o serviço da capelania que é feito no Brasil?